

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

SARAH LORIATO RODRIGUES

***MI PARLO TALIÀN: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO
BILINGUISMO PORTUGUÊS-DIALETO ITALIANO NO MUNICÍPIO
DE SANTA TERESA, ESPÍRITO SANTO***

VITÓRIA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

***MI PARLO TALIÀN: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO
BILINGUISMO PORTUGUÊS-DIALETO ITALIANO NO MUNICÍPIO
DE SANTA TERESA, ESPÍRITO SANTO***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Edenize Ponzo Peres.
Coorientador: Prof. Dr. Alexsandro R. Meireles.

VITÓRIA

2015

*Aos teresenses, seus descendentes
e seus antepassados.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela proteção e por colocar em meu caminho pessoas que me ajudaram, tornando possível a realização deste estudo. A toda minha família, que sempre me apoiou nessa caminhada. Em especial minha mãe, pelo amor, incentivo e por ter cultivado em mim o amor pela *nostra Italia*. A minha irmã Selma, pela amizade e companheirismo. A minha irmã Juliana, pela leitura desta dissertação e por suas sugestões valiosas. Ao Nicola, por ser sempre tão presente na minha vida, mesmo quando está distante. A minha prima, Ana Senair Viganò, que muito me ajudou durante a coleta de dados. A Laretta e Bruna, pelo carinho com o qual me receberam em Camposampiero, Padova – terra de origem de meus ancestrais. Retornar a esse lugar 137 anos após eles terem partido da Itália para Santa Teresa, e ainda ser tão bem recebida por vocês, foi uma grande emoção.

Meu agradecimento especial a minha orientadora Edenize Ponzio Peres, pela orientação, por acreditar no meu trabalho e pelo incentivo. Muito obrigada por ter me recebido em seu projeto desde a graduação. Foi ali que tudo começou! Agradecimento especial também ao meu coorientador Alessandro R. Meireles, pela disponibilidade e por compartilhar comigo seu conhecimento. À profa. Annita Gullo, pelas informações preciosas e por ter aceitado participar da banca examinadora, o que me deixou muito feliz. À profa. Janayna Casotti pelos valiosos comentários e sugestões, quando do exame de qualificação do mestrado. Ao prof. Rivaldo por ter aceitado participar da minha defesa.

À profa. Chiara Meluzzi, por ajudas que seria impossível numerar. Ao prof. Cinotto e a Giampiero Rorato, pelas referências bibliográficas fornecidas. A Giulia Biasco, pela amizade e apoio durante o período em que estive em Veneza. A Vincenzo Braga, Antonietta Favaretto e Caterina Tonello, por terem me ajudado durante a coleta de dados no Vêneto.

A Renzo Tommasi e toda sua família, por terem me ajudado e me recebido tão bem em Trento. A Silvia Gradin, Bianca Caserotto e Pio Rattin, que tão gentilmente me receberam em Canal San Bovo. A Gabriele Mattedi, Diego Dalmonech, Gino Tramontin, Fabio Vitali e Vittorio Ingegneri, por terem

me presenteado com livros valiosíssimos. A Milena Bassoli, funcionária da *Biblioteca Comunale di Trento*, que tanto me ajudou durante a pesquisa bibliográfica.

Agradeço a Elga e à família Disperdi, Daniele Marconcini e Alessandro Fracassi, por terem me recebido tão bem em Mântova. A Licia Mari, Mons. Giancarlo Manzoli, Alessandra Pignatta, Gilberto Scuderi, Raffaella Tessaro, Luigi Tacconi, Maria Armani, Domizio Bagnara, Antonella Giordani, Antonella Mott, Diego Margon, Biancamaria Bazzanella e Mariano Monauni, pela valiosa ajuda durante a coleta de dados na Itália.

Agradecimento especial a Clarinda Ferrari, Antônio Angelo Zurlo, Célio Perini, Luiza do Carmo Loss, Maria Ana Loss, Amelia Giurizzato, Lourdes Gozzer, Valentin Vago e Giuvêncio Pedroni. Aos amigos Gustavo, Daniele e Patrick, por sempre torcerem por mim. Aos ex-colegas de trabalho e amigos do Fisk da Praia da Costa, Aladir, Antônio e Leila. Aos meus alunos-amigos Ana, Helena e Nicodemus. As amigas Kriscila e Marilda, por terem me incentivado a realizar esse curso.

A Raquelli, pelo apoio e amizade sincera durante o período do mestrado. A todos os professores que contribuíram para a minha formação desde o ensino fundamental até o mestrado. À profa. Penha Lins, pela agilidade com que preparou a documentação para que eu pudesse participar do programa *Visiting Students* junto a *Università Ca'Foscari di Venezia*. A Luciana, secretaria do PPGEL, por sempre ter me ajudado quando precisei.

Aos funcionários dos Arquivos de Estado do Espírito Santo e das paróquias, dioceses, prefeituras e Arquivos de Estado italianos, pela ajuda durante a pesquisa.

À FAPES e à CAPES pelas bolsas de estudo concedidas.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todas as famílias teresenses e italianas, que com muito carinho me receberam. Obrigada por compartilharem comigo suas histórias de vida, sentimentos e recordações. Sem a ajuda de vocês, este estudo não teria sido realizado.

RESUMO

A presente dissertação investiga o atual estágio de manutenção das variedades dialetais da Itália setentrional no município de Santa Teresa, localizado na região serrana do Espírito Santo. Este trabalho se justifica porque, após 141 anos da chegada dos primeiros italianos a esse município, ainda não existem estudos que abordem questões relacionadas aos dialetos italianos da localidade. Considerando esse cenário, o objetivo deste estudo é oferecer um panorama da situação bilíngue português-dialeto italiano no município, com a identificação das áreas de maior ou menor uso do dialeto e ainda os fatores determinantes para a escolha linguística, os domínios de uso e as atitudes linguísticas dos falantes. Um segundo objetivo do estudo foi documentar algumas tradições orais italianas ainda presentes em Santa Teresa. Os dados foram coletados por meio de observação participante, questionário sociolinguístico e 146 entrevistas semiestruturadas, nas quais os informantes foram divididos por *local de residência* (zona rural e urbana) e em três *faixas etárias* (entre 08-30 anos, 31-60 e acima de 60 anos de idade). Os resultados encontrados revelam que o termo *taliàn*, que significa *italiano* nos dialetos da Itália setentrional (cf. BOERIO, 1856; RICCI, 1906 etc.), é usado pela maior parte dos falantes da faixa etária acima de 60 anos das zonas rural e urbana. Analisando diacronicamente o processo de uso do dialeto italiano através dos diferentes domínios, no período da infância dos informantes e na atualidade, é possível verificar a perda do dialeto no trajeto de vida dos falantes das faixas etárias de 31-60 anos e dos acima de 60 anos. Entre os informantes da faixa etária de 08-30 anos, verifica-se um quase completo monolinguismo português. Entre os informantes da faixa etária de 31-60 anos, o uso do dialeto italiano é fortemente influenciado pela idade do interlocutor: usam-no mais com seus avós do que com seus pais, e com seus pais mais do que com seus irmãos. Entretanto, nenhum informante desta faixa etária relatou usar o dialeto italiano com os filhos. Em resumo, o uso do dialeto italiano somente entre os membros mais idosos indica o processo de sua substituição pelo português e aponta que sua transmissão às gerações mais jovens está seriamente

ameaçada. A análise das atitudes linguísticas dos informantes acima de 60 anos permitiu constatar o desprestígio e o preconceito em relação ao uso do dialeto no período da infância dos informantes. Por outro lado, os relatos em relação ao uso do dialeto na atualidade referem-se à associação da língua e da cultura de origem italiana com elementos positivos; à vontade explícita de manutenção do dialeto pelos adultos e idosos, à recuperação da língua de imigração pelos informantes de 08-30 anos. Aliás, entre os mais jovens, percebe-se uma tentativa de retorno às origens, de valorização da cultura e da língua dos antepassados.

Palavras-chave: Contato linguístico. Bilinguismo. Dialectos da Itália setentrional. Tradição oral.

ABSTRACT

This dissertation investigates the present status of maintenance of northern dialectal varieties of Italian in Santa Teresa, located in the mountains of Espírito Santo state in Brazil. This work is justified because 141 years after the arrival of the first Italians in this town, there still have been no studies of the Italian dialects spoken in the area. Considering this scenario, the objective of this study is to offer an overview of the Portuguese-Italian bilingual situation in the municipality, with identification of the areas of greater or lesser use of the dialect, the determining factors in language choice, domains of use, and linguistic attitudes of the speakers. A second objective of the study was to document some oral Italian traditions still present in Santa Teresa. The data were collected through participatory observation, a sociolinguistic questionnaire, and 146 partly structured interviews, in which the informants were divided by *place of residence* (rural or urban areas), and by three *age groups* (from 8-30 years of age, 31-60, and over 60). The results reveal that the term *taliàn*, which means 'Italian' in the dialects of northern Italy (cf. Boerio, 1956, Ricci, 1906, etc.) is used by most speakers in the over-sixty age group in rural and urban areas. Analyzing the use of the Italian dialect diachronically through different domains, in the childhood period of the informants and at the present time, it is possible to verify the loss of the dialect over the life of the speakers in the 31-60 and over-60 age groups. Among informants in the 8-30 age group, almost complete Portuguese monolingualism is found. Among those between 31 and 60 years of age, the use of the Italian dialect is strongly influenced by the age of the interlocutor: it is more common with grandparents than with parents, and more common with parents than with siblings. However, no informant of this age group reported using the Italian dialect with their children. In summary, the use of the Italian dialect only among the oldest members indicates the process of replacement by Portuguese and points to the fact that its transmission to younger generations is seriously hampered. The analysis of linguistic attitudes of the informants over 60 revealed a lack of prestige and prejudice against using the dialect during the informants' childhoods. On the other hand, reports

concerning the use of the dialect at the present time mention association of the language and culture of Italian origin with positive feelings. There is evidence of an explicit desire of adults and elders to maintain the dialect, and interest in recovery of the language of immigration by informants from 8 to 30 years of age. In fact, among the youngest, an attempt is evident to return to their origins, along with attributing value to the culture and language of their ancestors.

Keywords: Linguistic contact. Bilingualism. Northern Italian dialects. Oral tradition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz comemorativo da Festa da Uva e do Vinho	80
---	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Placa comemorativa exposta na zona urbana de Santa Teresa	120
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - O que os jovens de Santa Teresa pensam sobre a Itália 176

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa da Itália setentrional.....	37
Mapa 2 - Mapa político da Itália	38
Mapa 3 - Mapa dos dialetos da Itália.....	39
Mapa 4 - O município de Santa Teresa.....	77
Mapa 5 - A localização de Santa Teresa no Espírito Santo	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro-resumo do perfil sociocultural dos entrevistados	82
Quadro 2 - Definição dos informantes conforme os fatores extralinguísticos analisados	133

LISTA DE SIGLAS

L1 – Língua materna, primeira língua

L2 – Segunda língua

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

INDL – Inventário Nacional de Diversidade Linguística

APEES – Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percentual de analfabetos na Itália de acordo com o ano....	42
Tabela 2 - Denominação da variedade italiana de Santa Teresa, de acordo com os informantes e local de residência	127
Tabela 3 - Habilidades linguísticas auto-declaradas em português e dialeto italiano, de acordo com o local de residência	134
Tabela 4 - Habilidades linguísticas auto-declaradas em português e em dialeto italiano, de acordo com a faixa etária	136
Tabela 5 - Total de falantes do dialeto italiano no município de Santa Teresa, de acordo com a faixa etária e local de residência..	138
Tabela 6 - Contexto de aquisição do dialeto italiano e do português, de acordo com a faixa etária e o local de residência	139
Tabela 7 - Uso do dialeto italiano na infância, no domínio doméstico, de acordo com os interlocutores	143
Tabela 8 - Uso do dialeto italiano atualmente, no domínio doméstico, de acordo com os interlocutores	144
Tabela 9 - Uso do dialeto italiano na infância, no domínio vizinhança...	149
Tabela 10 - Uso do dialeto italiano atualmente, no domínio vizinhança..	150
Tabela 11 - Uso do dialeto italiano na infância, no domínio amizade....	152
Tabela 12 - Uso do dialeto italiano atualmente, no domínio amizade....	152
Tabela 13 - Uso do dialeto italiano na infância, no domínio escola, de acordo com os interlocutores	154
Tabela 14 - Uso do dialeto italiano nas funções internas, na atualidade	166
Tabela 15 - Uso do dialeto italiano para <i>bestemmiare</i>	167

Tabela 16 - Atitudes dos jovens em relação ao dialeto italiano 173

Tabela 17 - Atitudes dos jovens em relação ao ensino do italiano
standard e do dialeto nas escolas 174

.

.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 DA ITÁLIA A SANTA TERESA – SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A CONSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA	25
2.1 O contexto histórico	25
2.1.1 A Itália e a Grande Emigração.....	26
2.1.2 Histórico da colonização do Espírito Santo.....	29
2.1.3 A imigração italiana no Espírito Santo	31
2.1.4 A imigração italiana em Santa Teresa.....	33
2.1.5 A procedência dos imigrantes italianos e a questão linguística.....	33
2.2 A constituição linguística da Itália e de Santa Teresa	33
2.2.1 Língua e dialeto.....	34
2.2.2 Os dialetos italianos.....	36
2.2.3 Os dialetos da Itália setentrional	40
2.3 A situação linguística italiana: do final do século XIX aos dias atuais	41
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A SOCIOLINGUÍSTICA, O CONTATO LINGUÍSTICO E O BILINGUISMO	44
3.1 Línguas em contato e o bilinguismo	44
3.1.2 Processos de aquisição da língua materna e da segunda língua	47
3.2 Língua materna, língua 2 e língua estrangeira	49
3.3 Diglossia	51
3.4 Domínios de uso da língua	53
3.5 A língua como identidade	62
3.6 As atitudes linguísticas	64
3.6.1 Atitudes em relação às línguas minoritárias	66
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	73
4.1 Implicações metodológicas dos objetivos do estudo	73
4.2 Metodologia de pesquisa qualitativa e quantitativa	74
4.3 A pesquisa sociolinguística	75

4.3.1	A escolha da localidade	75
4.3.2	A escolha dos informantes	80
4.3.3	Histórico dos informantes	83
4.3.4	Instrumentos de coleta de dados e procedimentos de aplicação.....	84
4.3.4.1	Observação participante	84
4.3.4.2	Entrevista semiestruturada	85
4.3.4.3	Entrevista não estruturada	86
4.3.4.4	Entrevista estruturada	87
4.4	O registro das tradições orais italianas	90
4.5	Procedimentos na análise dos dados	90
5	A TRADIÇÃO ORAL DOS DESCENDENTES DE ITALIANOS EM SANTA TERESA	92
5.1	A proveniência dos antepassados italianos dos informantes.....	93
5.2	A vida tradicional	95
5.2.1	As relações externas	96
5.2.2	As relações internas	100
5.3	A família	103
5.4	A alimentação	104
5.5	Documentação de canções	114
6	A SITUAÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS-DIALETO ITALIANO EM SANTA TERESA	126
6.1	A variedade italiana de Santa Teresa	126
6.2	O grau de bilinguismo português-dialeto italiano	132
6.2.1	A atuação dos fatores extralinguísticos	132
6.2.1.1	Local de residência dos informantes	133
6.2.1.2	Faixa etária	135
6.3	O contexto de aquisição do dialeto italiano e do português	138
6.4	Os domínios de uso do dialeto e do português em Santa Teresa: uma análise diacrônica	141
6.4.1	O domínio família	142
6.4.2	O domínio vizinhança	149
6.4.3	O domínio amizade	151

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação resulta de uma pesquisa sobre a presença das variedades dialetais da Itália setentrional como línguas de imigração em Santa Teresa, município localizado na região serrana do estado do Espírito Santo. Devido à imigração em massa no final do século XIX, centenas de italianos provenientes de diversas províncias do norte da Itália se estabeleceram em diferentes localidades que constituem, hoje, o município de Santa Teresa.

Este trabalho se justifica porque, após cento e quarenta e um anos da chegada dos primeiros italianos em Santa Teresa, ainda não existem estudos que abordem questões relacionadas às variedades dialetais italianas nesse município. Dessa forma, levanta-se uma série de questões relacionadas à atual situação (sócio)linguística de Santa Teresa: quais dialetos italianos entraram em contato com o português em Santa Teresa? Os descendentes de imigrantes italianos estão mantendo o(s) dialeto(s) ancestral(is) ou o(s) estão substituindo pelo português? Quando e com quem o(s) utiliza(m)? Considerando os domínios de uso de duas línguas, o que determina a escolha entre uma e outra? Como os descendentes de italianos denominam a variedade dialetal italiana por eles falada? Quais são as atitudes dos falantes em relação ao dialeto italiano e ao italiano padrão?

A presente pesquisa toma como área de estudo as relações entre o português — neste caso, a língua nacional, majoritária, de *status* mais elevado e de maior prestígio — e o dialeto italiano¹ — representado por variedades dialetais trazidas pelos imigrantes italianos a partir do final do século XIX para o estado do Espírito Santo. Trata-se de um estudo que aborda desde a constituição linguística e a formação do bilinguismo nos períodos iniciais da colonização italiana até a análise atual das variedades dialetais italianas e do comportamento linguístico dos falantes. Desse modo, o objetivo geral que norteia este trabalho é analisar a situação bilíngue português/dialeto italiano no município de Santa Teresa, contribuindo com os estudos sociolinguísticos que

¹ A escolha do uso do termo *dialeto* será explicada mais adiante.

se desenvolvem em nosso país acerca das línguas de imigração. Quanto aos objetivos específicos, estipularam-se os seguintes:

a) Analisar a influência dos fatores sociais *idade e local de residência* (zona urbana ou rural) para o uso das línguas.

b) Verificar o grau de bilinguismo dos falantes (falar, ler, escrever e entender) em relação ao dialeto italiano e ao português.

c) Discutir as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao italiano *standard* e ao dialeto italiano.

d) Analisar diacronicamente o processo de uso do dialeto italiano no período da infância dos informantes e na atualidade.

e) Identificar os domínios e as funções desempenhadas pelo português e pela língua de imigração.

f) Documentar canções e tradições orais dialetais italianas² ainda presentes em Santa Teresa.

Com respeito a este último objetivo específico, Frosi e Mioranza (1983, p.80) fazem o seguinte alerta: “em breve espaço de tempo, os dialetos no Brasil deixarão de existir como sistema linguístico de comunicação”. Todavia, os autores apresentam algumas possibilidades de uso dos dialetos italianos no Brasil e ainda sugerem “formas de favorecer a preservação, a continuidade e o incentivo do uso do dialeto italiano” (1983, p. 80), como: incentivar as canções dialetais e pesquisar e registrar as tradições orais. Portanto, espera-se que o resgate das tradições orais dos imigrantes italianos contribua para a manutenção desses importantes elementos na composição da identidade do povo teresense e da população capixaba.

Outra contribuição do presente estudo são os subsídios fornecidos aos professores teresenses para a construção de uma prática pedagógica voltada

² Como tradição oral, entende-se a cultural material (conjunto de objetos — vestuário, estilo de moradia, utensílios etc) e tradições transmitidas oralmente de uma geração a outra (FERRARO; ANDREATTA, 2010; VANSINA, 1985).

para a realidade sociolinguística da comunidade, com base em seus interesses, necessidades e aspirações.

Com base na revisão da literatura existente e em observações realizadas em estudos precedentes, dentro de nosso projeto de pesquisa elencaram-se sete hipóteses para posterior verificação:

(1) Os informantes mais idosos usam mais a variedade dialetal italiana como sistema de comunicação do que os mais jovens.

(2) Existe uma maior manutenção dos dialetos italianos entre os informantes da zona rural.

(3) Os entrevistados das faixas etárias mais jovens demonstram atitudes de desprestígio em relação ao dialeto italiano e prestigiam o italiano *standard*.

(4) Os falantes não utilizam o termo "dialeto italiano" para se referir à variedade dialetal italiana por eles falada.

(5) A variável social *idade* do interlocutor é o que mais influencia a escolha da língua nos domínios analisados.

(6) Somente os entrevistados mais idosos têm desenvolvidas as habilidades de ler, escrever, falar e entender o dialeto italiano.

(7) Apenas os informantes da faixa etária acima de 60 anos usam o dialeto italiano para realizar contas, calcular, sonhar, pensar e *bestemmiare*³.

Além desta introdução, este trabalho divide-se em mais cinco capítulos. No capítulo 2, será realizada uma contextualização histórica do processo de colonização envolvendo os imigrantes que aqui se estabeleceram e abordam-se alguns aspectos relativos aos dialetos e à situação linguística italiana: a primeira parte do capítulo apresenta uma síntese das principais motivações para a emigração da Itália, a fundação de Santa Teresa e o estabelecimento de

³ A *bestemmia* (blasfêmia), aqui, é considerada como uma ofensa, um insulto dirigido a uma divindade, a uma religião ou algo que é considerado sagrado. Neste estudo, leva-se em consideração que a *bestemmia* é um elemento caracterizador da cultura popular italiana.

múltiplas colônias italianas no Espírito Santo. Em seguida, na segunda parte, trata-se da origem e da classificação dos dialetos italianos, principalmente dos dialetos que entraram na constituição e formação linguística de Santa Teresa nos primeiros anos de fundação dessa cidade. Na última parte do capítulo, será abordada a situação linguística da Itália no final do século XIX e nos dias atuais.

O capítulo 3 dá sustentação teórica à pesquisa realizada dentro da Sociolinguística, do Contato Linguístico e do Bilinguismo. Apresenta definições de termos importantes para a compreensão do estudo realizado, a saber: *língua materna*, *língua 2* e *língua estrangeira*. São abordados o contato linguístico, o bilinguismo, a diglossia, os domínios de uso das línguas, a identidade e os usos e funções da língua(gem). O mesmo capítulo aborda ainda o papel das atitudes linguísticas nos processos de manutenção/substituição linguística de línguas minoritárias.

O capítulo 4 descreve a metodologia empregada para o conhecimento da situação sociolinguística existente no município de Santa Teresa, caracterizando, entre outras coisas, a comunidade em estudo e os procedimentos empregados para a coleta e análise dos dados.

O capítulo 5, de cunho etnográfico, buscará colocar em evidência alguns aspectos pertencentes a um conjunto de tradições e testemunhos orais relativos à colonização italiana em Santa Teresa. Na primeira parte, serão evidenciados testemunhos relativos à vida camponesa nos anos iniciais da colonização. Na segunda parte, abordam-se as memórias relacionadas à alimentação de famílias descendentes de italianos de Santa Teresa. A última parte do capítulo será dedicada à documentação de canções dialetais italianas ainda presentes em Santa Teresa.

O capítulo 6 analisa quantitativa e qualitativamente a situação bilíngue-português-dialeto italiano no município de Santa Teresa.

Por fim, concluindo este trabalho, apresentam-se as Considerações Finais resultantes da pesquisa.

2 DA ITÁLIA A SANTA TERESA - A IMIGRAÇÃO ITALIANA E SUA CONSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

Neste capítulo, serão abordados dois temas básicos para a compreensão das análises feitas ao longo desta dissertação. Na primeira parte do capítulo, será apresentado o contexto histórico da Itália e do Brasil - especificamente do Espírito Santo e de Santa Teresa - no século XIX, época em que ocorreu o fenômeno e/imigratório italiano. Na segunda parte, serão discutidos tópicos concernentes às questões linguísticas tratadas neste trabalho: os conceitos de língua e dialeto, a constituição linguística da Itália e suas consequências para a(s) língua(s) falada(s) em Santa Teresa.

2.1 Contexto histórico

2.1.1 A Itália e a Grande Emigração

Em meados do século XIX, a Europa Central entrava num processo veloz de industrialização, trazendo mudanças profundas na vida socioeconômica de sua população. Por sua vez, a Revolução Francesa vinha norteando e definindo novos rumos do mundo ocidental. Desse modo, a Itália – especialmente as regiões setentrionais e fronteiriças – sofria em consequência da dura realidade da época.

Os habitantes do Norte carregavam fardos insuportáveis: as constantes guerras regionais tiravam seus filhos e dizimavam as famílias; a agricultura debilitada e a produção artesanal não conseguiam competir com as máquinas industriais; o latifúndio massacrava os pequenos agricultores, que começaram a passar fome e a vagar pela Europa em busca de trabalho; e, para piorar essa situação, aluviões e pragas assolavam as lavouras.

Esse conjunto de acontecimentos geraram um grande empobrecimento da população, causando falta de emprego e fome, principalmente aos

camponeses, fazendo com que houvesse emigração definitiva em massa de sua população (FRANZINA, 2006).

Nesse contexto, a emigração tornou-se uma alternativa "aventureira" para muitos italianos que buscavam uma vida melhor (GROSSELLI, 2008) e uma solução conveniente para os governos da Itália e do Brasil, especialmente do Espírito Santo, como será visto a seguir.

2.1.2 Histórico da colonização do Espírito Santo

Até meados do século XIX, a Província do Espírito Santo⁴ não passava de uma mera divisão administrativa. Não pesava na balança econômica nacional e não tinha densidade demográfica capaz de eleger ou prestigiar um líder que a fizesse presente na trama administrativa do Império.

Após a expulsão dos jesuítas, em 1759, os indígenas em território capixaba eram aproximadamente 10.000 indivíduos. Em 1856, o recenseamento levantado pelo Barão de Itapemirim, vice-presidente em exercício, constatou 49.000 habitantes “atrasados, anêmicos e debilitados por constantes epidemias” (DERENZI, 1974, p.28). Além disso, viviam em comunidades que não contavam com estradas nem escolas.

De acordo com Grosselli (2008), a densidade populacional no território capixaba, no ano de 1874, era de dois habitantes por km², fato que indicava uma grande escassez populacional ou mesmo um verdadeiro despovoamento da região. Ademais, os habitantes não eram uniformemente esparsos pelo território. A grande maioria das pessoas vivia em uma estreita zona ao longo da costa litorânea. Assim, o povoamento do território capixaba dependia da penetração do homem, derrubando matas, abrindo caminhos e plantando. Mas, para que isso ocorresse, era preciso o elemento humano (DERENZI, 1974).

⁴ O Estado de Espírito Santo que, na época da dominação portuguesa era sede de uma Capitania, tornou-se província do Império após a declaração da Independência do Brasil em 7 de setembro de 1882, e, com a Proclamação da República Federativa em 15 de Novembro de 1889, obteve a denominação de Estado (NAGAR, 1895).

Assim, em 1852, o Presidente Evaristo Ladislau e Silva diria, a propósito:

“[...] a primeira e vital necessidade da Província reside na falta de gente vinda de outras regiões, porque apenas assim obterá indispensável incentivo para despertar o país do sono que dorme. O exemplo do estrangeiro, seu trabalho, seus costumes e a concorrência ensinarão aos filhos desta terra o que não conhecem, e lhe inculcará o desejo de fazer fortuna, ensinando-lhes como obtê-la” (OLIVEIRA, 1975, p.353).

Entretanto, a experiência com a imigração deu-se antes disso. A formação de núcleos coloniais propriamente ditos, no Espírito Santo, deu-se em 1812, com a fundação do Núcleo Santo Agostinho, hoje município de Viana, formado por 30 casais de habitantes das Ilhas Açores (NOVAES, 1968).

A experiência seguinte de transporte de imigrantes europeus para o território da província do Espírito Santo aconteceu provavelmente⁵ entre 1828 e 1831 (GROSSELLI, 2008). De acordo com Oliveira (1975), aproximadamente em 1828 foram trazidos ao Espírito Santo alguns alemães para defender a estrada que levava a Minas Gerais, “provavelmente de ataques de índios” (OLIVEIRA, 1968, p.320). Segundo Basílio Carvalho Daemon (1879), o governo da província destinou uma soma em dinheiro para que um certo senhor Henrici trouxesse 400 alemães da localidade alemã de Bremem. Estes deveriam ser empregados na limpeza da estrada para Minas Gerais.

Daemon (1879) também afirma que, em seguida, chegaram outros 108 colonos alemães, porém mais da metade de todos eles foram para o Rio Grande do Sul ainda naquele ano. De acordo com Novaes (1968), o contrato com o senhor Henrici datava em 1829. Os alemães chegaram efetivamente e foram empregados a partir de março de 1830 e, a partir de abril de 1831, chegaram outros 105. Levy Rocha (1971) fala de 400 camponeses norte-americanos que, em 1868, estabeleceram-se na zona do Rio Doce, mas a abandonaram em seguida, fato também mencionado por Costa Pacheco (1978) (GROSSELLI, 2008). Levy Rocha (1971) também menciona uma colônia privada, nascida em

⁵ Grosselli (2008) afirma que a questão do transporte de europeus para o território da província naquela época aparece confusa na bibliografia existente.

torno de 1865, às margens do rio Iconha e habitada por ingleses, que, entretanto, não prosperou.

Devido a essas frustradas tentativas de colonização, Grosselli (2008) afirma que as colônias que deixaram marcas em termos de ocupação do território e importação de caracteres culturais nacionais específicos no Espírito Santo foram fundadas a partir de 1847.

Gilda Rocha (1984), em sua obra *Imigração Estrangeira no Espírito Santo 1847-1896*, divide a história da imigração capixaba em três fases: a primeira, de 1847 a 1881, refere-se à história das quatro colônias nascidas no tempo do Império - a Colônia de Santa Izabel, iniciada com imigrantes alemães; a colônia de Rio Novo; a Colônia de Santa Leopoldina e a Colônia de Castello.

A segunda fase, de 1882 a 1887, situa-se entre a época da completa abolição de todos os auxílios e facilidades concedidos aos imigrantes que se estabeleciam nas colônias - e a definição das vantagens para os imigrantes que desejavam estabelecer-se nas fazendas - e o ano em que governo da província decidiu, por conta própria, conferir novo impulso à imigração no Espírito Santo. Nesta, surgiram novos núcleos coloniais (os quatro anteriores haviam sido emancipados por volta de 1882),

A terceira fase, de 1886 a 1896, trata do período em que a imigração destinada às plantações privadas ou a novos núcleos coloniais foi favorecida pelas próprias autoridades de Vitória. Nesta fase foram criados os de Accioly Vasconcelos, Moniz Freire, Demétrio Ribeiro, Afonso Cláudio e Costa Pereira.

Derenzi (1974) afirma que a colonização do Espírito Santo, de modo geral, foi patrocinada pelo Regime Imperial a partir da criação das diversas colônias no Estado. No entanto, as alterações na política imigratória do Governo Imperial, na virada da década de 1870, acabou por contrariar os interesses dos colonizadores do Espírito Santo, já que se passou a privilegiar a grande lavoura paulista, retirando os benefícios concedidos aos imigrantes (ROCHA, 1984). Essa mudança levou à estruturação de uma política imigratória local, independentemente dos interesses do governo central, com a implantação de

diversos núcleos coloniais, que passarão a receber as novas levas de imigrantes, principalmente italianos.

Resumidamente, pode-se afirmar que a imigração italiana e germânica, entre outras, no Espírito Santo, teve como objetivo primordial a colonização e o povoamento do grande vazio demográfico que era o seu território no século XIX (cf. NAGAR, 1995[1895]; GROSSELLI, 2008). Esse tipo de política imigratória - com alvos demográficos e de povoamento do território - resistiu no Estado pelo menos até 1888. Somente com a abolição da escravatura é que a política imigratória do Espírito Santo passou, por pressão dos fazendeiros da região sul, a encaminhar imigrantes italianos para as grandes fazendas de café, pois, no período anterior a 1888, os fazendeiros abastecidos de mão de obra escrava conviviam pacificamente com os núcleos coloniais, chegando a recusar as ofertas do governo da Província de abastecê-los com mão de obra imigrante (NAGAR, 1995[1895]).

2.1.3 A imigração italiana no Espírito Santo

Segundo Derenzi (1974), em sua obra *Os italianos no Espírito Santo*, os primeiros imigrantes italianos destinados à Província do Espírito Santo eram de Trento e foram trazidos por Pietro Tabacchi, que os esteleceram no município de Santa Cruz, em terras a ele concedidas por Decreto Imperial 5.295 de 31 de maio de 1872.

Em 1875 chegaram mais duas levas com imigrantes tirolezes: uma, trazendo 565 pessoas, foi encaminhada para o 2º Território da Colônia do Rio Novo⁶; a outra, com 350 pessoas, foi encaminhada à colônia de Santa Leopoldina.

Esta última leva desembarcou no Rio de Janeiro a bordo do navio *Rivadavia* e, depois de cumprir quarentena, foram destinados ao Espírito Santo, chegando ao porto de Vitória em dois grupos: no navio *Ceres*, 154 imigrantes; e no navio *Bahia*, 163 migrantes. Ainda em 1875, chegaram no navio *Fenelon* 325 imigrantes. Em fevereiro de 1876, no navio *Miholy*, desembarcaram em Vitória

⁶ A colônia do Rio Novo era dividida em cinco territórios, sendo que o 2º, 4º e 5º ficavam à margem do Rio Novo (DEMONER, 2011).

276 imigrantes. Em outubro de 1876, chegava ao Porto de Vitória o vapor de guerra *Werneck* com 744 imigrantes, trazidos pelo navio *Columbia*, destinados à Colônia de Santa Leopoldina.

Essas levas sucessivas possibilitaram a ocupação de todo o território do Timbuy, havendo necessidade urgente de criação de um novo núcleo para que se pudessem estabelecer as novas levas, programadas e esperadas nos próximos anos. Surge então o núcleo Santa Cruz, fundado em 1877, que, depois de ter recebido várias denominações, adotou a de Conde D'Eu, homenagem ao chefe das forças brasileiras na Guerra do Paraguai, e de quem o diretor da Colônia – Aristides Armínio Guaraná – fora ajudante de Ordens.

Em agosto de 1877 chegavam, no navio *Columbia*, 55 famílias, num total de 275 imigrantes, destinados ao Núcleo Santa Cruz – Morro das Palmas, na confluência com o rio Taquaraçu, de onde os imigrantes avançaram na direção das matas virgens e terras devolutas.

A ocupação e posse das terras eram programadas segundo as conveniências econômicas governamentais. Primeiro se fazia uma exploração da mata, depois chegava a comissão de engenheiros e agrimensores, que procedia à medição dos prazos⁷.

No mesmo ano de 1877, no navio *Isabella*, que chegou em 17 de setembro de 1877, vieram 77 famílias (476 pessoas) procedentes das províncias do Norte da Itália, como Bergamo, Mantova, Padova, Brescia, Rovigo, Vicenza, Treviso, Belluno, Trento e Verona, entre outras. A partir de 1880, verifica-se o deslocamento do norte para o sul, sendo a Colônia Imperial do Rio Novo preparada para receber os novos imigrantes.

Enquanto que, nos núcleos fundados ao norte de Vitória, as terras eram devolutas, ao sul da capital a área destinada à colonização estava recortada de fazendas abandonadas e de sesmarias. A frente de ocupação se deu com a criação, em 1880, do núcleo Castelo, que foi dividido em várias seções, os quais iam se multiplicando à medida que novos grupos de imigrantes iam

⁷ Os terrenos eram denominados *prazos* porque tinham o prazo de dois anos para serem pagos.

chegando. As primeiras seções se chamaram: Araguaia, Carolina, Matilde, Alexandria, Urânia e Vitor Hugo.

Em 1892, já no período republicano, foi firmado um dos maiores contratos para a introdução de imigrantes italianos: o contratante foi Domenico Giffoni, que recebeu do governo brasileiro o direito de introduzir 20.000 imigrantes (NAGAR, 1895). No entanto, não foram introduzidos mais que 10.000, no período de 1892 a 1895, pois chegaram à Europa as notícias dos erros cometidos por conta desse contrato e das más condições a que eram submetidos os imigrantes ao chegarem ao Espírito Santo. Não foi sem razão que, por ordem do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Gabinete Italiano, por decreto de 20 de julho de 1895, foi suspensa a imigração italiana para o Espírito Santo (DEMONER, 2001).

Encerrava-se, assim, temporariamente, um movimento que alterou toda a estrutura socioeconômica do Espírito Santo e que determinou características até hoje inconfundíveis, ou seja, a maior parte dos capixabas descende desses pioneiros italianos, que, à procura de um futuro melhor para si e seus filhos, tiveram a coragem de deixar sua terra natal e vir para outra totalmente desconhecida. (DEMONER, 2001).

2.1.4 A imigração italiana em Santa Teresa

Como já se disse, a primeira leva de imigrantes italianos para o estado veio por concessão dada a Pietro Tabacchi, pelo Decreto Imperial 5.295, de 31 de maio de 1872 (DERENZI, 1974). Por esse instrumento, Tabacchi se comprometia a introduzir 700 imigrantes italianos e tirolezes no município de Santa Cruz, no Espírito Santo, em terras a ele concedidas, as quais denominou Nova Trento, em homenagem à cidade de seu nascimento⁸.

Assim, em 3 de janeiro de 1874, no porto de Gênova, 392 pessoas, a grande maioria do Trentino e algumas do Vêneto e da Lombardia, embarcaram no Navio *La Sofia*, com destino às terras de Pietro Tabacchi. O navio era à vela, o

⁸ Segundo Grosselli (2008), a Expedição de Pietro Tabacchi foi o primeiro caso de partida em massa de imigrantes do norte da Itália para o Brasil.

que poderia ser considerado um absurdo, visto que, àquela época, há muito tempo existiam os navios a vapor com casco de ferro. No dia 17 de fevereiro do mesmo ano, o *La Sofia* entrou no porto de Vitória, após 45 dias de viagem (BIASUTTI, 2005).

Após terem permanecido uma semana em Vitória, os primeiros italianos em solo capixaba foram transportados por um vapor brasileiro até a povoação de Santa Cruz e, em seguida, até Nova Trento. No entanto, em março de 1874, houve a primeira revolta dos colonos contra o contrato de Tabacchi, pois achavam que haviam sido logrados: "Tudo era trabalho penoso, insano e o ouro tão prometido e que parecia brilhar até além do Atlântico, aqui não se via" (MULLER, 1925, p.9).

Segundo Biasutti (2005), no dia 19 de março de 1874, um grupo de italianos fugiu da colônia de Tabacchi embrenhando-se pela floresta em direção à nascente do Rio Timbuhy, sendo os primeiros imigrantes a pisarem em solo teresense: Paolo Casotti, Francesco Bassetti, Bernardo Comper, Lazaro Tonini, Anibale Lazzari, Giuseppe Paoli, Daniele Palaoro e Abramo Zurlo. Ao chegarem a Santa Teresa, encontraram alguns trabalhadores preparando a chegada da imigração oficial, patrocinada pela Província do Espírito Santo, inclusive os barracões que acolheriam os imigrantes.

Sobre este mesmo assunto, Müller (1925, p.15) afirma: "O que é certo é que no ano de 1874, embrenhou-se pelas florestas do Rio Timbuy, um corajoso grupo de fugitivos", fazendo referência aos imigrantes da Expedição Tabacchi. Sobre esse grupo, Grosselli (2008, p. 198) afirma:

“Os camponeses que deixaram a Colônia de Tabacchi e foram para Santa Leopoldina estabeleceram-se no Núcleo Timbuy ainda em formação, em uma localidade que chamaram *Valsugana* (que em seguida foi denominada *Valsugana Vecchia*, quando muitos deles se transferiram para outra zona do mesmo núcleo, denominada *Valsugana Nuova*” (GROSSELLI, 2008, p.198).

Em 17 de abril de 1875, inicia-se, então, a imigração oficial para a Província. Os imigrantes italianos embarcaram nesse dia no vapor *Rivadavia* com destino

ao Brasil. No dia 31 de maio de 1875, o *Rivadavia* chegou ao Espírito Santo e os passageiros foram encaminhados para o Núcleo Timbuy⁹ (DERENZI, 1974; BIASUTTI, 2005).

No dia 26 de junho de 1875, aconteceu o sorteio dos lotes de terras para os imigrantes, realizado pelo agrimensor Franz Von Lippes. Essa ficou sendo a data oficial de fundação do Núcleo Timbuhy e da atual cidade de Santa Teresa. Nos anos posteriores, mais levas de imigrantes italianos se estabeleceram na localidade, dando início à configuração daquele território.

2.1.5 A procedência dos imigrantes italianos e a questão linguística

Segundo dados do APEES (2013), os imigrantes italianos que colonizaram o Espírito Santo eram, em sua maioria, originários do Vêneto, do Trentino Alto-Ádige e da Lombardia. Dessa forma, os primeiros imigrantes italianos que chegaram a Santa Teresa tiveram que superar diversas dificuldades; entre elas, talvez uma das mais difíceis, foi a questão linguística, pois, apesar de possuírem a mesma nacionalidade — a italiana—, existiam diversas diferenças entre esse contingente populacional, principalmente se levarmos em consideração que a recente Unificação Italiana havia colocado sob uma mesma bandeira vários povos e culturas distintas.

Assim, sabendo-se dessa realidade, na segunda seção, a seguir, serão abordados aspectos relativos à caracterização linguística desses imigrantes. Na terceira e última seção, será tratada a situação linguística italiana do final do século XIX até os dias atuais.

2.2 A constituição linguística da Itália e de Santa Teresa

Nesta segunda seção, será analisada a constituição linguística tanto da Itália quanto de Santa Teresa; entretanto, primeiramente, é preciso abordar a polêmica em torno dos conceitos de língua e dialeto.

⁹ Atual município de Santa Teresa.

Na Itália, terra de origem dos imigrantes que se estabeleceram em Santa Teresa, o termo *dialeto* é amplamente utilizado para designar as variedades dialetais italianas (cf. ROHLFS, 1966; ZAMBONI, 1974; PELLEGRINI, 1977; MARCATO e URSINI, 1998; MARCATO, 2007; LOPORCARO, 2013 etc). No Brasil, o termo “*dialeto italiano*” também pode ser conferido em diversas publicações (FROSI; MIORANZA, 1983; FROSI, 1996; FROSI; DAL CORNO; FAGGION, 2008 etc). Tendo isso em vista, no presente trabalho, optou-se por usar o termo “*dialeto italiano*” em referência à variedade dialetal italiana que é falada no município de Santa Teresa.

No entanto, cabe aqui frisar que o uso do termo *dialeto* é, por vezes, carregado de preconceito e estigma. Pensando-se nisso, uma questão levantada pelo presente estudo é determinar como os falantes teresenses denominam a variedade italiana por eles falada. Isso é particularmente importante, se pensarmos na hipótese de que, talvez, muitos falantes não utilizem a expressão *dialeto italiano* para se referir à variedade que é falada em Santa Teresa. Assim, o uso do termo *dialeto* por pesquisadores, durante a realização de entrevistas, poderia contribuir para a estigmatização da variedade italiana que é falada na localidade. Dessa forma, esta autora, durante as entrevistas, decidiu por utilizar a mesma denominação dada pelos informantes para a variedade que falam. Isso posto, tem-se, a seguir, a reflexão a respeito de língua e dialeto.

2.2.1 Língua e dialeto

Língua e *dialeto* são termos que apresentam certa ambiguidade de sentido, o que torna difícil seu entendimento. Não há consenso universal sobre os critérios usados para distingui-los, embora exista um certo número de paradigmas, o que gera, às vezes, resultados contraditórios.

De modo geral, as distinções entre língua e dialeto não são determinadas apenas por critérios linguísticos, mas principalmente por fatores de caráter histórico, cultural, político e social (TRUDGILL, 1992).

Como se disse anteriormente, o termo *dialeto* normalmente apresenta uma conotação social mais negativa, ao contrário de *língua*, que é vista como instrumento de comunicação de prestígio. O termo *dialeto*, por sua vez, é muitas vezes associado a uma forma rural da língua e, geralmente, à classe camponesa, trabalhadora ou a outros grupos sem prestígio. Além disso, como observam Chambers e Trudgill (1998, p.3):

"[...] Dialeto é também um termo que é frequentemente aplicado às formas de língua, particularmente aquelas faladas em partes mais isoladas do mundo, que não têm forma escrita. E dialetos também são, muitas vezes, considerados como algum tipo de (frequentemente errôneo) desvio da norma, como aberrações de uma forma correta ou padrão da língua" (CHAMBERS; TRUDGILL, 1988, p.3)¹⁰.

Para esses dois conceitos, em muitos casos, a Sociolinguística recorre ao termo *variedade*. Podemos considerar *variedade* como um "termo neutro"¹¹, aplicável a qualquer tipo de língua considerada, sem especificações mais precisas (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p.4). Segundo Fishman (1995), o termo *variedade* é também frequentemente utilizado na Sociologia da Linguagem, com a intenção de dar ao termo uma designação não valorativa. O termo *variedade*, diferentemente do termo *dialeto*, não indica *status* linguístico de uma variedade em comparação com outras.

Repetindo-se o que se disse, neste estudo será adotado o termo *dialeto*, pelo fato de ser ele utilizado na Itália para designar as variedades dialetais italianas (cf. ROHLFS, 1966; ZAMBONI, 1974; PELLEGRINI, 1977; MARCATO; URSINI, 1998; MARCATO, 2007; LOPORCARO, 2013 etc), mas que esse termo não foi utilizado pela pesquisadora durante a coleta de dados em Santa Teresa (cf. capítulo metodológico).

¹⁰ Do original: [...] dialect is also a term which is often applied to forms of language, particularly those spoken in more isolated area of the world, which have no written form. And dialects are also often regarded as some kind of (often erroneous) deviation from a norm - as aberrations of a correct or standard form of language (CHAMBERS; TRUDGILL, 1988, p. 3. Tradução nossa, como todas as constantes desta dissertação).

¹¹ "Neutral term" (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p.4).

2.2.2 Os dialetos italianos

Em vários países europeus, existem dialetos com rica tradição literária, mas que foram suplantados pelo idioma nacional. É o que acontece na Itália, que é linguisticamente formada por variedades muito peculiares e distintas entre si (cf. Mapa 3), sendo muito difícil, por exemplo, a comunicação entre um falante do dialeto vênето (do Norte da Itália) e um falante do napoletano (do Sul da Itália), se ambos usarem a sua variedade linguística.

A sua origem é complexa. Acredita-se que os dialetos italianos (íto-romance), como todas as línguas neolatinas, sejam fruto de uma continuação ininterrupta do latim. Segundo Marcato (2007, p.21),

“Os dialetos italianos são resultado de um processo de transformação e diferenciação do latim falado amplamente, através da conquista romana, não apenas na Itália, mas em boa parte da Europa e ao longo da África setentrional”¹².

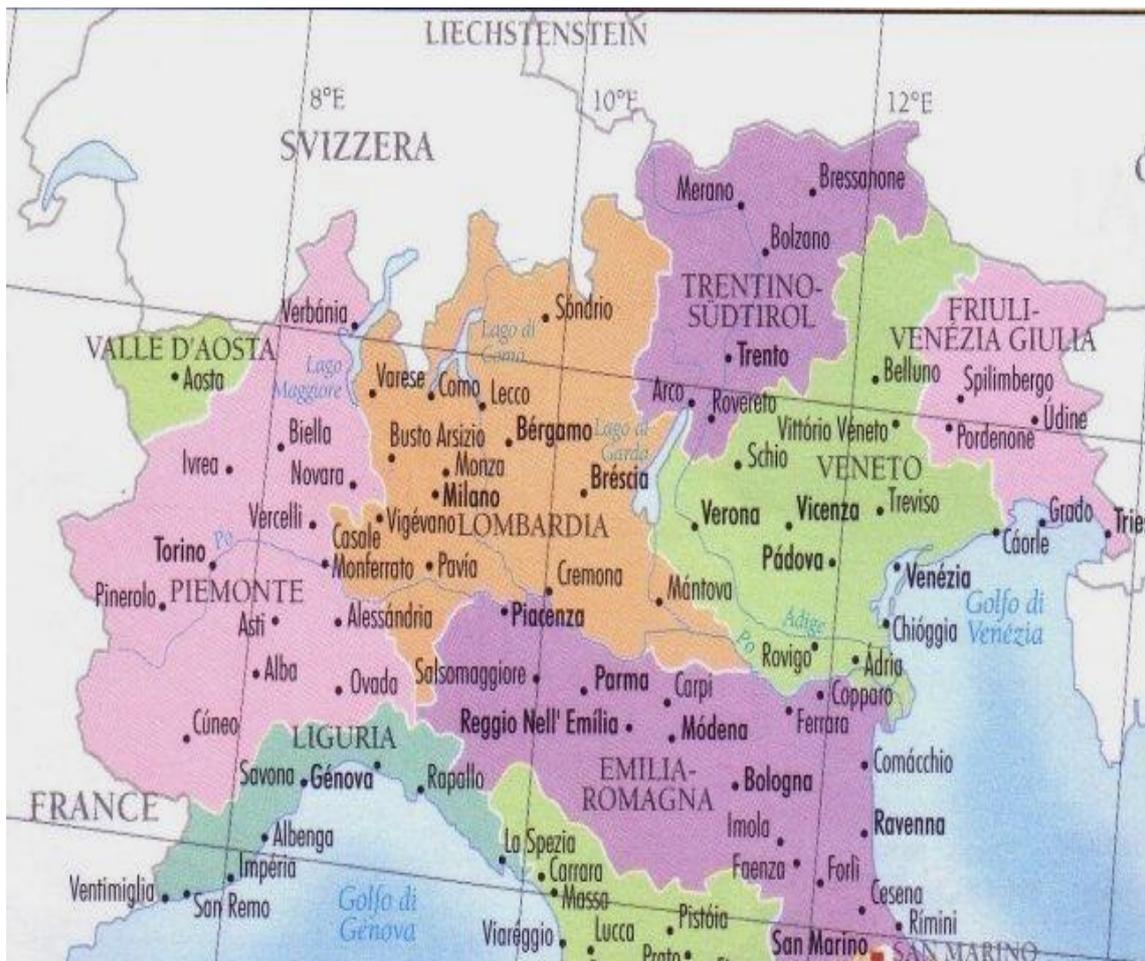
Hoje, o território italiano é caracterizado por diversas ilhas dialetais, formadas principalmente pelas subdivisões de localidades, que assinalam a presença de inúmeras variedades linguísticas. No entanto, as classificações dialetais divergem de um autor para outro.

Segundo Loporcaro (2013), a classificação dos dialetos italianos que atualmente é utilizada como referência é a proposta por Giovan Battista Pellegrini (1977), na *Carta dei dialetti d'Italia*. De acordo com esta proposta, os dialetos italianos são classificados em cinco principais grupos:

- 1) Dialetos setentrionais.
- 2) Ladino-friulano.
- 3) Dialetos toscanos.
- 4) Dialetos centro-meridionais.
- 5) Sardo.

¹²Do original: "I dialetti italiani sono il risultato di un processo di trasformazione e differenziazione del latino parlato diffuso, attraverso la conquista romana, non solo in Italia ma in buona parte dell'Europa e lungo le coste dell'Africa setentrionale" (MARCATO, 2007, p. 21).

Visto que Santa Teresa foi colonizada essencialmente por imigrantes provenientes do norte da Itália, a presente dissertação considerará aqui apenas os dialetos da Itália setentrional, com vistas a uma melhor compreensão da realidade linguística do município. Os mapas a seguir apresentam a divisão política da Itália setentrional, da Itália e os dialetos italianos, respectivamente.



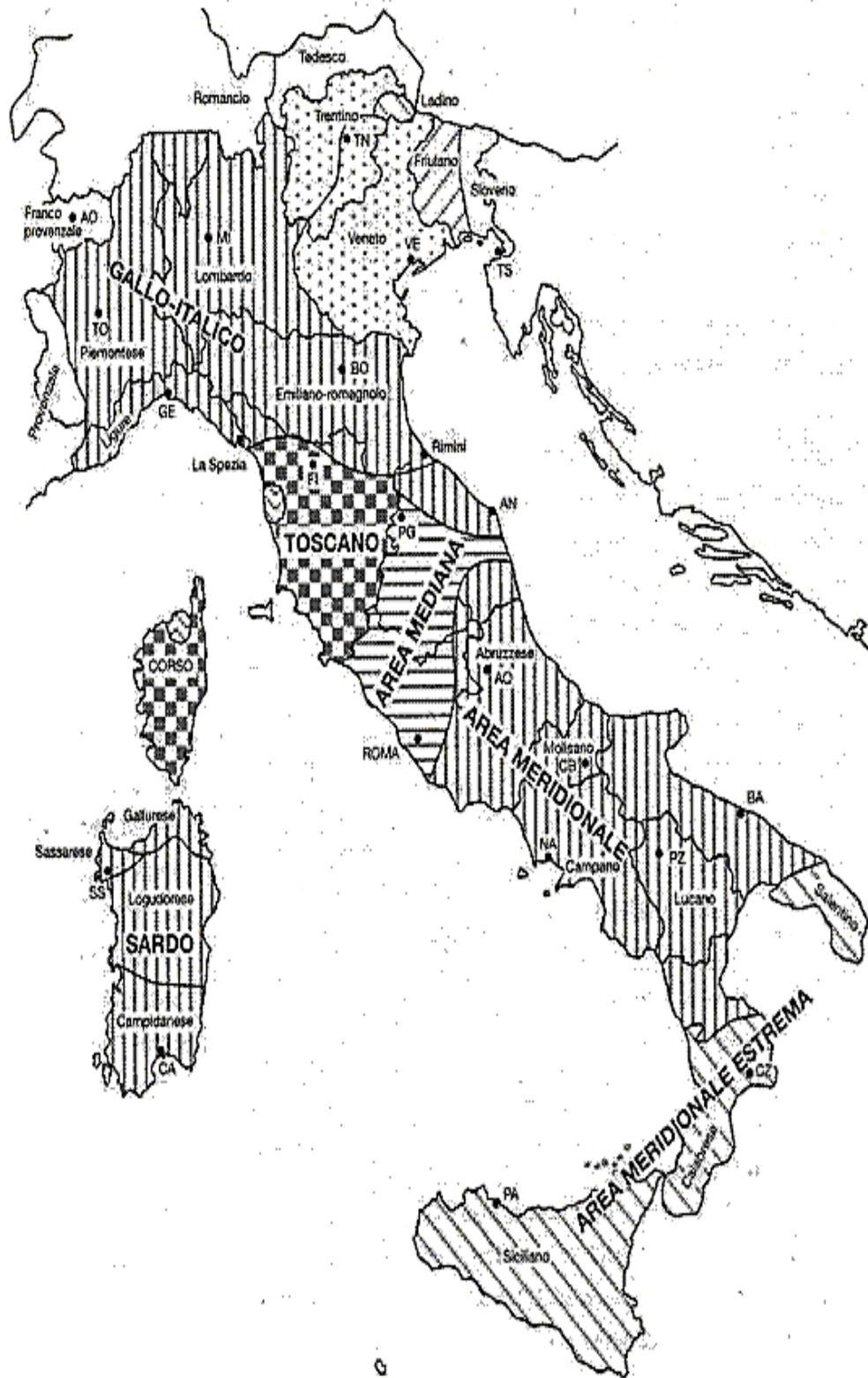
Mapa 1. Mapa da Itália setentrional

Fonte: <<http://www.comuni-italia.it>>. Acesso em: 10 out. 2014.



Mapa 2. Mapa político da Itália

Fonte: <<http://www.comuni-italia.it>>. Acesso em: 10 out. 2014.



Mapa 3. Mapa dos dialetos da Itália

Fonte: Pellegrini (1977).

2.2.3 Os dialetos da Itália Setentrional

De acordo com a proposta de Pellegrini (1977), os dialetos da Itália setentrional são divididos em dois grupos principais: galo-italico e vêneto. Ambos - galo-italico e vêneto -, foram os principais que entraram em contato com o português em Santa Teresa, sendo subdivididos da seguinte forma: vêneto, emiliano, lombardo, piemontês e lígure.

O sistema vêneto é dividido por Pellegrini (1977) da seguinte forma:

- i) Veneziano e lagunar, que compreende a província de Veneza;
- ii) Padovano-vicentino-polesano ou meridional, que corresponde às províncias de Padova, Vicenza e Rovigo;
- iii) Trevisano-feltrino-belunês ou centro-setentrional, que corresponde às províncias de Treviso e Belluno;
- iv) Veronês, que se localiza na área geográfica correspondente à província de Verona;
- v) Triestino-giuliano, que corresponde à área de influência de Trieste;
- vi) Trentino oriental, que compreende a Valsugana, Tesino e Primiero.

A área emiliana é dividida em: emiliano ocidental, emiliano oriental, romagnolo, lunigiana, marchegiano setentrional, voghere-pavese e mantovano. E, por fim, a área lombarda compreende:

- i) Lombardo ocidental, área que inclui a província de Milão e parte de Como, Varese e Pavia;
- ii) Lombardo oriental, que compreende as províncias de Bérgamo, Brescia e Cremona;
- iii) Lombardo alpino, que compreende a província de Sondrio e parte de Como;
- iv) Novarês e ossolano, que é a área de transição entre o lombardo e o piemontês, mas com influência mais fortemente lombarda;

v) Trentino ocidental, que compreende a parte ocidental da Província de Trento, a qual conserva muitas características lombardas;

vi) Ladino-fiammazzo;

vii) Ladino-anáunico.

Isso posto, passaremos à terceira e última seção deste trabalho, que trata da situação linguística da Itália.

2.3 A situação linguística italiana: do final do século XIX aos dias atuais

Segundo De Mauro (1963), no momento da unificação política da Itália (1861), cerca de 80% da população italiana era analfabeta e, nas províncias, a percentagem dos *italofoni* estava em cerca de 2,5%.

Ainda segundo De Mauro (1963), com base em estimativas feitas por Coletti (1912), relativas ao período de 1879 - 1910, pelo menos 80% dos indivíduos que emigravam das várias regiões italianas eram camponeses, trabalhadores braçais e mão de obra não qualificada. Em 1931, quando a média nacional italiana de analfabetismo diminuiu para 21,6%, nas localidades rurais esses níveis se mantinham em 29,6% (DE MAURO, 1963, p. 58-9).

O nível de analfabetismo na Itália pré-unificada e nas regiões da Lombardia, Emilia Romagna e Vêneto pode ser conferido na Tabela 1. Vale aqui ressaltar que os dados apresentados não incluem as regiões do Trentino Alto-Adige e Friuli Venezia-Giulia, uma vez que, dessas localidades, somente existem dados disponíveis a partir de 1921. Nessa data, o percentual de analfabetos para duas regiões é mínimo (2,5 e 2,2%, respectivamente).

Tabela 1. Percentual de analfabetos na Itália de acordo com o ano¹³

	Analfabetos %		
	1861	1911	1951
ITALIA	75%	40%	14%
Lombardia	54%	13%	3%
Emilia Romagna	78%	33%	8%
Vêneto	65%	25%	7%

Fonte: De Mauro (1963, p.95).

Nota: Adaptado pelo autor.

Hoje, a situação é quase inversa. Cresce cada vez mais o número de italianos que usam somente o italiano *standard*. De acordo com os levantamentos do *Istituto Nazionale di Statistica*¹⁴ (ISTAT), sobre o uso dos dialetos e da língua italiana na Itália, as pessoas que falam predominantemente o italiano no ambiente doméstico representam, no ano de 2006, 45% da população italiana. Esses valores aumentam em relação ao uso do italiano com os amigos (48,9%) e, de maneira mais consistente, em relação ao uso do italiano com desconhecidos (72,8%).

O uso predominante ou exclusivo do italiano *standard* está difundido principalmente no Centro e no Noroeste da Itália, em todos os contextos analisados pelo ISTAT (2007). Por sua vez, o Vêneto sempre esteve entre as localidades com os maiores percentuais de uso da variedade local, em detrimento do italiano padrão. Em 2006, o uso predominante - ainda que não exclusivo - do dialeto em família representava quase 69,90% dos informantes, com um leve aumento no uso do dialeto também entre os jovens.

Esses resultados representam os maiores níveis nacionais de uso de um dialeto. A manutenção do uso dos dialetos na Região do Vêneto deve-se a

¹³ Estão excluídos os dados da Região de Trentino Alto-Adige e Friuli Venezia-Giulia, pois existem dados somente a partir de 1921 e com um percentual mínimo de analfabetos (2,5 e 2,2%).

¹⁴ O ISTAT é um órgão estatístico do Governo Italiano. Foi instituído em 1926, durante o fascismo, para coletar informações sobre a vida econômica e demográfica na Itália.

alguns fatores: em primeiro lugar, estruturalmente, os dialetos do grupo Vêneto são bem próximos do italiano, ou seja, um falante de vêneto seria mais bem compreendido por um falante do italiano padrão do que, por exemplo, um falante do dialeto napolitano.

O segundo motivo para essa manutenção é o maior prestígio do Vêneto ao contrário dos demais dialetos. Há uma tradição de seu uso mesmo em situações relativamente formais. No tempo da República de Veneza, o veneziano era, por exemplo, usado em instituições oficiais e também na escrita (CORTELAZZO, 1982). A tutela, a valorização e a promoção do patrimônio linguístico e cultural da Região do Vêneto são também assegurados pela Lei Regional número 8, de abril de 2007.

O nível de escolarização também influencia fortemente a escolha da língua. Os dados do ISTAT (2006) demonstram que o uso predominante do dialeto com os amigos e com a família é maior entre os indivíduos com menor instrução escolar. Além disso, como afirma Grassi (2002), o nível de instrução é seguramente uma variável que exerce grande influência no processo de *italianização* dos dialetos e também na substituição do seu uso pelo do italiano padrão.

Fazer as reflexões sobre as questões linguísticas concernentes à Itália, do século XIX até os dias atuais, é essencial para esta pesquisa, tendo-se em vista que um dos objetos deste estudo é o registro da diversidade linguística de Santa Teresa. No próximo capítulo, então, apresentam-se os pressupostos teóricos que fundamentaram esta pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A SOCIOLINGUÍSTICA, O CONTATO LINGUÍSTICO E O BILINGUISMO

Este capítulo, que tem por objetivo situar o objeto de estudo no âmbito da Sociolinguística, do Contato Linguístico e do Bilinguismo, encontra-se estruturado em oito seções. Na primeira (3.1), abordam-se os pressupostos teóricos do trabalho no âmbito dos estudos de línguas em contato e bilinguismo. Em 3.2, discutem-se alguns conceitos e terminologias importantes para a compreensão do presente estudo, a saber: língua materna, língua 1, língua 2 e língua estrangeira. Em 3.3, discute-se a noção de diglossia. Na seção 3.4, apresenta-se a definição de "domínios" e os diversos estudos já realizados sobre esse tema. Em 3.5, discute-se a relação entre língua e identidade. Finalmente, em 3.6, aborda-se o conceito de atitudes linguísticas e, na subseção 3.6.1, traça-se um panorama dos principais estudos já realizados sobre o papel das atitudes linguísticas nos processos de manutenção/substituição de línguas minoritárias. Nessa etapa, particular atenção será dada à correlação entre atitudes linguísticas e os fatores identidade, prestígio, *status* socioeconômico, *status* da língua, solidariedade e redes sociais.

3.1 Línguas em contato e o bilinguismo

A situação de contato entre duas ou mais línguas promove uma série de fenômenos (socio)linguísticos. Entre eles está o bilinguismo, que se origina do contato de indivíduos falantes de uma língua com falantes de outra(s). No entanto, o conceito de bilinguismo é bastante complexo e pode ser considerado a partir de várias perspectivas.

De acordo com Appel e Muysken (1992, p.1), o bilinguismo pode ser definido como *individual*, quando diz respeito a um só falante, ou *societal*, quando envolve toda uma comunidade bilíngue. No caso de Santa Teresa, a situação de contato linguístico resulta do processo de colonização, iniciado no final do

século XIX, o qual pôs em contato a fala de imigrantes italianos com o português. Trata-se, portanto, de uma situação de *bilinguismo societal*, pois envolve toda uma comunidade de fala, embora nem todos os falantes do grupo possam apresentar um comportamento homogêneo quanto ao grau de bilinguismo.

Uma das primeiras definições do bilinguismo foi dada por Bloomfield, em 1933, que, utilizando critérios rigorosos, considerava que o falante bilíngue deveria ter o domínio das duas línguas como um falante nativo (*native like speaker*). Mais adiante, no ano de 1953, Haugen (p.7) defende o bilinguismo como sendo a capacidade de produzir "sentenças com sentido completo na segunda língua"¹⁵. Uma extensão desse conceito encontra-se em Weinreich (1974 [1953], p.1), que descreve o bilinguismo como "a prática de usar alternadamente duas línguas"¹⁶ e as pessoas envolvidas, ele denominou *bilíngues*.

No entanto, essas definições, bastante gerais, fornecem poucas informações sobre o quanto duas línguas devem ser conhecidas pelo falante, para ele ser considerado bilíngue. Além disso, não mencionam a possibilidade de haver variação de proficiência no uso que os bilíngues fazem de suas habilidades de falar, escrever, ler ou ouvir. Diante disso, Mackey (1972) propõe uma ampliação do conceito de bilinguismo, de modo a incluir o conhecimento passivo de uma língua ou a habilidade de usar uma segunda língua no ambiente de uso nativo dessa língua.

Para Mackey (1972), as habilidades de indivíduos bilíngues não poderiam ser as mesmas para ambas as línguas e em todos os níveis linguísticos; portanto, essa proficiência deveria ser avaliada em diversos âmbitos. Por considerar o bilinguismo um fenômeno complexo, Mackey (1972, p.556) propõe ainda um sistema de classificação que possibilita uma análise tipológica das características do comportamento bilíngue. Esse sistema envolve quatro aspectos, de acordo com os quais o autor considera que o bilinguismo deve ser descrito: "Bilinguismo é um padrão de comportamento de práticas linguísticas

¹⁵ "Complete meaningful utterances in the other language" (HAUGEN, 1953, p.7).

¹⁶Weinreich (1974 [1953], p.1) definiu o bilinguismo como sendo "the practice of alternately using two languages, e as pessoas envolvidas ele denominou de *bilingual* (bilíngue).

que se modificam mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência”¹⁷ (MACKEY, 1972, p. 556).

Na concepção do autor, o grau de bilinguismo refere-se à habilidade do indivíduo no uso de cada uma de suas línguas. O autor também salienta que as habilidades de fala, leitura, compreensão e escrita podem não ser as mesmas em todos os níveis linguísticos. Por exemplo, um indivíduo pode ter um vasto vocabulário em uma língua, mas o nível de pronúncia ser muito baixo; ou ter uma boa pronúncia e cometer muitos erros gramaticais. Já a função é o uso que o bilíngue faz da língua e sob quais condições ele a utiliza.

As funções internas influenciam a habilidade do bilíngue em resistir ou aproveitar-se das situações com as quais entra em contato. Englobam usos não-comunicativos (contar, calcular, xingar, rezar, sonhar, escrever em um diário e fazer anotações) e expressão de atitudes intrínsecas, que são prováveis fatores que influenciam a atitude do bilíngue (sexo, idade, inteligência, memória, atitude linguística e motivação).

Mackey (1972) também chama a atenção para o caso do *bilinguismo receptivo* ou *passivo*, próprio de muitas crianças filhas de imigrantes, que entendem e leem, mas não falam a língua estrangeira. Ele propõe, também, que os níveis fonológico, gramatical, lexical, semântico e estilístico sejam determinados em cada língua. Por exemplo, o bilíngue pode ter um problema de fluência fonética muito grande e ainda comportar-se como um nativo nos outros níveis. Para esse autor, o grau de proficiência em cada língua depende de sua funcionalidade, isto é, depende do uso e das condições em que o bilíngue faz uso da língua.

Mais adiante, Grosjean (1982) defenderá uma definição funcional do bilinguismo: o uso regular de duas línguas por uma pessoa. Para ele, a fluência do bilíngue pode ser maior em uma das línguas que sabe. O domínio de uma língua, por parte de uma pessoa, depende também das habilidades linguísticas de falar, escrever, ler e ouvir, da situação, do tópico de conversação e do interlocutor. O autor afirma que o uso das línguas por um bilíngue é

¹⁷ "Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in *degree, function, alternation and interference*".

determinado pela necessidade: se uma habilidade particular não é necessária, ela não se desenvolverá. O indivíduo bilíngue, na concepção do autor, seria aquele que possui uma das quatro habilidades linguísticas (fala, leitura, audição e escrita) em uma dada língua.

Outra perspectiva de bilinguismo foi apresentada por Li Wei (2006), em sua obra *The Bilingualism Reader*, situando os estudos dos bilíngues e do bilinguismo em três áreas: 1) Sociolinguística, concentrando os estudos sobre a escolha das línguas, diglossia e bilinguismo, interação social e *code-switching*; 2) Linguística, que abarca os estudos da gramática do *code-switching* e a aquisição da linguagem por crianças bilíngues; e 3) Psicologia, que congrega estudos sobre o cérebro e o processamento do discurso bilíngue.

Seguindo a perspectiva de Li Wei, o presente trabalho irá concentrar-se na análise sociolinguística do bilinguismo, dando especial relevância aos fatores que afetam o uso e a escolha das línguas. Antes, porém, serão abordados os processos de aquisição da língua materna e da segunda língua, os quais, embora não façam parte dos objetivos deste estudo, serão indispensáveis para a compreensão de determinados fenômenos sociolinguísticos existentes na comunidade pesquisada.

3.1.2 Processos de aquisição da língua materna e da segunda língua

Os estudos acerca do bilinguismo buscaram também analisar o processo de aquisição da língua materna e de uma segunda língua na infância. Segundo Grosjean (1982), os fatores que podem levar as crianças ao bilinguismo são: a) casamento entre indivíduos de etnias diferentes; b) proximidade de outros grupos linguísticos ou exposição constante a outra língua; c) ingresso na escola, onde a língua adotada não é a língua da criança; e d) interesse da comunidade em tornar as crianças bilíngues — bilinguismo planejado.

Para o autor, o bilinguismo na infância normalmente ocorre em função da necessidade de a criança comunicar-se com as pessoas que lhe são importantes: pais, colegas, amigos, professores etc. Para ele, os fatores

psicossociais, como o uso da língua na família, na sociedade ou na escola, condicionarão quando e por quanto tempo uma criança será bilíngue.

Grosjean (1982) afirma que a aquisição de duas línguas pode dar-se de maneira sucessiva ou simultânea. No *bilinguismo simultâneo*, a aquisição da segunda língua ocorre geralmente antes dos três anos de idade. Este é o caso, por exemplo, de filhos de pais com etnias diferentes. Já no *bilinguismo sucessivo*, segundo McLaughlin (1978) e Grosjean (1982), a criança adquire a segunda língua após os três anos de idade. Assim, no início da vida, predomina a língua dos pais; depois, progressivamente, a criança vai adquirindo a língua local, por intermédio dos vizinhos e da mídia, como seria o caso de filhos de imigrantes. Nota-se então que, desde cedo, a aquisição de outra língua está ligada a questões de integração das crianças ao grupo majoritário, quer isso se manifeste de forma positiva ou negativa, e que a língua materna da criança pode não ser a língua mais frequentemente usada pela comunidade onde ela vive.

Ainda em relação ao processo de aquisição, Lambert (1974) utilizou o termo *bilinguismo aditivo* para descrever a aquisição de uma segunda língua, sem prejuízo da primeira língua. O termo oposto, *bilinguismo subtrativo*, foi utilizado para definir a situação em que, ao se adquirir uma segunda língua, perde-se a proficiência na primeira. Esse fenômeno manifesta-se principalmente em comunidades de imigrantes, onde a primeira língua é considerada minoritária e adquire, por isso, um *status* inferior ao da língua oficial da localidade.

Com respeito à escolarização, um aspecto importante a ser considerado nessas comunidades, onde, na maioria das vezes, a língua materna do aluno não é a língua oficial do país, é o ensino da segunda língua. Baker (2001), analisando a situação de crianças falantes de línguas minoritárias, considerou que o processo de ensino de uma segunda língua pode ser *assimilativo* ou *subtrativo*. Para o autor, é importante distinguir se uma segunda língua está sendo ensinada com o intuito de substituir a primeira língua ou adicionar uma segunda língua ao repertório do indivíduo. Isso é de grande relevância no presente estudo, uma vez que muitos entrevistados admitiram ter adquirido a língua portuguesa (L2) na escola.

Como se vê, o bilinguismo normalmente envolve o contato entre duas línguas: a materna e outra, a segunda língua. A próxima seção discute esses dois conceitos.

3.2 Língua Materna, língua 2 e língua estrangeira

Nas últimas décadas, diversos pesquisadores têm procurado identificar os diversos fatores envolvidos no processo de aquisição e aprendizagem de línguas maternas e não maternas. Desde o início desses estudos, a distinção entre os termos *língua materna*, *segunda língua* e *língua estrangeira* tem sido bastante discutida. Entretanto, em virtude da diversidade de perspectivas adotadas nesse âmbito, não é possível apontar uma definição única e definitiva para cada um desses conceitos. Assim, para compreender com mais clareza em que contextos eles se inserem, faz-se, a seguir, uma breve descrição de cada conceito com base na perspectiva de alguns investigadores.

Entende-se como *língua materna*, também designada como *primeira língua* (L1) ou *língua nativa*, a primeira língua aprendida, aquela que é mais usada pelo falante como instrumento natural de comunicação, da qual ele se intitula falante nativo¹⁸; por isso alguns a chamam de *língua principal* (SIGUÁN; MACKEY, 1992). Além de ser o primeiro sistema linguístico de socialização da criança, adquirido no contexto familiar, ela constitui também um elemento de identidade e produz no indivíduo um sentimento de pertença a um determinado contexto cultural e social¹⁹.

Sobre o conceito de *língua materna*, Lieberson (1969) acrescenta que este pode ser usado para designar uma língua que era usada no ambiente doméstico de um indivíduo durante a sua infância, ainda que esta não seja a língua utilizada por ele atualmente.

¹⁸ *Falante nativo* refere-se ao inglês *native speaker*, expressão já usada por Bloomfield (1933, p.43) para denominar a primeira língua que um ser humano aprende a falar: "A primeira língua que um ser humano aprende a falar é a sua *língua nativa*; ele é um *falante nativo* dessa língua" [...]"*The first language a human being learns to speak is his native language; he is a native speaker of this language*"].

¹⁹ cf. Gass; Selinker (2008).

Na definição de Romaine (1995) e de Marcato (2012), o termo *língua materna* foi cunhado em alusão à língua que se aprende nos primeiros meses de vida e que se acredita ser também a da mãe, sendo assim "língua da mãe". No entanto, em circunstâncias diversas, na sociedade, isso pode não ocorrer. Por exemplo, uma criança filha de imigrantes estrangeiros na Itália pode ter como *língua materna* o italiano, que não é a "língua de sua mãe". Um exemplo de situação contrária poderia ser observada em Santa Teresa, no caso dos filhos de imigrantes italianos que têm como língua materna o português.

Outra definição do termo *língua materna* está relacionada com a competência: a língua materna seria aquela que um indivíduo conhece melhor. Considerando que uma mesma pessoa raramente consegue manter o mesmo nível de competência em mais de uma língua ao longo de toda a sua vida, muitos bilíngues podem conhecer melhor uma língua do que a outra, por ter sido escolarizado nela, mas continuar sentindo uma forte ligação com a outra língua, por ter sido esta a usada em seu ambiente doméstico.

Com relação aos conceitos de *segunda língua* (L2) e *língua estrangeira* (LE), existe uma vasta discussão acerca dessas nomenclaturas, que, no geral, diferem entre si no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Apesar de não adentrar na temática de estudo da presente dissertação, a definição desses termos é importante, principalmente se levarmos em consideração que, atualmente, o italiano padrão é ensinado nas escolas municipais de Santa Teresa, apesar de os italianos que aqui chegaram serem, em sua maioria, dialetófonos.

Segundo Balboni (2012), o termo *língua estrangeira* é utilizado para indicar uma língua que é estudada em um país, local ou região em que esta não é presente, a não ser na escola. Assim, um brasileiro que aprende inglês no Brasil o aprenderá como *língua estrangeira*, ou seja, fora da área onde esse idioma é falado. Ainda segundo Balboni (2012, p.126), "diferente da segunda língua, o input linguístico — ou estímulo — na língua estrangeira é fornecido

(diretamente ou com tecnologia didática) pelo docente"²⁰ (BALBONI, 2012, p.126).

Já o termo *segunda língua*, ou *Língua 2*, é usado em referência à língua que é ensinada em um local em que ela também pode ser encontrada fora do ambiente escolar. Segundo Balboni (2012), a aprendizagem de um idioma como *segunda língua* se dá diferentemente da *língua estrangeira*: na aprendizagem da *segunda língua*, o *input* linguístico (estímulo) provém diretamente do ambiente externo, do mundo extraescolástico. A motivação é geralmente imediata, instrumental, cotidiana e visa à integração do aluno no país em que a língua é falada. Assim, um brasileiro que vai à França para aprender francês estudará esse idioma como *segunda língua*, ou seja, estará imerso na cultura e na língua que deseja aprender, encontrando facilmente falantes com quem exercitar o que está sendo adquirido na escola. Enfim, estará envolvido com a língua-alvo no exato local em que essa é a língua do contexto situacional de comunicação.

Havendo sido expostos os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira, no próximo tópico será tratado outro conceito relacionado ao tema em estudo: a diglossia.

3.3 Diglossia

O termo *diglossia* foi originalmente utilizado por Ferguson (1959) para se referir à separação funcional de duas ou mais variedades de uma mesma língua, dentro de uma comunidade. Nessa situação, o uso da variedade dominante, conhecida como variedade alta (H, do inglês *high*) seria estritamente destinada a domínios formais, como o ambiente escolar e instituições públicas. Já a

²⁰ "a differenza di quanto avviene nella lingua *seconda*, l'input in lingua *straniera* è fornito (direttamente o con tecnologia didattica) dall'insegnante" (BALBONI, 2012, p. 126).

variedade subordinada, conhecida como variedade baixa (L, do inglês *low*), seria utilizada no contexto doméstico e em outros domínios informais.

Segundo Ferguson (1959), uma característica importante da diglossia é a não superposição funcional das duas variedades, ou seja, em determinados domínios, somente a variedade baixa é apropriada, e em outro, somente a variedade alta. Casos clássicos de diglossia citados por Ferguson (2000) incluem o uso da língua padrão e do dialeto regional em países como o Irã e a Itália, onde muitos falantes utilizam seu dialeto local no contexto familiar ou com amigos, e também a língua padrão, usada em situações públicas ou para se comunicarem com falantes de outros dialetos.

Fishman (1967), por sua vez, deu outra abordagem a essa questão. Para ele, casos de diglossia incluiriam qualquer sociedade em que duas línguas são utilizadas em situações distintas e diferenciadas. Como exemplo, ele cita o Paraguai, sendo as línguas alta e baixa, respectivamente, o espanhol e o guarani.

Levando-se em conta as noções de bilinguismo e diglossia, Fishman (1967) afirma que, em uma situação de bilinguismo estável, isto é, de preservação de dois códigos linguísticos, um majoritário e outro minoritário, surge o fenômeno da diglossia. Segundo o autor, os conceitos de bilinguismo e diglossia não coincidem, necessariamente: bilinguismo é o uso de duas línguas por uma mesma pessoa — bilinguismo individual — ou pelo mesmo grupo — bilinguismo social; já a diglossia é uma superposição de uma língua sobre a outra em determinadas funções sociais.

Dessa forma, Fishman (1980) distingue as comunidades de fala em quatro tipos: a) nem bilíngue nem diglósica; b) com bilinguismo e sem diglossia; c) com bilinguismo e com diglossia; e d) com diglossia e sem bilinguismo.

- a) Nem bilíngue nem diglósica. As comunidades caracterizadas pela ausência de bilinguismo e de diglossia foram denominadas comunidades de fala monolíngues.

- b) Com diglossia e sem bilinguismo. Este é o caso de duas comunidades monolíngues que estão unidas, como, por exemplo, as áreas francófonas do Canadá.
- c) Com bilinguismo e com diglossia. É o caso de uma comunidade bilíngue em que as duas línguas são usadas em domínios separados, como é o espanhol e o guarani no Paraguai;
- d) Com *bilinguismo e sem diglossia*. Esta é uma situação em que ambas as línguas são usadas em todos os contextos e podem competir pelo uso em todos os domínios, como o catalão e o espanhol na Espanha.

Para Fishman (1980), as comunidades bilíngues com diglossia têm claras as funções atribuídas a cada uma das línguas. Já nas comunidades bilíngues sem diglossia, as funções não estão compartimentalizadas, podendo, portanto, uma língua ir ocupando o lugar da outra até que uma desapareça.

O estudo da diglossia e do bilinguismo leva, necessariamente, a se tratar dos domínios de uso das línguas. Este é o tema da próxima seção.

3.4 Domínios de uso da língua

De acordo com Li Wei (2000), a teoria de domínios de Fishman (1965, 1972) foi um dos primeiros modelos para a determinação da escolha da língua no bilinguismo. Domínios, a partir da concepção de Fishman (1965), seriam esferas contextualizadas ou totais contextos interacionais através do qual se localizaria e se expandiria o bilinguismo, o que Li Wei (2010) exemplifica a partir da seguinte situação: marido e esposa (participantes) conversando sobre assuntos domésticos (tópico) em casa (local) poderiam constituir um domínio *família*. Esse domínio poderia requerer o uso de uma língua ou variedade diferente da que seria usada, por exemplo, no domínio *trabalho*.

Em uma pesquisa realizada junto à comunidade porto-riquenha em Nova York, Fishman, Cooper e Ma (1971), com base em observação e entrevistas, chegaram a uma lista de cinco domínios em que espanhol ou inglês eram

usados de forma consistente: família, amizade, religião, trabalho e escola. Em cada um deles, havia pressões de vários tipos — econômicas, administrativas, culturais, políticas, religiosas etc., que influenciavam o bilíngue a usar mais uma língua do que a outra (cf. MACKEY, 1972, p. 563-4).

Além disso, diversos estudos já atestaram que os domínios nos quais uma ou outra língua é usada desempenham um importante papel no processo de manutenção e substituição linguística (FISHMAN, 1965; 1972; CLYNE 1982; BOYD, 1985; HYLTENSTAM e STOUUD, 1991).

Weinreich (1970 [1953]) também afirmou que é possível analisar o processo de substituição linguística por meio da identificação dos domínios em que as línguas são usadas. O autor diz que, se a língua majoritária estiver gradualmente assumindo as funções da língua minoritária nas áreas específicas onde L1 era usada, o processo de substituição linguística teria sido iniciado.

Segundo Pauwels (1986), as discussões sobre os domínios geralmente envolvem duas questões: a) o que constitui um domínio e b) quantos domínios devem ser estabelecidos em um estudo. Para a autora, os principais elementos que constituem um domínio incluem os interlocutores, como estes se relacionam e os locais específicos da interação, isto é, o local de encontro dos interlocutores.

Em relação ao número de domínios, diversos autores apresentam opiniões bastante distintas a esse respeito: Haugen (1956, p.31) lista como principais grupos de domínios, “aqueles que são criados a partir de laços de família, vizinhança, igreja, trabalho, idade, etnia e filiação religiosa”²¹ (HAUGEN, 1956, p. 31). Já Fishman, Cooper e Ma (1971) analisaram cinco domínios: família, amizade, religião, escola e trabalho. Para os autores, o número e a seleção dos domínios devem ser determinados empiricamente, de acordo com a comunidade de fala.

²¹ “ those that are created by ties of family, neighbourhood, church, occupation, age, race and religious affiliation” (HAUGEN, 1956, p. 31)

Por sua vez, Clyne (1982) analisou quatorze domínios para estabelecer o uso do inglês e das línguas de imigração na Austrália: família, vizinhança, amizade, escola, comunidades seculares, igreja, trabalho, comércio, rádio, televisão, imprensa étnica, bibliotecas, cafés, restaurantes e hotéis. Destes, oito eram relacionados com a língua falada.

Já Pauwels (1986) optou por utilizar cinco domínios, para determinar as formas de uso do inglês e dos dialetos alemães e holandeses na Austrália, Pauwels (1986) optou por utilizar cinco domínios: a) a família, compreendendo tanto os membros mais próximos do grupo familiar, como esposa e filhos, por exemplo, como da extensão familiar, como: avós, tios e outros parentes; b) a comunidade étnica, que foram separados em três domínios: amizade, religião e organizações étnicas, como associações e clubes étnicos; e c) o comércio, que se refere ao contato com a língua de imigração em lojas, supermercados e restaurantes.

Por fim, Fishman (1972) chama atenção para o fato de que a língua materna terá mais chance de sobreviver em uma situação de complementaridade linguística se houver a preservação do uso funcional de cada uma das línguas dentro de determinados domínios sociais, estimulando a sustentação do bilinguismo estável.

A seguir, serão recapitulados os domínios de uso das línguas vinculados diretamente com os objetivos da presente dissertação.

(i) Casa e família

Diversos estudos já afirmaram que o âmbito doméstico é o último domínio em que uma língua de imigração é usada (cf. FISHMAN, 1964; CLYNE, 1967; HAUGEN, 1973; BETTONI, 1981). No entanto, Clyne (1991) demonstrou que, para línguas que apresentam um longo estágio de manutenção, essa nem sempre seria a regra. O autor argumenta que a comunicação social com todos os componentes da família, e não necessariamente o seu uso no âmbito doméstico, é que mantém a língua.

Segundo Rubino (2007), o domínio *família* é o mais estudado, justamente pelo papel fundamental que desempenha na manutenção da língua minoritária. A variável *interlocutor* estaria entre as mais analisadas nos estudos sobre o bilinguismo, devido ao grande impacto que exerce na escolha da língua. Ainda segundo a autora, as outras variáveis que são levadas em consideração — ainda que em menor grau — são o *tópico* da conversação e o *lugar* onde ela se dá.

Além disso, para Rubino (2007, p.104), “O núcleo familiar não é necessariamente o último lugar da manutenção da língua, como tem sido postulado em alguns estudos (exemplo, FISHMAN, 1964, p.430)”²² (RUBINO, 2007, p.104, tradução nossa). Para a autora, o fator social *geração* à qual pertencem o *falante* e o *interlocutor* constitui a variável que exerce maior impacto na escolha da língua entre os diferentes membros de uma família. Dessa maneira, pode-se observar que Rubino (2007), assim como Clyne (1991), enfatiza a importância do fator social *geração/idade* do falante e do interlocutor como determinantes para a escolha da língua entre os diversos membros de uma mesma família.

Clyne (1991) também enfatiza que uma variável importante para o uso das línguas de imigração seria a proximidade e a interação entre os diversos componentes do grupo familiar (especialmente os avós). O autor baseia sua afirmação em diversos estudos realizados em comunidades imigrantes, que atestaram que os indivíduos mais jovens usavam a língua de imigração somente para se comunicar com os membros mais idosos da comunidade (cf. SMOLICZ; HARRIS, 1976; CLYNE, 1968a; KIPP, 1980), ou com pessoas que eram identificadas com valores considerados mais antigos, característicos da vida camponesa e da zona rural (cf. GAL, 1979).

Ainda em relação à idade do interlocutor, Clyne (1981a), em seus estudos sobre a manutenção da língua alemã na Austrália, constatou que o alemão estava sendo perdido entre os descendentes desses imigrantes. Ele também verificou que a escolha da língua pelos falantes daquela comunidade era

²² "the nuclear family is not necessarily the stronghold of language maintenance, as it has been postulated in a number of studies (e.g., Fishman 1964, p. 430)".

determinada pela idade do interlocutor, o que geralmente estava relacionado com o fato de o indivíduo ter ou não estudado em escola bilíngue e também com a idade dele à época da I Guerra Mundial, pois, durante esse período, houve a proibição do uso de todas as línguas que não fossem o inglês, por parte do governo australiano (CLYNE, 1991).

(ii) Amigos e vizinhos

Analisando os domínios de uso das línguas na Austrália, Smolicz (1979) observou que, em alguns grupos étnicos, após o núcleo familiar de um indivíduo, a rede de amigos mais próximos exerceria uma grande influência no uso da língua. O autor observou que, pelo menos entre os indivíduos da primeira geração, a rede de amigos mais próximos oferecia muitas oportunidades para o uso da língua do grupo étnico. Já Bettoni (1981), em seu estudo realizado em uma comunidade italiana de North Queensland, na Austrália, verificou o uso do italiano com os pais de amigos mais próximos.

Bodi (1980), investigando um grupo de pré-adolescentes de origem russa em uma localidade perto de Melbourne, Austrália, observou que o inglês tinha se tornado a língua predominante entre esses adolescentes. Os que apresentaram maior retenção da L1 foram os que atribuíam maior importância ao seu grupo de amigos russos.

A elevada concentração de um determinado grupo étnico em uma área também aumenta a oportunidade de uso da língua pelo grupo. Clyne (1982) verificou que a elevada concentração de determinados grupos étnicos (turcos, macedônios e malteses) nas capitais de algumas cidades australianas oferecia a oportunidade do uso informal das línguas de imigração entre os vizinhos.

(iii) Escola

O domínio *escola* tem sido identificado como um fator muito negativo para a manutenção linguística²³. Clyne (1991) pontua que, durante o período assimilacionista da Austrália, as escolas atuaram como agentes de

²³ Exceto no caso de escolas bilíngues (cf. CLYNE et al, 1995).

substituição linguística, o que pode ser verificado por meio de diversos estudos (cf. CLYNE, 1968b; SMOLICZ 1971,1979; SMOLICZ; SECOMBE,1985). Nesse período, as crianças foram desencorajadas a usar a língua de seus respectivos grupos étnicos. Além disso, raramente havia oportunidade de aprendê-las formalmente.

Ainda segundo Clyne (1991), mesmo nas localidades onde as línguas étnicas eram oferecidas nas escolas, as crianças eram desestimuladas a usá-las e, quando o faziam, eram discriminadas em sala de aula, o que ocasionou a estigmatização das línguas de imigração naquele período. Isso também impediu as crianças de desenvolverem uma boa competência na língua materna, o que contribuiu para o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem da língua inglesa, que, no caso, era a segunda língua dessas crianças (CLYNE, 1991).

Por fim, Appel e Muysken (1987) afirmam que, se a criança aprende a ler e a escrever sua língua materna na escola, as chances dessa língua (que está em contato com a língua majoritária) sobreviver serão muito maiores. No entanto, se a socialização da criança na língua minoritária for exclusiva do ambiente familiar ou somente do domínio escola, haverá um risco maior de que essa língua seja substituída pela língua majoritária.

(iv) Comércio

O comércio também desempenha papel importante na manutenção linguística, principalmente no caso de restaurantes e lojas que são de propriedade de imigrantes ou de descendentes que usam a língua do grupo étnico. Isso foi demonstrado no estudo de Bettoni e Rubino (1996) sobre o uso do italiano e nos estudos de Wu (1995) sobre o uso do chinês na Austrália. Entretanto, os estudos realizados na comunidade italiana por Bettoni e Rubino (1996) e em uma comunidade espanhola por Clyne e Kipp (1999) demonstraram que o uso da língua étnica no *comércio* foi observado principalmente entre os indivíduos da primeira geração.

(v) Religião

Vários estudiosos (cf. KLOSS, 1966; HYLSTENSTAM; STROUD, 1991; GARNER, 1988; etc.) defendem que o domínio *religião* exerce efeito positivo na manutenção da língua materna, principalmente se a língua minoritária for a língua utilizada durante as celebrações e outros serviços prestados pelas organizações religiosas. Kloss (1966), investigando a situação de manutenção linguística entre os alemães nos Estados Unidos, verificou que o *isolamento social* do grupo minoritário, associado ao uso da língua de imigração em ambientes religiosos, foram fatores que favoreceram a manutenção da língua minoritária.

Para Hyltenstam e Stroud (1991), a religião pode afetar positivamente a manutenção da língua se estiver unindo indivíduos de um grupo minoritário e promovendo a solidariedade entre seus membros. Para os autores, a homogeneidade causada pelo compartilhamento de crenças religiosas e pela filosofia de vida semelhante contribuem para a manutenção da língua e da identidade étnica do grupo.

Em contextos em que a religião do grupo minoritário é diferente da do grupo majoritário, as instituições religiosas podem exercer efeito fundamental no processo de manutenção da língua. Isso foi observado por Garner (1988), que constatou que a *religião* era um dos domínios em que a língua russa era usada na Austrália. Por outro lado, entre o grupo italiano, o domínio *religião* não exercia uma diferença significativa na manutenção da língua de imigração, uma vez que as cerimônias e outras atividades religiosas eram conduzidas em língua inglesa (RUBINO, 2007).

Por fim, Woods (2004) verificou a importância da *idade* do indivíduo para a escolha da língua, no domínio religião. Também esta pesquisadora afirma que esse domínio pode ser fundamental para a manutenção linguística, principalmente entre os membros mais idosos da comunidade.

(vi) Instituições públicas

As instituições públicas são consideradas um domínio importante para a manutenção da língua materna de um grupo. O uso da língua minoritária em instituições públicas do país majoritário estimula o uso dessa língua em outros domínios, promovendo a sua manutenção. Além disso, esse uso contribui para o aumento do *status* dessa língua, tanto entre os membros do grupo minoritário como do majoritário (HYLTENSTAM; STROUD, 1991).

Um exemplo positivo do uso de língua minoritária em órgãos públicos é o caso da Finlândia. Nesse país, desde 1922, os falantes do finlandês e do sueco têm direito legal de usar suas línguas em instituições governamentais. Com base na lei, um distrito é considerado bilíngue quando 8% da população é bilíngue ou quando há 3.000 falantes bilíngues em uma determinada área. As instituições públicas têm funcionários bilíngues para atender ao público, e as certidões de nascimento e outros documentos oficiais podem ser fornecidos em ambas as línguas (HYLTENSTAM; STROUD, 1991).

Já Baker (2001) aponta que a decisão de se incluir, ou não, o uso das línguas minoritárias em serviços prestados pelas instituições governamentais é um aspecto do planejamento linguístico. No entanto, como recorda o autor, o planejamento linguístico é uma atividade executada pelo governo. Dessa forma, o uso de línguas minoritárias nesse domínio é completamente dependente do governo e de suas políticas linguísticas.

(vii) Meios de comunicação

Outro domínio que influencia enormemente a manutenção linguística são os meios de comunicação de massa. A transmissão de programas de rádio e televisão, assim como a publicação de livros, revistas e jornais na língua minoritária contribui para aumentar seu *status*, uma vez que demonstra, para os falantes, que a língua é apropriada para o uso em domínios públicos.

Segundo Appel e Muysken (1987), Hyltenstam e Stroud (1991) e Clyne (1991), os meios de comunicação de massa podem auxiliar os falantes a aprimorar

ainda mais a língua minoritária e aumentar sua competência linguística, ao passo que o acesso a meios de comunicação na língua majoritária facilitaria a sua penetração em domínios muitas vezes exclusivos da língua minoritária, como no âmbito doméstico. Esse foi o caso das comunidades nahuatl, no México. Hill e Hill (1977) estudaram a substituição da língua nahuatl pelo espanhol em uma comunidade rural no México. Um dos fatores responsáveis pela substituição daquela língua foi a chegada da energia elétrica e, conseqüentemente, da transmissão de programas de rádio em espanhol, logo no início da década de 1940.

Atualmente, o impacto dos meios de comunicação e das novas tecnologias de comunicação nos usos, na escolha e na manutenção linguística continua recebendo muita atenção da parte de pesquisadores. Bettoni e Rubino (1996) e também Clyne e Kipp (1999; 2006) observaram que, enquanto, a leitura de material escrito na língua étnica e o acesso a programas de rádio nessa língua são mais difundidos entre os indivíduos da *primeira geração*, os programas de televisão e vídeos são bastante populares entre as demais gerações de imigrantes. Em algumas minorias étnicas, como os imigrantes de línguas árabe e chinesa residentes na Austrália, os programas de televisão e vídeos na língua minoritária são mais populares entre a faixa etária dos mais jovens, dependendo sempre da disponibilidade de acesso do grupo a este tipo de material (CLYNE; KIPP, 1999).

No que diz respeito às novas tecnologias de comunicação²⁴, estudos recentes têm mostrado a difusão do uso de línguas minoritárias na internet, principalmente entre as gerações mais jovens, com resultados positivos tanto do ponto de vista linguístico como cultural, conforme demonstrado por Fitzgerald e Debski (2006), em um estudo realizado com polacos residentes em Melbourne, na Austrália. Clyne e Klipp (2006) constataram que, na Austrália, muitos imigrantes usam as novas tecnologias como forma de acesso a informações do país de origem na sua própria língua, ou para manter contato regular com parentes e amigos do país de origem (LAMBERT, 2008; RUBINO, 2009).

²⁴ Exemplo: internet, telefonia móvel e televisão por assinatura, entre outros.

No caso deste estudo, pretende-se verificar em quais domínios o dialeto italiano e o português são usados no município de Santa Teresa.

3.5 A língua como identidade

Segundo Tajfel (1983), cada indivíduo reconhece as semelhanças e diferenças que possui em relação aos demais grupos de uma sociedade. A esse sentimento de pertencimento ou identificação com um ou mais grupos sociais, o autor atribui o nome de *identidade social*. É certo, entretanto, que a *identidade social* deve ser entendida, acima de tudo, como dinâmica, podendo mudar conforme a situação de contato com o *outro*. Nesse processo, as comparações sociais no nível individual e grupal são fundamentais para a definição de si próprio, de sua pertença a um grupo e de sua influência social.

É através da comparação social que um indivíduo determina quais características ele compartilha com os diferentes grupos, os quais, por sua vez, devem reconhecê-lo como membro. Além disso, cada grupo deve identificar-se e ser identificado como um grupo distinto.

Tajfel (1983) afirma também que, no processo de comparação social, existe uma tendência dos indivíduos a atribuírem uma valoração negativa ao *grupo externo* e uma positiva ao *grupo interno*, o que não significa que um indivíduo não possa ter uma identificação problemática com o próprio grupo. Se este não oferece condições adequadas para preservar uma identidade social positiva, pode-se optar pela estratégia da mobilidade social ou de mudança para um *status* mais alto, *desidentificando-se* com o grupo original.

Dentro do conceito de *identidade social* está inserida a *identidade cultural*, mas, ao contrário daquela, em que um indivíduo se define dentro da mesma comunidade, a identidade cultural somente surge quando duas culturas distintas entram em contato, e os membros de cada grupo reconhecem as diferenças entre si. A identidade pode também estar relacionada com a noção de pertencimento a um determinado grupo étnico. Assim como a *identidade cultural*, a *identidade étnica* é particularmente relevante nos limites entre um

grupo interno e um externo, em que se reconhecem pontos em comum de um grupo étnico sobre outro.

Quando a língua é uma característica definidora da identidade cultural ou étnica de um indivíduo, podemos falar de *identidade etnolinguística*, em que o uso de uma língua específica constitui um aspecto importante de uma associação de grupo e serve também como um fator de definição da própria identidade. Assim, comunidades que têm sua própria língua constituem grupos etnolinguísticos. Por exemplo, os *chicanos*, que saem do México e vivem nos Estados Unidos, constituem um grupo etnolinguístico, pois, além de manterem sua língua, diferenciam-se dos demais em outros fatores.

A relação entre língua e identidade é inegável; no entanto, avaliar em que grau uma língua afeta a identidade de um grupo é difícil de ser determinado. Essa relação pode ser considerada *objetiva*, quando a língua é vista como uma parte vital da identidade étnica (cf. FISHMAN, 1989, entre outros), ou *subjetiva*, quando a língua é considerada apenas um dos muitos possíveis marcadores dessa identidade (EDWARDS, 1985).

De acordo com a posição *objetiva*, a participação de um indivíduo em um grupo étnico é involuntária, no sentido de que ele é considerado um membro através da ancestralidade comum, religião ou a língua. Nessa concepção, a língua é vista como uma parte primordial e integrante da identidade, e a perda desta implica, conseqüentemente, a perda da identidade. Em contraste, a visão *subjetiva* concentra-se na percepção de que os falantes têm de pertencer a um grupo e na crença da ancestralidade e dos valores culturais comuns. Esse ponto de vista considera a língua apenas como um dos múltiplos aspectos da identidade e do pertencimento a um grupo e, como tal, a perda da língua não necessariamente significa a perda da identidade do grupo.

Um exemplo da situação descrita no parágrafo anterior é dada por Trudgill (1983). O autor evidenciou que os albaneses na Grécia apresentavam atitudes negativas em relação à língua albanesa e não a estavam transmitindo para seus filhos; no entanto, a maioria expressou um sentimento de orgulho em relação às tradições albanesas, embora se identificassem como gregos, e não como albaneses. Neste caso, a integração na cultura dominante levou à perda

da língua étnica, apesar da manutenção de certos aspectos da cultura albanesa.

Como se disse, a associação entre língua e identidade é certa. Entretanto, dependendo das pressões econômicas e sociais decorrentes do grupo majoritário, a língua pode ser um fator decisivo para a identidade de um indivíduo. Essa situação é muito comum em comunidades de imigrantes, em que a identidade e a diferença andam em estreita conexão com o prestígio e o poder. Normalmente, não se quer pertencer a um grupo de menor prestígio ou de pouco poder. Nesses casos, os indivíduos de comunidades minoritárias tentam assimilar tanto os aspectos culturais quanto os linguísticos dos grupos dominantes.

O *prestígio* e o *valor de mercado* da língua servem, assim, para a construção de uma identidade positiva. Por exemplo, o estudo de Williams (1980) sobre o bilinguismo entre imigrantes portugueses na Califórnia demonstrou uma baixa manutenção da língua portuguesa entre a primeira geração de imigrantes: 8% dos entrevistados da primeira geração já não falavam a língua fluentemente e rejeitavam a importância da língua materna para a sua identidade étnica. Sendo o inglês essencial para a mobilidade social na sociedade americana, a importância da língua portuguesa foi rebaixada para acomodar a língua inglesa.

Em conclusão, Edwards (1981) defende que, quando grupos minoritários querem integrar-se à cultura majoritária, a função habitual da língua materna diminui. Ela até poderá ser mantida em ritos, assim como outros elementos culturais poderão permanecer, contanto que tenham alguma função particular na vida das pessoas. O autor ressalta ainda que os aspectos que permanecem não impedem os indivíduos de participarem da cultura majoritária e também que ascendam na sociedade.

3.6 As atitudes linguísticas

As atitudes linguísticas compreendem três componentes: *i)* o *cognitivo*, que é relacionado às crenças sobre determinada língua; *ii)* o *afetivo*, que seriam os sentimentos dos falantes em relação a determinada língua; e *iii)* o

comportamental, que seria a prática real ou o comportamento dos falantes em relação às línguas (EDWARDS, 1985; GARRETT et al. 2003). Edwards (1985) aponta para a importância de se distinguirem esses três componentes, pois um indivíduo pode acreditar que uma língua é importante e, mesmo assim, não gostar dela, ou pode acreditar que uma língua é importante, mas, na prática, não usá-la, como demonstrado nos estudos de Rindstedt e Aronsson (2002)²⁵.

Bourdieu (1982) define atitudes como um conjunto de disposições, ou *habitus*²⁶, que são atitudes e práticas de comportamento dependentes das condições sociais e da história coletiva de um grupo. Nesse sentido, as atitudes são muitas vezes baseadas em estereótipos, quando os grupos se comparam uns com os outros, de modo a serem ambos incluídos como parte de um grupo maior, e também como modo de identificar, manter e aumentar características distintivas (GARRETT, COUPLAND; WILLIAMS, 2003).

Para Myers-Scotton (2006, p.109), as atitudes linguísticas são "Avaliações que os falantes fazem sobre os valores relativos de uma língua"²⁷. Para a autora, os estudos de atitudes linguísticas estão interessados em entender o significado social de uma variedade linguística falada por determinada pessoa ou grupo social; e em entender se a sua utilização levará outros a associarem o falante com determinado grupo social ou profissional. Ou seja, *quem* usa determinada variedade linguística e *onde* a usa faz diferença.

Os estudos de atitudes linguísticas também analisam o valor de determinada língua ou variedade linguística para o próprio falante (ex.: essa variedade é usada em família?) e o seu valor na sociedade dominante em situações de aumento de *status* social (ex. essa língua é usada em interações oficiais com membros de outros grupos?). Por exemplo, se a maioria das pessoas que falam determinada língua for composta por imigrantes com baixo nível de

²⁵Em um estudo realizado nos Andes, Rindstedt e Aronsson (2002) observaram que muitos pais não transmitiam o quechua a seus filhos, apesar de considerá-lo um aspecto muito importante da sua identidade indígena.

²⁶ O conceito de *habitus* emerge, na obra de Bourdieu, no contexto de sua reflexão crítica sobre o papel da escola na reprodução social. Segundo Bourdieu (1982), o *habitus* inclui tanto as representações sobre si e sobre a realidade, como também o sistema de práticas em que a pessoa se inclui, os valores e crenças que veicula, suas aspirações, identificações etc.

²⁷ No original: "assessments that speakers make about a relative values of a language" (MYERS-SCOTTON, 2006, p.109).

escolaridade e, além disso, a língua não for usada em situações oficiais, como acontece, por exemplo, com o turco em países da Europa Ocidental, então todos os seus falantes serão associados a imigrantes de baixa escolaridade, mesmo que se trate de profissionais qualificados. Ainda segundo Myers-Scotton (2006), as atitudes são em grande parte inconscientes, mas isso não significa que as pessoas não possam fazer comentários ou agir em função das suas atitudes.

Nessa mesma linha de raciocínio, Appel e Muysken (1987) defendem que um indivíduo, ao falar, não apenas transmite uma mensagem contida em seu discurso, mas também normas culturais e valores que permitem que um interlocutor atento depreenda uma série de informações a seu respeito, entre as quais seu idioleto e o seu grupo social. Se a língua tem significado social, as pessoas avaliarão isso em relação ao *status social* de seus usuários. Desse modo, suas atitudes linguísticas serão atitudes sociais.

3.6.1 Atitudes em relação às línguas minoritárias

Normalmente, o grupo dominante promove seus padrões de uso da língua como o modelo necessário para o avanço social e, portanto, o uso de línguas minoritárias reduz as chances de sucesso na sociedade. Assim, grupos minoritários geralmente tendem a adotar os valores do grupo dominante por meio da *acomodação linguística*²⁸ (GILES; BOURHIS; TAYLOR, 1973), que irá ajudá-los a ganhar mobilidade na sociedade; como resultado, a manutenção da língua minoritária muitas vezes é deixada de lado. No entanto, Milroy (1987) argumenta que, se a variação linguística faz parte do ambiente da comunidade, a *acomodação linguística* pode não ser a opção; nesse caso, as diferenças poderiam ser mantidas através de *redes sociais densas e múltiplas* (MILROY;

²⁸A teoria da acomodação, formulada no âmbito da Psicologia Social por Giles, Taylor e Bourhis (1973), busca determinar como os falantes se acomodam linguisticamente ao seu interlocutor. Já a expressão *acomodação linguística*, tradução do inglês "linguistic accommodation", refere-se à noção de que os falantes de grupos minoritários tendem a expressar solidariedade uns com os outros e a utilizar uma língua comum, geralmente a do grupo dominante de modo a evitar problemas de comunicação (GILES et al. 1973).

GORDON, 2003) ou através dos *domínios* em que essa variedade é usada, como já pontuado em estudos de Fishman (1982) e Johnstone (2010).

Dessa forma, as atitudes do grupo majoritário em relação ao grupo minoritário desempenham um papel muito importante na manutenção linguística. Frequentemente, se essas atitudes são positivas, existe uma alta probabilidade de manutenção da língua minoritária. No entanto, a presença de hostilidade em relação ao bilinguismo pode conduzir à substituição de uma língua rapidamente (ROMAINE, 1995).

Também são importantes as atitudes dos indivíduos em relação ao próprio grupo. Geralmente, os indivíduos que são emocionalmente apegados à sua língua e têm orgulho de sua herança cultural são os mais empenhados em transmitir a língua aos descendentes. Esse tipo de situação foi observada por Meyers-Scotton (2000) entre os coreanos residentes nos Estados Unidos. Apesar de todos eles possuírem cidadania americana, a língua de imigração mantém a sua vitalidade entre os falantes, que contam com um grande número de grupos de apoio, como igrejas coreanas, escolas de fins de semana e o comércio, que é sempre administrado por falantes de coreano. Outro exemplo é observado na Austrália, onde várias organizações e associações italianas usam o italiano padrão como veículo de comunicação (ROMAINE, 1995).

Por outro lado, nem sempre a adoção de uma língua reflete o apreço por ela e pelo grupo de falantes. Essa situação pode ser observada na Irlanda, onde a necessidade de usar o inglês aumentou a antipatia da população local em relação à língua inglesa e aos ingleses. Em relação a isso, MacNamara (1973) afirma que a adoção do inglês pelos irlandeses é um caso de substituição linguística não acompanhada por atitudes positivas em relação à língua inglesa.

Segundo Grosjean (1982), imigrantes que se mudam para outro país por razões econômicas normalmente tendem a perder sua língua nativa, como é o caso de muitas famílias de imigrantes que se transferiram para os Estados Unidos. Relatando a situação americana, o autor afirma que muitas famílias de imigrantes querem que seus filhos se adaptem e assimilem o mais rápido possível a cultura americana, não reforçando, por isso, a língua de origem ou

até mesmo proibindo-a. Kegl (1975, p.31), em seu estudo sobre os eslovenos nos Estados Unidos, apresentou o seguinte relato de um de seus informantes:

“Na época em que eu estava adquirindo a língua, falar uma segunda língua, como o esloveno, foi encarado como prejudicial à habilidade de falar bem cada língua, assim como um indicador de uma origem imigrante”²⁹ (KEGL, 1975, p.31, tradução nossa).

Gumperz (1982) estudou uma comunidade bilíngue esloveno/alemão em um local muito isolado da Áustria. O autor se concentrou na estrutura das redes sociais e nas relações entre as línguas, e também nas estruturas político-sociais que estavam estimulando o monolinguismo na localidade. Os membros das comunidades camponesas — pobres e estigmatizadas — estiveram sempre inseridos em redes sociais densas de suporte mútuo, que os mantinham sempre conectados por diversos laços - incluindo vizinhos, amigos e colegas de trabalho - e socializados em sua língua dentro da comunidade. No entanto, a mudança da economia local - de economia de subsistência agrícola para uma economia de serviço - fez com que a rede de apoio local diminuísse e trouxe mudanças nas estruturas sociais da população local. Os camponeses começaram a comercializar mais seus produtos para grandes empresas e pessoas de outras comunidades do que para os outros camponeses da comunidade local; a partir daí, as instalações agrícolas foram convertidas em áreas turísticas. Enfim, o contato muito próximo com membros de outras comunidades fez com que os camponeses adotassem novas formas linguísticas e abandonassem as formas antigas (MILROY; GORDON, 2003, p. 125).

O tipo e a extensão dos laços mantidos com a terra natal também podem afetar a manutenção linguística. Zentella (1997) investigou a situação dos porto-riquenhos em Nova York e concluiu que a forma cíclica de imigração, ou seja, a

²⁹“At the time when I was acquiring a language, speaking a second language such as Slovene was looked down upon as detrimental to one’s ability to speak either language as well and as an indication of one’s immigration background”.

constante chegada de novos imigrantes porto-riquenhos, contribui para a manutenção da primeira língua dos imigrantes e previne o monolinguismo em inglês. Entretanto, Zentella (1987), Li Wei (1994) e Milroy e Li Wei (1995) concluíram que a manutenção de uma língua é altamente dependente de seu uso.

Geralmente, entre os membros da primeira geração, existem fortes laços de união; a segunda geração se torna uma mistura entre a língua de imigração e a língua do país receptor, uma vez que os indivíduos já têm um contato maior com ambas as culturas; e a terceira geração é completamente voltada para a cultura e a língua dominante. Esse padrão, que se repete normalmente em comunidades de imigrantes, levou os autores do Contato Linguístico a estabelecer a Lei da Terceira Geração (cf., por exemplo, WEINREICH, 1970 [1953])

Por sua vez, Milardo (1988, p.23) afirma que mesmo os *laços passivos* - do inglês "passive ties", que consistem principalmente no contato com parentes e amigos residentes em localidades distantes -, constituem uma fonte valiosa de influência e suporte moral para indivíduos de comunidades imigrantes.

Igualmente, o prestígio de uma língua, percebido tanto pelo grupo majoritário como pelo minoritário, pode afetar as atitudes dos falantes em relação a uma língua e às pessoas que a usam. De acordo com vários estudos (LABOV, 1966; FISHMAN, 1972; MILROY, 1985), a variedade padrão (*standard*) de uma língua é geralmente considerada superior e goza de maior prestígio social do que as variedades não padrão. Por exemplo, os falantes do quechua³⁰ dos Andes Peruanos estigmatizavam a sua própria língua e acreditavam que era "um dialeto sem gramática" (HORNBERGER; CORONEL-MOLINA, 2004, p.15). A partir daí, eles foram conscientemente abandonando o uso do quechua e assimilando o espanhol.

Além do prestígio, a associação da língua minoritária com pessoas de pouca escolaridade e baixo *status* econômico é um dos fatores que favorecem o

³⁰ O quechua é uma família de línguas indígenas da América do Sul falado em seis países - Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru - e é considerado uma língua em extinção (HORNBERGER; CORONEL-MOLINA, 2004).

desenvolvimento de atitudes linguísticas negativas dos falantes em relação à sua própria língua. Gal (1979), por exemplo, em seu estudo sobre situação sociolinguística da comunidade bilíngue de Oberwart, na Áustria, verificou que a comunidade estava em um processo de substituição linguística do húngaro pelo alemão.

O grande fluxo de comerciantes e artesãos, associado à transferência da localidade da Hungria para a Áustria³¹, culminou com o aumento do prestígio do alemão, que passou a ser a língua do grupo externo, e com a diminuição do *status* do húngaro, que passou a ser visto como língua de camponeses. Entretanto, Gal (1979) observou que, inicialmente, a comunidade não atribuía essas atitudes negativas ao grupo húngaro, e sua língua continuava a ser vista como símbolo de identidade do grupo. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o crescimento econômico conduziu ao aumento do número de falantes de alemão e a maiores oportunidades de trabalho que necessitavam do uso da língua alemã, a qual passou a ser vista como uma necessidade. Assim, a língua húngara passou a ser vista como um impedimento para o progresso econômico e social dos indivíduos.

A língua majoritária é geralmente mais prestigiada socialmente e está relacionada com mobilidade social, elevado *status* socioeconômico e poder. Entretanto, somente o prestígio de uma língua não é suficiente para garantir sua manutenção. Como exemplo, tem-se que, apesar do prestígio internacional da língua inglesa, Cortés-Code (1996) verificou que a geração mais jovem de descendentes de ingleses na Argentina declarou usar mais o espanhol do que o inglês, pois tinha a percepção de que este é "esnobe". As atitudes negativas dos colegas falantes do espanhol em relação ao uso do inglês pelos falantes bilíngues os encorajavam a substituir este por aquele.

Contudo, as atitudes negativas do grupo majoritário podem apresentar efeito contrário, e, em vez de inibir, podem encorajar o uso da língua minoritária, como é o caso de uma língua ou uma variedade linguística que tenha um

³¹ A localidade de Oberwart, que pertencia ao Reino da Hungria, foi transferida para a Áustria em 1919 (MILLAR, 2012).

*prestígio encoberto*³². Assim, o grupo minoritário demonstra sua *solidariedade* uns aos outros por meio do uso da língua. Em outras palavras, torna-se prestigiado mostrar pertencimento ao grupo não dominante. Quanto maior for a pressão cultural e linguística do grupo dominante sobre o grupo minoritário, mais os falantes deste irão abraçar sua língua e sua identidade. Na verdade, em relações interétnicas, os falantes podem querer reforçar a sua identidade etnolinguística, acentuando certas características específicas de sua variedade linguística.

Como exemplo do que se disse, tem-se o estudo de Giles, Bourhis e Taylor (1977) com falantes galeses e ingleses, no qual um falante da língua inglesa fez comentários negativos sobre o País de Gales. Os falantes do galês que não apresentavam uma forte identidade com o País de Gales diminuíram seu sotaque galês, enquanto os falantes que sentiam orgulho de sua origem forçaram ainda mais seu sotaque galês. Nesse caso, os falantes demonstraram *solidariedade* com a língua minoritária, ao reforçar a variedade linguística associada àquele grupo.

Em resumo, a manutenção ou a substituição de uma língua minoritária revela situações bastante complexas, cabendo um estudo específico para cada comunidade. As atitudes positivas que um grupo atribui a sua língua contribuem para a sua manutenção. Geralmente, quanto mais prestigiada for uma língua dentro de uma comunidade, mais positivas serão as atitudes em relação a ela. As atitudes de um grupo podem ser influenciadas pelo grupo majoritário: se negativas, o grupo minoritário pode ser mais suscetível a substituir a sua língua pela do grupo majoritário. Outra alternativa seriam as atitudes negativas causarem o efeito contrário e, em vez de inibir, encorajar o uso da língua minoritária. Nessa situação de *prestígio encoberto*, o uso da língua minoritária se torna um traço importante de *solidariedade* e identidade do grupo.

³² Labov (2006[1966]) introduziu o conceito de *prestígio encoberto* (do inglês, *covert prestige*), para designar um *status* particular atribuído pelos falantes de um determinado grupo social à sua própria variedade linguística. Nesta situação, o *prestígio encoberto* estaria relacionado com o desejo dos falantes em manter sua identidade dentro de seu grupo social.

Tendo sido expostos os fundamentos teóricos que embasaram as análises deste estudo, no próximo capítulo será apresentada a Metodologia da pesquisa.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa: suas implicações, a metodologia da pesquisa quantitativa e qualitativa, a comunidade pesquisada, o contato, a seleção e a caracterização dos informantes, a metodologia da observação participante e a entrevista não estruturada. Primeiramente, as implicações metodológicas dos objetivos do estudo.

4.1 Implicações metodológicas dos objetivos do estudo

O referencial teórico apresentado serviu de base para o estabelecimento da metodologia desta pesquisa, desde a determinação dos objetivos anunciados na Introdução, até a análise dos dados. Esta divide-se em duas partes: a situação bilíngue português/dialetos italiano e a documentação de aspectos relativos às tradições orais do norte da Itália ainda presentes em Santa Teresa. Para tanto, foram utilizados diversos procedimentos metodológicos.

Dessa forma, a pesquisa contemplou as seguintes etapas:

- Estudo da teoria.
- Estudo histórico de Santa Teresa e da procedência dos imigrantes.
- Seleção dos informantes.
- Realização de entrevistas semiestruturada, estruturada, não estruturada e observação participante, para coleta de dados.
- Transcrição das entrevistas.
- Estágio técnico-científico realizado junto à Universidade Ca'Foscari de Veneza (Itália), onde foram realizadas as seguintes etapas: aprofundamento da análise do bilinguismo; levantamento das localidades italianas de proveniência dos antepassados dos entrevistados junto a Arquivos de Estado, paróquias e prefeituras italianas; estudo das tradições orais italianas.

- Análise quantitativa e qualitativa dos dados.

A pesquisa de campo para a realização de ambos os estudos orientou-se pela análise quantitativa e qualitativa dos dados, conforme será explicado a seguir.

4.2 Metodologia de pesquisa quantitativa e qualitativa

O levantamento e análise dos dados deste estudo, devido a suas especificidades, estão baseados na metodologia de pesquisa quantitativa e qualitativa, conforme apresentadas no capítulo introdutório desta dissertação.

Através da pesquisa quantitativa, visa-se buscar a representatividade dos dados por meio da quantidade de informantes, ou seja, quanto maior o número de informações, melhores serão os resultados.

Já a pesquisa qualitativa tem como base a visão de mundo através dos "olhos do informante". Isso significa que o pesquisador registra o fato no meio natural em que ocorre, observa ações humanas e procura interpretá-las, a partir do ponto de vista das pessoas que as praticam (JUNG, 2003, p.86). Neste tipo de pesquisa, há uma busca constante de universais concretos, isto é, o que interessa ver é aquela família constituída de 5, 6 ou 7 pessoas.

Na coleta de dados, optou-se por entrevistas semiestruturada, não estruturada e estruturada, além da observação participante.

A observação participante já foi utilizada por diversos autores como ferramenta para coleta de dados qualitativos nos estudos sobre bilinguismo. Entre eles estão Fishman, Cooper e Ma (1971), em sua obra *Bilingualism in the Barrio*. Para estudar o bilinguismo em uma comunidade de porto-riquenhos, os pesquisadores tornaram-se membros temporários da comunidade que estavam estudando: participaram de casamentos e funerais, e sentavam-se na calçada da rua para conversar com as outras pessoas. Dessa forma, tiveram uma melhor oportunidade de estudar o comportamento linguístico dos falantes pelo *lado de dentro* da comunidade (FISHMAN, COOPER, MA, 1971).

A observação participante oferece muitas vantagens para o pesquisador que a emprega, entre elas, a capacidade de coletar grandes quantidades de dados de qualidade, além de proporcionar ao pesquisador uma maior familiaridade com a cultura da comunidade (MILROY; GORDON, 2003).

Neste estudo, a observação participante foi fundamental: participar de algumas atividades das comunidades pesquisadas, como festas, grupo da terceira idade etc., permitiu à pesquisadora conhecer alguns detalhes dos costumes, atitudes e usos linguísticos, além de elucidar algumas dúvidas que as entrevistas por si só não tinham sido capazes de esclarecer nem de identificar.

4.3 A pesquisa sociolinguística

Esta seção discute os procedimentos metodológicos utilizados no estudo sociolinguístico. Inicia-se com a escolha da localidade (seção 4.3.1); em seguida, discutem-se aspectos relativos à escolha dos informantes (4.3.2); em 4.3.3, abordam-se as etapas realizadas para o levantamento do histórico dos informantes; e, em 4.3.4, apresentam-se os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de aplicação.

4.3.1 A escolha da localidade

A escolha de Santa Teresa deveu-se a dois fatores: em primeiro lugar, pelo fato de Santa Teresa ter sido a primeira cidade capixaba fundada por italianos vindos diretamente da Itália. Além disso, o município apresenta uma realidade linguística riquíssima e complexa; no entanto, ainda não foram realizadas pesquisas de caráter semelhante à nossa nessa localidade.

Em segundo lugar, a autora da presente pesquisa mantém uma forte ligação afetiva com o município, devido ao fato de seu tataravô, Amedeo Loriato, fazer parte de uma das primeiras famílias de imigrantes italianos que se estabeleceram em Santa Teresa. Além disso, a pesquisadora tem muitos parentes no município e mantém contato com alguns de seus moradores há

vários anos. Logo, os informantes não são de todo desconhecidos, o que colaborou grandemente para a interação entre pesquisadora e entrevistados.

A seguir, será apresentada uma síntese sócio-histórica e cultural do município de Santa Teresa.

i) Santa Teresa

O município de Santa Teresa está localizado a 78 Km a oeste da capital do estado, Vitória. Limita-se com os seguintes municípios capixabas: ao norte, com São Roque do Canaã; ao leste, com João Neiva, Ibirapu e Fundão; ao sul, com Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina; e a oeste, com Itarana e Itaguaçu. Possui área de 683,157 Km² e conta com uma população de 21.823 habitantes, sendo 11.768 (53,93%) na zona urbana e 10.555 (46,07%) na zona rural (IBGE, 2010).

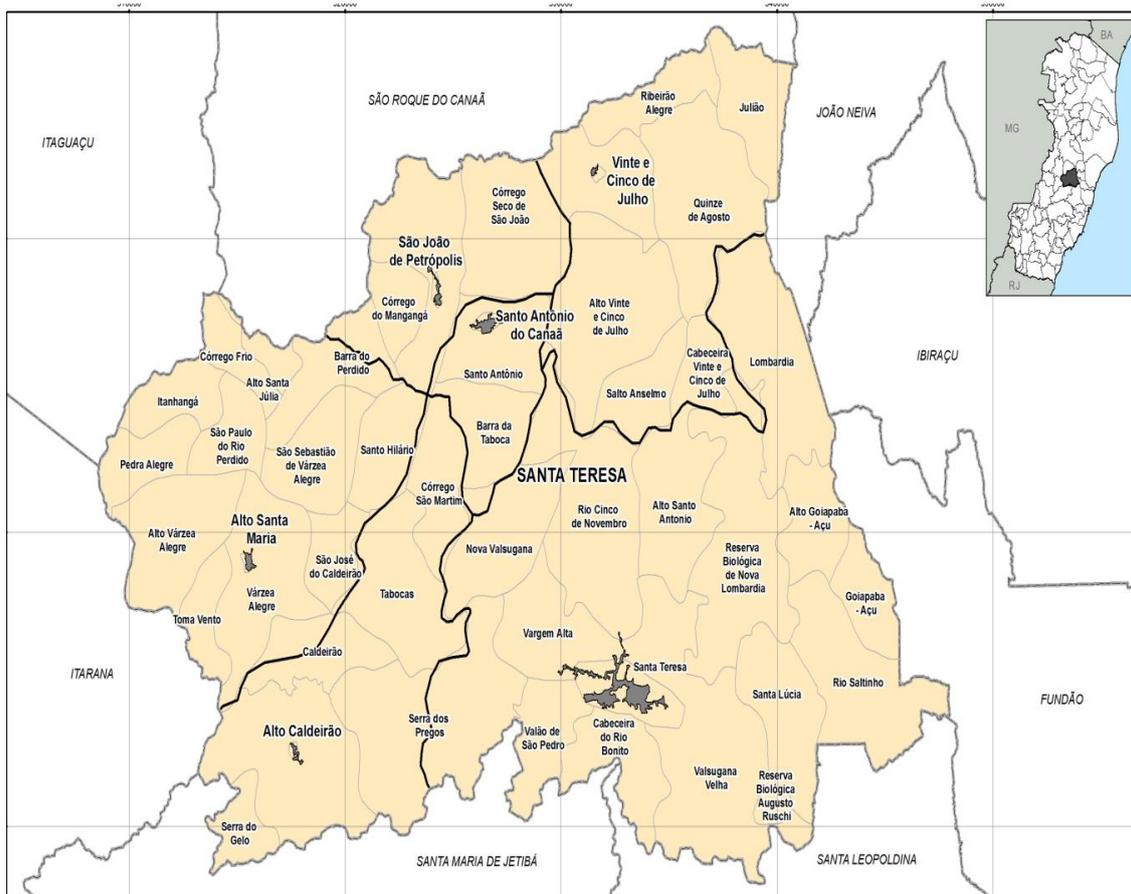
Santa Teresa está localizada em uma área acidentada, entre montanhas. A zona urbana do município assenta-se em espaço relativamente pequeno, circundada por elevações morreadas (PETRONE, 2004). Os rios Perdido, das Tabocas, Santa Júlia e 25 de Julho são os principais afluentes do Rio Santa Maria do Rio Doce, que nasce na serra da Boa Vista. O Rio 5 de Novembro é um afluente do Rio das Tabocas e corre pelo famoso "Vale do Canaã", caminho de Santa Teresa a São João de Petrópolis, por onde o escritor Graça Aranha fazia passar os personagens de seu livro *Canaã*.

O município está localizado a uma altitude de 675 metros e está subdividido em seis distritos: Santa Teresa³³, Alto Santa Maria, Santo Antônio do Canaã, São João do Petrópolis, Vinte e Cinco de Julho e Alto Caldeirão (cf. mapa 4).

Buscando oferecer uma visão geral da situação bilíngue português-dialeto italiano no município, além da zona urbana, foram coletados dados nos seis distritos de Santa Teresa: Tabocas, Nova Valsugana, Lombardia, Alto Santa Maria, São Sebastião do Rio Perdido, 25 de Julho, Santo Antônio e São João de Petrólis. Trata-se de comunidades rurais que continuam até hoje muito

³³ Dentro desse distrito, que apresenta o mesmo nome do município, está localizada a Sede e também várias comunidades que não fazem parte da área urbanizada, sendo consideradas, portanto, zona rural de Santa Teresa.

isoladas, mas interligadas entre si e a zona urbana do município por uma rede de estradas primitivas e precárias, isto é, muito estreitas, sem pavimentação e à beira de penhascos. Duas dessas localidades pesquisadas (Nova Valsugana e Lombardia) apresentam nomes alusivos à proveniência dos imigrantes italianos.



Mapa 4. O município de Santa Teresa

Fonte: <<http://www.ijsn.es.gov.br/Mapas/Consulta/>> Acesso em 10 out. 2014.



Mapa 5. A localização de Santa Teresa no Espírito Santo

Fonte: <<http://www.ijsn.es.gov.br/Mapas/Consulta/>> Acesso em 10 out. 2014.

O município possui áreas de preservação ambiental, como a Reserva Ambiental Augusto Ruschi (IBAMA), a Reserva Biológica de Santa Lúcia (Museu de Biologia Mello Leitão) e o Parque Natural de Reserva Ambiental de São Lourenço.

Quanto à educação, em Santa Teresa é oferecido desde o ensino pré-escolar até o superior, em escolas municipais, estaduais, um instituto federal, uma escola agrotécnica federal, um colégio particular e uma faculdade privada. O italiano *standard* é ensinado em todas as escolas de ensino fundamental do município. As localidades da zona rural pesquisadas contam apenas com escolas de ensino fundamental.

A economia local assenta-se na produção agrícola, com destaque para o café e, na produção industrial, principalmente laticínios, fabrico de massas, doces e biscoitos, e plantação de eucalipto. Além disso, o município é o maior produtor de uva e vinho do Estado.

Em Santa Teresa, os descendentes de imigrantes italianos preservam orgulhosamente as tradições do norte da Itália, seus usos e costumes. As marcas dessa italianidade são visíveis, sobretudo, em nomes de ruas, lojas e restaurantes da cidade e também pelo grande número de atividades culturais com características étnicas, tais como a preservação de danças folclóricas, de corais de músicas e das tradicionais Festas do Vinho e da Uva (ver figura 1) e do Imigrante Italiano.



Figura 1. Cartaz comemorativo da Festa da Uva e do Vinho

Fonte: <<http://santateresa.es.gov.br/noticia/35/XVI-Festa-do-Vinho-e-da-Uva.html>>.

Acesso em: 10 out. 2014.

A Festa do Imigrante italiano é uma comemoração ao sorteio de lotes de terra para as 30 primeiras famílias que chegaram a Santa Teresa vindas da Itália, em 26 de junho de 1875. Todos os anos, no mês de julho, a cidade recebe centenas de turistas para a festa, que se caracteriza por músicas, roupas, danças folclóricas e a tradicional *Carretela del Vin*.

4.3.2 A escolha dos informantes

Após a escolha do município onde seria realizada a pesquisa, partiu-se, em primeiro lugar, para um aprofundamento da história da imigração italiana no Espírito Santo e de Santa Teresa. Posteriormente, partiu-se para a seleção dos informantes.

Foram consideradas as seguintes variáveis, na escolha dos informantes:

a) **Localização geográfica:** a primeira dimensão escolhida foi a *diatópica*, que, no caso do presente estudo, restringe a divisão dos entrevistados em zona urbana e rural. Os informantes deveriam ser descendentes de imigrantes italianos e terem nascido e residido pelo menos 2/3 de sua vida em uma das

duas áreas estabelecidas: a zona urbana, essencialmente o perímetro urbano da cidade; ou a zona rural do município, que compreendeu comunidades localizadas nos distritos de 25 de Julho, Alto Caldeirão, Alto Santa Maria e Santa Teresa³⁴.

b) **Faixa etária:** um total de 146 pessoas participaram das entrevistas semiestruturadas em Santa Teresa. Destes entrevistados, 82 residem na zona rural e 64 na zona urbana do município. Os informantes foram divididos em três faixas etárias: grupo 1 – jovens, com idade entre 08 e 30 anos; grupo 2 – adultos, com idade entre 31 e 60 anos; e grupo 3 – idosos, com mais de 60 anos.

Os entrevistados tiveram conhecimento de que sua fala estava sendo gravada, mas sua identidade seria preservada, fato com o qual concordaram formalmente, por meio de assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Informado (cf. Apêndice C).

Apesar de não serem objeto da análise quantitativa, foram levados em consideração, no momento da coleta de dados, o sexo/gênero³⁵ (feminino e masculino) e a escolaridade (de 0 a 04, de 05 a 08 e de mais de 08 anos de escolarização) dos informantes. Entretanto, por falta de informantes com um maior nível de escolarização, não foi possível completar todas as células.

O Quadro 1 apresenta um resumo do perfil sociocultural dos 146 entrevistados no município de Santa Teresa.

³⁴ Um dos distritos do município também recebe o nome de Santa Teresa.

³⁵ Chambers (2003) afirma que o termo *sexo* se refere aos aspectos biológicos de homens e mulheres, e aí as diferenças são variadas. Já o termo *gênero*, segundo o autor, diz respeito aos papéis sociais exercidos por eles em cada sociedade. Não há, ainda, um consenso entre os autores sobre a adoção de cada um desses termos; um e outro são utilizados pelos sociolinguistas do Brasil e do exterior. Pelo fato de não nos atermos a essa questão terminológica, pois ela não interferirá em nossas análises, utilizaremos, nesta pesquisa, a expressão *sexo/gênero*.

Quadro 1. Quadro-resumo do perfil sociocultural dos entrevistados

Faixa etária	Localidade	Gênero	Escolaridade	Nº de Informantes
08-30 anos	Zona urbana	F	0-4anos	3
08-30 anos	Zona urbana	M	0-4anos	3
08-30 anos	Zona rural	F	0-4anos	4
08-30 anos	Zona rural	M	0-4anos	3
08-30 anos	Zona urbana	F	5-8 anos	4
08-30 anos	Zona urbana	M	5-8 anos	4
08-30 anos	Zona rural	F	5-8 anos	6
08-30 anos	Zona rural	M	5-8 anos	6
08-30 anos	Zona urbana	F	+8 anos	3
08-30 anos	Zona urbana	M	+8 anos	3
08-30 anos	Zona rural	F	+8 anos	3
08-30 anos	Zona rural	M	+8 anos	2
31-60 anos	Zona urbana	F	0-4anos	1
31-60 anos	Zona rural	F	0-4anos	2
31-60 anos	Zona rural	M	0-4anos	2
31-60 anos	Zona urbana	F	5-8 anos	2
31-60 anos	Zona urbana	M	5-8 anos	3
31-60 anos	Zona rural	F	5-8 anos	5
31-60 anos	Zona rural	M	5-8 anos	4
31-60 anos	Zona urbana	F	+8 anos	6
31-60 anos	Zona urbana	M	+8 anos	6
31-60 anos	Zona rural	F	+8 anos	6
31-60 anos	Zona rural	M	+8 anos	3
+60 anos	Zona urbana	F	0-4anos	14
+60 anos	Zona urbana	M	0-4anos	9
+60 anos	Zona rural	F	0-4anos	16
+60 anos	Zona rural	M	0-4anos	19
+60 anos	Zona urbana	F	+8 anos	2
+60 anos	Zona urbana	M	+8 anos	1
+60 anos	Zona rural	F	+8 anos	1
Total de informantes				146

Esperava-se completar todas as células da tabela com o número mínimo de 3 informantes. Entretanto, foi constatado, que, na área rural dos pontos pesquisados, há muito poucos informantes das faixas etárias de 08-30 e 31-60 anos, com menor nível de escolarização, como também a dificuldade de encontrar informantes da faixa etária acima de 60 anos com nível de

escolarização mais elevado. Dessa forma, não foi possível completar todas as células da tabela.

4.3.3 Histórico dos informantes

Com base nas informações obtidas por meio das entrevistas e de um questionário (cf. Apêndice B), foi realizado um levantamento histórico com o objetivo de determinar a localidade italiana de origem dos antepassados dos entrevistados. Isso foi particularmente importante para identificar quais dialetos entraram em contato com o português em Santa Teresa.

Alguns entrevistados, principalmente aqueles que adquiriram a cidadania italiana, possuem documentos e conhecem com exatidão a localidade de origem de seus antepassados. Outros, no entanto, desconhecem completamente a localidade de origem de seus ancestrais ou acreditam que sua família seja originária de determinada localidade italiana, quando na verdade não é.

Tendo isso em vista, o primeiro passo para realizar essa reconstrução foi identificar os nomes e sobrenomes dos antepassados italianos dos entrevistados. Em seguida, foi realizado um levantamento junto ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), com o intuito de verificar a localidade de origem dessas pessoas. Entretanto, muitos nomes e sobrenomes não constavam nos dados do APEES. Outros apresentavam esse registro, mas não identificava a localidade italiana de origem.

A segunda etapa da pesquisa foi executada na Itália. Para isso, foi realizada uma vasta pesquisa junto a diversos Arquivos de Estado, prefeituras, dioceses e paróquias italianas de diferentes províncias do norte da Itália. Os resultados desse levantamento serão reportados no capítulo 5.

4.3.4 Instrumento de Coleta de Dados e Procedimentos de Aplicação

A coleta de dados em Santa Teresa obedeceu a três procedimentos básicos: a) observação participante; b) entrevista semiestruturada; c) entrevista estruturada e d) entrevista não estruturada. Tais procedimentos serão discutidos separadamente, a seguir:

4.3.4.1 Observação participante

No contato inicial com os membros das comunidades escolhidas para a pesquisa, deu-se ênfase ao número mais elevado possível de contextos e situações sociais, como a observação de mercados, igrejas, bares, restaurantes, clube da terceira idade, coral do círculo Trentino, prefeitura e eventos comemorativos - a Festa da Uva e do Imigrante Italiano.

Por meio das observações, pretendeu-se, prioritariamente, minimizar o efeito do estranhamento entre o pesquisador e os indivíduos que residem na comunidade, além de criar as condições adequadas para a obtenção de dados espontâneos para a pesquisa. Também se obteve, por meio desse contato inicial, uma base importante para o controle posterior dos dados e decisões envolvendo a metodologia de pesquisa qualitativa e o questionário.

Um exemplo do que se fala pode ser ilustrado por meio da metodologia utilizada para a elaboração do questionário sociolinguístico deste estudo: observando-se alguns membros mais idosos da comunidade em situações sociais, foi possível perceber que a maioria deles não usava o termo *dialeto* para referir-se à variedade italiana que é falada na comunidade. Essa constatação, obtida por meio da observação participante, foi muito importante no momento da elaboração do questionário sociolinguístico e norteou o comportamento da pesquisadora no momento da entrevista, fato que será detalhado na seção 4.3.4.4.

4.3.4.2 Entrevista semiestruturada

As entrevistas semiestruturadas permitiram a investigação de aspectos sociais e linguísticos observados em Santa Teresa. Além disso, as entrevistas serviram como um meio para o pesquisador coletar dados sobre a história e a vida cotidiana presente e passada da comunidade. As entrevistas duraram entre 30 e 100 minutos e foram gravadas com um gravador digital Sony ICD-PX312.

O objetivo desta etapa da pesquisa era obter o vernáculo natural dos entrevistados e também suscitar questões como pertencimento ao grupo e atitudes linguísticas em relação aos usos do italiano padrão, dos dialetos italianos e do português. No entanto, para detectar esses fenômenos, o pesquisador deve estar atento a um problema frequente observado em entrevistas sociolinguísticas: o *paradoxo do observador*³⁶ (LABOV, 1966). Além disso, os entrevistados podem adaptar suas atitudes e outras opiniões baseando-se no que percebem ser as preferidas do entrevistador.

Muitos pesquisadores já propuseram diversas técnicas para evitar, ou pelo menos diminuir, os efeitos do *paradoxo do observador*, incluindo o uso de perguntas destinadas a distrair o participante da situação de entrevista (LABOV, 1966; MILROY; GORDON, 2003). Milroy e Gordon (2003) ressaltam que o tema da entrevista deve ser de interesse do participante, de modo que este venha a esquecer a situação de formalidade que normalmente suscita uma entrevista. Faz-se importante frisar que, no caso desta pesquisa, o termo *entrevista* foi usado com pouca frequência, de modo a evitar a sensação de formalidade.

Dessa forma, apesar de seguir um roteiro previamente montado (cf. Apêndice A), as entrevistas foram adaptadas para cada participante e incluíam questões como a história da imigração italiana, histórias de família na Itália e no Brasil, costumes, planos para o futuro e também perguntas sobre fatos emocionantes

³⁶ Que é a inibição do informante diante da inusitada situação de entrevista e a conseqüente formalização de sua fala. Dessa forma, o pesquisador, ao mesmo tempo que tenta conseguir a fala espontânea do informante, a sua própria presença leva à formalização da fala do entrevistado.

que o entrevistado presenciou ou de perigo real de vida, utilizadas como estratégia para que o entrevistado deixasse fluir seu vernáculo.

Apesar de conhecer alguns entrevistados, a pesquisadora esteve sempre acompanhada por uma pessoa da localidade durante as entrevistas realizadas na zona rural³⁷ de Santa Teresa.

O fato de a pesquisadora ser de um município vizinho – Itarana – e de ter familiares e antepassados originários de Santa Teresa serviu como forma de aproximação com os entrevistados e de evitar o estranhamento com uma pessoa desconhecida, com hábitos, costumes e uma realidade linguística distante da comunidade. Essas medidas criaram um ambiente de informalidade e fizeram com que os entrevistados ficassem mais desinibidos e participativos, como pode ser observado no exemplo a seguir:

Informante ST11: “Você é parente do Anselmo Loriato? Então, é como se fosse da nossa família”;

Informante ST24: “*Ti ti sé de che zente? Ah, i Loriato son de Santa Teresa, de Tabocas mesmo*”;

Informante ST28: “Você é parente da Liduína Loriato e dos Loriato ali da frente? Toda vez que eu encontro a Liduína a gente corta um italiano”.

Tendo sido exposta a metodologia utilizada para a coleta de dados por meio da entrevista semiestruturada, na próxima seção será abordada a metodologia utilizada para a coleta de dados por meio da entrevista não estruturada.

4.3.4.3 Entrevista não estruturada

No início e no final das entrevistas, foi dado amplo espaço para a produção de etnotextos^{38,39}, ou seja, para os entrevistados relatarem livremente suas

³⁷ Uma moradora de Santa Teresa (80 anos, natural de Nova Valsugana) sempre acompanhou a pesquisadora durante a coleta de dados na zona rural do município.

histórias de vida pessoal e familiar, usos e costumes atuais e passados, memórias e relatos que eram contados pelos pais e avós em relação à vida na Itália, à vinda para o Brasil e o estabelecimento da família em Santa Teresa.

A entrevista não estruturada prevê que o entrevistador incentive o entrevistado a relatar livremente determinado assunto através de uma conversa livre. Na Itália, o uso de etnotextos na pesquisa dialetológica está associado aos trabalhos de elaboração do Atlas Linguístico da Sicília (*Atlante siciliano della cultura dialettale e dell'italiano regionale*) e do Piemonte - *Atlante Linguistico del Piemonte Regionale (ALEPO)*⁴⁰.

Esta etapa foi fundamental para a documentação de canções, memórias, usos e costumes e outras informações etnolinguísticas dos informantes teresenses, as quais serão reportadas no capítulo 5 e durante a análise dos dados.

4.3.4.4 Entrevista estruturada

Conforme assinalado anteriormente, o ponto em que um falante de uma segunda torna-se bilíngue e o seu grau de competência em uma ou mais línguas são arbitrários, complexos e difíceis de ser determinado. Como identificar um indivíduo bilíngue ou, além disso, em que grau ele é bilíngue?

Para o levantamento de informações sobre o “grau”⁴¹ de bilinguismo, ou seja, o quão bilíngue alguém é, Nortier (2010, p.37) sugere utilizar a técnica da autoavaliação para determinar a sua própria proficiência em uma determinada

³⁸ Texto oral que representa a livre expressão de um setor ou de um fragmento da cultura de uma comunidade linguística por meio de recordações pessoais, declarações de usos, tradições, crenças, descrições de objetos e de seu funcionamento, e também de adivinhações, rimas, lendas e histórias (cf. CANOBBIO, 1996; GRASSI; SOBRERO, 1997).

³⁹ Segundo Pelen (1971, p.711), os etnotextos oferecem aos estudiosos de dialetologia a possibilidade de melhor apreciar a dimensão cultural referente aos dialetos recolhidos, ou seja, de "repensar a dimensão etnográfica do Atlas", trazendo uma informação de caráter etnológico e até mesmo mais etnolinguístico abundante, o que permite melhor situar os dados linguísticos cartografados em seus contextos culturais.

⁴⁰ cf. Grassi; Sobrero (1997); Canobbio (1996).

⁴¹ No original, “Degree”.

língua. Para o autor, uma pergunta como “Quão proficiente na língua X?”⁴² pode ser perfeitamente feita ao informante e usada nas análises.

Segundo Nortier (2010), apesar de os testes de proficiência oferecerem uma indicação mais precisa da proficiência linguística de um indivíduo, certos aspectos, como a familiaridade com a língua e a experiência no uso da língua pelos falantes, não são avaliados por esses testes. “Além disso, os falantes podem ser consideravelmente proficientes sem conhecer e aplicar perfeitamente todas as regras gramaticais”⁴³ (NORTIER, 2010, p.37).

O método de autoavaliação das habilidades linguísticas pelo próprio informante foi e continua sendo amplamente utilizado por diversos autores para determinar a situação bilíngue de comunidades de imigrantes (PAUWLES, 1986; POPLACK; SANKOFF; MILLER, 1998; RASINGER, 2012 etc).

Assim, com base nos dados registrados a partir da observação participante e em estudos de diversos autores, entre eles Mackey (1972), Fishman, Cooper e Ma (1971), Pauwels (1986) e Clyne (1991), elaborou-se um questionário sociolinguístico (cf. Apêndice C) visando à coleta sistemática de dados específicos aos objetivos da pesquisa. Tal questionário foi dividido em duas partes. A primeira busca coletar informações demográficas dos informantes: idade, local de residência (atual e passado), escolaridade etc.

A segunda é dedicada ao levantamento de dados com relação ao bilinguismo e ao uso das línguas. Para isso, procurou-se verificar o uso do dialeto italiano por parte dos informantes no domínio família: com o pai, com a mãe, os irmãos, os avós e outros parentes, e também o uso do dialeto em outros domínios (na comunidade): com os professores, amigos, vizinhos, desconhecidos, no comércio, na igreja.

Segundo Codó (2010) e Nortier (2010), o questionário estruturado é um instrumento muito eficiente para a obtenção de dados quantitativos de comunidades bilíngues, principalmente quando utilizado em combinação com

⁴² No original, “How proficient are you in Language X?”

⁴³ No original: “Besides, speakers can be quiet proficient without knowing and applying all gramatical rules perfectly”.

outros instrumentos de coleta de dados, como entrevistas semiestruturadas e observação participante.

Para identificar como os falantes se referem à variedade dialetal italiana por eles falada, foi perguntado aos informantes: *Como se chama o italiano que é falado aqui em Santa Teresa?* Esta foi a primeira pergunta do questionário sociolinguístico. A partir da informação dada pelo informante, a pesquisadora buscou referir-se sempre à língua de imigração pelo mesmo nome que havia dado o informante, de modo a evitar que os entrevistados pudessem adaptar suas atitudes e outras opiniões sobre a língua de imigração baseando-se no que pudessem perceber ser as preferidas da entrevistadora.

Para avaliar os fatores referentes aos usos do dialeto, consideramos a frequência de uso (*sempre, às vezes, nunca*), nas diversas situações comunicativas. Buscou-se ainda levantar dados referentes ao contexto de aquisição das línguas, preferências, *status* social e valor das línguas. Esse questionário serviu como principal instrumento para o levantamento de dados quantitativos que pudessem confirmar as hipóteses sobre a situação bilíngue do município, atitudes e usos das línguas.

Para evitar possíveis erros de preenchimento, devido principalmente à baixa escolaridade de alguns entrevistados, o questionário foi administrado verbalmente pela pesquisadora, que também o preencheu⁴⁴. Além disso, o questionário contém algumas perguntas abertas, o que inviabilizaria o seu completo preenchimento pelos entrevistados. Vale destacar que o questionário é de rápida aplicação, seguindo as recomendações de Dörnyei (2003)⁴⁵. Todas as entrevistas realizadas com o questionário sociolinguístico foram gravadas.

⁴⁴ Durante a aplicação do questionário, foi dada oportunidade aos informantes de relatarem informações adicionais.

⁴⁵ Segundo Dörnyei (2003), o questionário deve ter no máximo quatro páginas e, além disso, não pode demorar mais de 30 minutos para ser preenchido; do contrário, os entrevistados podem se sentir cansados e começar a responder às perguntas de maneira aleatória, o que poderia contribuir para a redução da credibilidade dos dados obtidos a partir desse instrumento.

4.4 O registro das tradições orais italianas

Um dos objetivos desta pesquisa foi documentar as tradições orais trazidas pelos imigrantes italianos. Este estudo foi realizado a partir do material coletado durante as entrevistas realizadas com os moradores de Santa Teresa.

Na Itália, foram realizadas entrevistas com 40 informantes, que serão alvo de estudos futuros. Durante a realização dessas entrevistas, aproveitou-se para investigar a percepção dos informantes sobre as canções e outras tradições orais italianas teresenses. Para isso, foram apresentados aos entrevistados italianos trechos das gravações que foram registradas em Santa Teresa, com o intuito de que eles pudessem identificar se as tradições orais coletadas nesse município constituem ou não um elemento caracterizador do dialeto da localidade italiana em que eles residem.

Participaram das entrevistas 20 homens e 20 mulheres, todos na faixa etária acima de 60 anos, nascidos e residentes nas seguintes localidades italianas: i) Veneza; ii) Trento; iii) Verona; iv) Padova; v) Vicenza; vi) Belluno; vii) Treviso; viii) Cremona; ix) Bergamo; e x) Mantova.

A escolha dessas localidades não foi aleatória, mas está relacionada com "as raízes" italianas dos moradores de Santa Teresa, que foram identificadas durante a pesquisa histórica. Os registros das canções e etnotextos coletados aparecem documentados no capítulo 5.

4.5 Procedimentos na análise dos dados

Todas as entrevistas, músicas e etnotextos coletadas foram transcritos. Os dados dos questionários sociolinguísticos foram codificados e quantificados usando o software SPSS (IBM, 2010). Para a análise qualitativa, foram utilizados os dados obtidos através das entrevistas, dos etnotextos e da observação participante.

Conforme informado, os informantes de Santa Teresa foram divididos em grupos de acordo com a faixa etária (de 08 a 30; 31 a 60; e acima de 60 anos)

e o local de residência (zona rural ou urbana). Todos os informantes estão identificados através de códigos - ST01 a ST146, visando proteger suas identidades. Os entrevistados italianos foram identificados através de códigos - IT01 a IT40. Muitas vezes, nas entrevistas, os informantes teresenses mencionaram algum morador da localidade que não constava entre a lista de entrevistados. Para identificar essas pessoas, foram utilizados os códigos - COD1 a COD15.

Tendo sido expostos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, no próximo capítulo serão iniciadas as análises dos dados.

5 A TRADIÇÃO ORAL DOS DESCENDENTES DE ITALIANOS EM SANTA TERESA

Segundo Fishman (1994), a língua é parte da cultura de uma comunidade, se levarmos em consideração que muitas características culturais de um grupo, como canções, fábulas, alimentação, artes etc., possuem um caráter que constrói uma forte associação entre língua e cultura. Normas culturais, valores e tradições são transferidos para as próximas gerações por meio da língua desde a infância. Assim, seria difícil, se não impossível, entender uma cultura sem, primeiramente, entender a língua associada a ela. Igualmente difícil seria entender uma língua fora de seu contexto cultural (FERRARO; ANDREATTA, 2010).

Como será observado mais à frente, em Santa Teresa, a linguagem dialetal italiana foi muito marcante, principalmente nos primeiros anos de colonização, período em que os dialetos eram a única forma de comunicação para as famílias recém-chegadas. Dessa forma, essas variedades foram fundamentais para a construção da identidade ítalo-teresense - sua história, suas memórias, seus usos e costumes -, e nada disso teve a escrita como perpetuadora da cultura desse povo, mas sim a oralidade.

No que se refere às tradições orais italianas em Santa Teresa, há uma carência de estudos que abordem essa questão. Por isso, foi necessário levantar, junto aos falantes mais idosos, uma série de testemunhos orais relativos à colonização italiana nesse município. Essa reconstrução etnográfica se faz necessária não apenas com o intuito de documentar o dialeto, mas também devido à necessidade de contextualizar a comunidade que será analisada⁴⁶. Assim, dividiu-se este capítulo em quatro partes: a primeira será dedicada à identificação das localidades italianas de proveniência dos antepassados dos informantes teresenses. Na segunda parte, serão evidenciados testemunhos

⁴⁶ Os dados relativos às tradições orais de Santa Teresa constituem um estudo inédito. Eles não têm relação direta com o bilinguismo, mas são indispensáveis para a contextualização da presente pesquisa; por isso estão agrupados neste capítulo.

relativos à vida tradicional camponesa nos anos iniciais da colonização. Na seção Relações Externas, será apresentada a relação do grupo italiano com indivíduos pertencentes a outros grupos étnicos. Já na seção Relações Internas, será mostrado como se estabelecia a relação entre os indivíduos do grupo italiano. Apresentar essas relações se faz importante, nesta pesquisa, pois permitirá identificar como se deram os primeiros contatos do grupo italiano com os falantes de língua portuguesa.

A terceira parte dedica-se às memórias relacionadas à alimentação de famílias descendentes de italianos residentes em Santa Teresa. E a quarta e última parte é dedicada ao registro de canções populares da Itália setentrional ainda presentes na memória dos ítalo-teresenses.

5.1 A proveniência dos antepassados italianos dos informantes

Antes de se iniciar a documentação das tradições orais italianas em Santa Teresa, faz-se importante, primeiramente, responder a uma questão levantada no início deste estudo: *Quais dialetos entraram em contato com o português em Santa Teresa?* Para responder a essa pergunta foi realizado um levantamento histórico, no Brasil e na Itália, com o objetivo de determinar a localidade italiana de origem dos antepassados dos entrevistados teresenses.

Entretanto, devido à limitação de tempo e de recursos, esta investigação limitou-se a determinar apenas a localidade de proveniência dos informantes que relataram falar o dialeto, isto é, um total de 78 indivíduos⁴⁷.

Os resultados do levantamento realizado mostraram que os antepassados dos informantes teresenses são originários de diferentes localidades da Itália setentrional, principalmente Trento, Vêneto e Lombardia. No entanto, foi verificado um número representativo de descendentes de italianos provientes da Emilia Romagna (principalmente de Ferrara) e de Friuli-Venezia Giulia (Údine).

⁴⁷ A situação bilíngue português-dialeto italiano será descrita no capítulo 6.

Com relação à distribuição dos descendentes no município, foi possível perceber, nas diferentes localidades teresenses analisadas, a existência de maiores ou menores núcleos de descendentes de imigrantes provenientes de locais específicos do norte da Itália.

Na fração do município de Santa Teresa denominada Lombardia, a maior parte dos falantes é descendente de italianos originários dessa região italiana, oriundos principalmente das localidades de Mantova, Cremona e Bergamo. Foram encontrados também, nessa localidade, descendentes de vênets e trentinos, porém em menor quantidade.

Na zona urbana do município, foi possível constatar, entre os informantes, descendentes de italianos oriundos de diversas partes da Itália setentrional: i) de Trento: Valsugana e Primiero e, em menor quantidade, Vallagarina e Mattarello; ii) do Vêneto: Padova, Treviso, Vicenza e Verona e, em menor quantidade, Belluno, Rovigo e Veneza; e iii) da Lombardia: Mantova, em sua maioria.

Também foram encontrados na zona urbana, embora em menor quantidade, informantes descendentes de imigrantes vindos de Friuli-Venezia Giulia (Údine), Emilia Romagna (Ferrara) e de outras localidades da Lombardia (Cremona e Bergamo).

Nas comunidades rurais de Nova Valsugana e Tabocas, verificou-se um predomínio de falantes descendentes de imigrantes de Trento e do Vêneto, e, em menor quantidade, da Lombardia (Mantova), Friuli-Venezia Giulia (Údine) e Emilia Romagna (Ferrara). Os descendentes de trentinos são originários, em sua maioria, da Valsugana e do Primiero, e, em menor quantidade, da Vallagarina e de outras localidades trentinas. Os descendentes de vênets são originários principalmente das localidades de Verona, Vicenza, Padova e Treviso.

Em 25 de Julho foi encontrada uma elevada concentração de descendentes de italianos originários de Mântova e, em menor quantidade, de vênets e trentinos. Em São Sebastião do Rio Perdido constatou-se, entre os falantes,

um elevado percentual de informantes descendentes de imigrantes italianos de Ferrara, na Emilia Romagna.

Nas demais localidades rurais de Santa Teresa, observa-se, de modo geral, o predomínio de descendentes de trentinos e vênetos, e, em menor quantidade, de italianos provenientes de outras partes da Itália setentrional. Não foi encontrado, entre os informantes, nenhum descendente de italiano que não fosse proveniente de Trento, Vêneto, Lombardia, Emilia Romagna e Údine.

Outro fato verificado entre os informantes tereses é que a maior parte deles possui seus antepassados italianos originários de mais de uma localidade do norte da Itália, como é o caso do informante ST04, que têm o avô paterno originário de Trento, a avó paterna de Mantova, o avô materno de Verona e a avó materna de Padova. Ou no caso da informante ST02, que têm os avôs paternos originário de Vicenza, o avô paterno de Trento e a avó paterna de Treviso. Casos de informantes que têm os quatro ancestrais originários da mesma localidade italiana são muito raros entre os informantes. A maior parte deles possui pelo menos dois dos quatro antepassados provenientes de localidades italianas distintas.

Havendo sido identificadas as localidades italianas de origem dos antepassados dos informantes teresenses, a próxima seção tratará dos testemunhos relativos à vida tradicional no início da colonização, o contato dos membros do grupo italiano com o grupo externo e os fatores que favoreceram o maior ou menor isolamento geográfico em algumas localidades do município.

5.2 A vida tradicional

Nesta seção, serão abordadas informações gerais sobre a vida em Santa Teresa no período anterior à década de 60, época caracterizada por profundas transformações sociais e mudanças radicais no modo tradicional de viver em Santa Teresa. Após a Segunda Guerra Mundial, a massificante difusão dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, mídia impressa) determinou um progressivo e acelerado abandono do modo de vida tradicional teresense (obviamente, com diferenças entre zonas rurais e urbanas do município). De

fato, a maior parte dos testemunhos coletados sobre o modo de vida na localidade remete a costumes que já não estão mais em uso, mas apenas guardados na memória de seus informantes. São experiências vividas por eles, por seus parentes e antepassados italianos.

5.2.1 As Relações Externas

No período anterior à década de 60, o contato entre os moradores das localidades de Nova Valsugana e Tabocas com pessoas de outras localidades era muito raro. Mesmo a hospitais⁴⁸ ia-se pouco: os partos eram sempre realizados pela parteira da localidade, e os moradores eram tratados em casa, com o uso de plantas e ervas medicinais, rezas, benzeções e outros medicamentos alternativos, como relata a informante de Tabocas:

Informante ST12: "Quando matava porco tirava a sonza, que é aquela banha que fica dentro das costelas. Tinha que cozinhar ela separada ou senão tirava ela, enrolava e guardava na fumaça. Se a pessoa tomasse uma estrepada, uma coisa, botava aquilo em cima e puxava tudo. Se tivesse uma coisa tipo um tumor, puxava tudo. Não tinha farmácia que tem hoje, não tinha os emplastos, usava aquilo".

Normalmente, uma pessoa nascida em Tabocas e Nova Valsugana passava quase toda a sua vida na mesma localidade. Somente em ocasião de um matrimônio ou de um falecimento é que ela se deslocava para outras localidades, na maioria das vezes a pé, a cavalo ou a charrete, sendo esses deslocamentos quase sempre realizados para outras localidades dentro do próprio município de Santa Teresa, que era onde residia a maior parte dos parentes dos informantes.

Se quase ninguém saía da zona rural do município, igualmente poucas pessoas de fora chegavam a essas localidades; o isolamento, nos anos iniciais, era muito grande. Em Nova Valsugana, o preconceito com os que vinham de fora existia, especialmente com escravos recém-libertos e seus descendentes,

⁴⁸ O primeiro hospital do município foi construído na Sede do município entre os anos de 1910 e 1920.

que se dirigiam para Santa Teresa em busca de trabalho e melhores condições de vida. Isso pode ser conferido nos testemunhos de diversos descendentes de italianos:

ST09: “Aqui em Valsugana eles não aceitavam negros de jeito nenhum. Eles faziam assim [...] isso eu tenho uma revolta tão grande! Eles contratavam pro trabalho e, na hora de pagar, eles matavam. E já morreu muita gente daqui assassinado pelos negros, porque eles se defendiam”.

ST04: “Em Valsugana, só uma família de preto que se criou, do finado COD3, só. Entrava outro preto, de tardezinha, uma hora dessa, o COD1 vinha e falava assim: stasera el ven fora⁴⁹. Quando era no outro dia: guardalo là, el ga la boca piena de formighe⁵⁰. Que ele matava eles. Estava com a boca cheia de formiga. A maioria era ele, era o COD1”.

Pesquisadora: E eles não eram presos?

ST04: “Ô, meu Deus! Descia polícia, eles esperavam eles embaixo de uma pedra e matava as polícias. Era runho, nosso lugar ali era um dos mais runho que tinha”.

ST30: “Diz que eles não podiam ver um moreno, um trabalhador de fora que vinha panhar café, vinha trabalhar”.

Entrevistadora: O que acontecia? O que eles faziam?

ST30: “Acontecia guerra, né? Eles não gostavam de moreno. Queimava eles, matava”.

ST16: “Aqui não podia entrar não, em Valsugana. Valsugana foi um lugar muito desgraçado. Quando aparecia um brasileiro, eles matavam. E eu sei ainda o lugar onde eles jogavam os cadáveres.

⁴⁹ “Essa noite ele morre”.

⁵⁰ “Olhá ele lá, está com a boca cheia de formiga”

E achava só quando era a ossada. Matava e carregava lá. Antigamente vinham os mineiros que trabalhavam pra poder viver, eles iam pra Valsugana e lá os desgramado dos italianos eram tão miseráveis que eles falavam assim: *Quel li bisogna coparlo. I negri*, os italianos falava. Precisava matar esses negros. Precisava matar e carregar até aquela greta de pedra e jogava dentro”.

O informante ST09, que nasceu em 1927, não presenciou esses fatos, que lhe foram relatados por seus pais e avós e referem-se aproximadamente ao período entre o final do século XIX e início do século XX. Àquela época, muitos mineiros transferiam-se para Santa Teresa em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Esses mineiros, em sua expressiva maioria descendentes de escravos recém-libertos⁵¹, não eram aceitos por algumas famílias italianas de Nova Valsugana. Essa situação culminou em diversos conflitos e execuções de pessoas na localidade. Algumas delas, com requintes de crueldade, como pode ser visto no comentário a seguir:

ST16: “O preto veio pedir pra segurar ele pra trabalhar. Italiano era um miserável, achou que aquele preto não trabalhava bem. Chegou o dia de eles queimar aquela roça. O dono da empreiteira falou assim: “olha, você vai lá no meio e acende o fogo lá no meio da roça assim, que vamos queimar aquilo lá”. O preto foi. E o dono tinha comprado um litro de gasolina. Enquanto o homem subiu foi lá no meio da roça, ele despejou a gasolina embaixo, que o homem não tinha mais onde sair. E tacou fogo com o homem lá no meio. E não deu tempo sair fora. Mataram ele queimado. Já pensou que judiação?”

ST16: “Hoje em dia eles não fazem mais isso. Isso foi antes de eu nascer ainda, no começo que Valsugana foi descoberta. Queimaram o homem vivo”.

⁵¹ Que os italianos chamavam de *negri* ou *brasiliani*.

Segundo relato dos moradores mais antigos, na Sede do município também havia o predomínio do grupo italiano, como afirma o informante ST25: “Quando eu era menino, era difícil ver um preto aqui em Santa Teresa. Era raro. Quando a gente via, ficava olhando! Hoje em dia, a metade da população é de preto”. Segundo a informante ST26, ainda na década de 1950, na zona urbana do município, as pessoas mais influentes eram, além dos coronéis, um grupo formado, em sua maioria, por descendentes de italianos:

“Eram todos italianos. Mas começou a mudar quando veio para cá a Aeronáutica, aí veio muita gente de cor. Veio a Escelsa. A construção da estrada de Fundão-Santa Teresa, em 1964. Então, o engenheiro era de Belo Horizonte, trouxe a maioria daquela gente da área contestada: Nova Venécia, Mucurici” (**Informante ST26**).

A informante ST26, que é de origem italiana pelo lado materno e portuguesa pelo lado paterno, afirma que na Sede do município também havia muito preconceito da parte do grupo italiano em relação aos brasileiros. Ela, que nasceu e sempre foi residente na zona urbana do município, relata que, em diversas ocasiões, se sentiu discriminada na escola: “Minha mãe era filha de italianos e meu pai filho de portugueses. No colégio eu era discriminada por não ter sobrenome italiano. Tinha uma aluna, ela era escurinha, e eles me chamavam de portuguesa burra e ela de negrinha fedorenta”. Ainda segundo a informante, a sua mãe foi a única da família que não se casou com um italiano, fato incomum para a época.

Moradores da localidade de 25 de Julho relataram que, durante sua infância e adolescência, entre as décadas de 30 e 50, havia predomínio de famílias de origem italiana na localidade. No entanto, como afirma a informante ST24, já na década de 30, se faziam presentes na localidade várias famílias brasileiras (*negri* ou *brasilian*). Segundo a informante ST22, na década de 50, o comércio local era feito por tropeiros, geralmente negros e oriundos de Minas Gerais. Assim, diversas famílias mineiras já haviam se transferido para 25 de Julho àquela época.

Ainda de acordo com a informante ST22, na década de 50 existia muito contato entre os grupos italiano e brasileiro. A proximidade com localidades de elevada população de origem africana, como João Neiva e Ibraçu, favoreceu esse contato, que se dava de maneira amistosa: “Quando eu era criança, tinha uma banda de congo em 25 que não era de lá, vinha lá das cabeceiras. A gente brincava junto, pintava com eles, São Benedito, Natal, a gente botava o mastro na igreja ali do 25. E era de preto” (ST22).

Conforme a informante ST22, nascida em 25 de Julho, existia uma relação comercial entre brasileiros de origem africana e as famílias italianas de 25 de Julho: “Eles faziam um comércio com a gente. Toda semana eles passavam a pé. Andavam quilômetros”. As relações comerciais entre os dois grupos era quase uma troca, visto que os brasileiros traziam os produtos artesanais por eles produzidos, como cestaria, vassoura de cipó e peneiras, além de produtos alimentares como palmito e chuchu, e compravam produtos, como o queijo, das famílias italianas.

Atraídas pela possibilidade de trabalho nas fazendas de café, diversas famílias mineiras têm se transferido para a localidade de 25 de Julho, nos últimos anos, segundo relatos de moradores. Atualmente, observa-se um predomínio de descendentes de italianos nas localidades de Nova Valsugana, Tabocas e São Sebastião do Rio dos Perdidos. Por outro lado, em 25 de Julho, há uma alta concentração de residentes de origem não italiana, entre eles, descendentes de alemães, suíços, pomeranos, portugueses e africanos. Na localidade de Lombardia, embora em menor quantidade do que a observada em 25 de Julho, também se verifica a presença de várias famílias de origem não italiana - em grande parte brasileiros vindos de Minas Gerais.

5.2.2 As Relações Internas

Um fato que continua latente na memória da maioria dos descendentes de italianos, principalmente entre os membros mais idosos da comunidade, são as relações de amizade e boa convivência que existiam no passado entre os imigrantes italianos e seus descendentes. São boas recordações de um tempo

em que não existiam estradas nem luz elétrica — “era na base da lamparina, do querosene”⁵², mas havia uma convivência harmoniosa entre as famílias e entre os vizinhos, que se davam bem, se ajudavam, se respeitavam. A partir dos relatos dos descendentes, observa-se que uma característica muito valorizada entre a comunidade italiana de Santa Teresa, desde a sua fundação, era a "convivência fraterna" com os que tinham a mesma origem.

Uma das primeiras preocupações dos grupos familiares que chegavam da Itália era tentar construir uma igreja no seu vilarejo, que seria, além de um local de oração e fé, um ponto de encontro com os amigos e conhecidos de seu grupo étnico e de sua pequena comunidade. Após a celebração religiosa, ou "a reza", como dizem os moradores mais antigos, os amigos conversavam, trocavam ideias. Era um momento de "convivência com as pessoas".

De acordo com o informante ST01, após o culto religioso, as famílias “iam pra casa e tiravam aquela roupa bonita que era de ir à igreja e vestiam uma roupa mais simples, porque eram pobres, não tinham recursos”. Após o almoço, as crianças podiam ir visitar um vizinho, as meninas iam brincar de boneca — bonecas feitas de espiga de milho —, os meninos jogavam bola, que, segundo os moradores, era "bola de pano, feita com bexiga de porco". Muito comuns também eram as "brincadeiras de roda" e "belisca"⁵³. Quando se aproximavam as duas horas da tarde, as crianças geralmente retornavam para suas casas, porque tinham que fazer "os servicinhos" que eram inerentes às crianças: colocar lenha, palha de milho e graveto debaixo do fogão — para poder acender o fogo do fogão à lenha pela manhã.

A moça mais velha de cada família era a que geralmente levantava mais cedo para acender o fogo. As crianças, como os demais membros da família, também tinham tarefas. Como recorda o informante ST01: “naquele tempo tinha que fazer o almoço porque depois ia pra roça. Prender os bezerros era

⁵² Informante ST01.

⁵³ Brincadeira muito conhecida desde a Roma Antiga, era jogada com ossos de animais (ATZINGEN, 2001). Para realizar a brincadeira, são necessárias cinco pedrinhas, sementes ou pequenos objetos. Os jogadores devem lançar as peças do jogo no ar e tentar pegar o maior número possível na parte de trás de uma das mãos enquanto caem. Em Santa Teresa, a maioria das crianças utilizava sementes para brincar.

serviço das crianças". Naquele período, entre as décadas de 1930 e 1940, plantava-se muito milho, arroz e feijão, pois "ainda tinham as baixadas onde dava pra plantar o arroz. Hoje não tem mais" (Informante ST01).

Cada família possuía uma pequena criação de porcos, galinhas e vacas leiteiras, tudo para a própria subsistência. Quando o chefe da família matava um porco, dava a cada vizinho um pedaço de carne. Como recorda o informante ST01, "as crianças que eram encarregadas de levar a carne de vizinho pra vizinho".

Se um vizinho tivesse um problema de saúde ou por qualquer motivo atrasasse a sua colheita do café, os outros iam ajudá-lo "sem cobrar nada". Esse sentimento de nostalgia do passado permanece na memória de muitos teresenses: "Isso fica fundo na consciência da gente. Tinha que sobreviver, mas de mãos dadas, um ajudando o outro, nunca competindo", afirma o informante ST01. Outro morador da zona rural de Santa Teresa também recorda: "Se um tinha moinho, moinho movido a água, e um outro não tinha moinho, o vizinho podia ir lá usar o moinho do vizinho, para preparar o fubá" (Informante ST27).

Na percepção dos moradores, as relações sociais e de amizade, hoje, são bem diferentes das do passado: "Ancòi è ben deferente. Se te ghe soldi ben, se no⁵⁴..." afirma o morador de Tabocas ST20. Também a chegada da energia elétrica e a introdução da televisão e de eletrodomésticos no meio rural provocaram profundas mudanças nos hábitos sociais e familiares: "O progresso apagou, diminuiu a convivência fraterna", afirma o informante ST01.

A partir dos anos de 1960 e 1970, vários fatores foram determinantes para a transformação socioeconômica do município, anteriormente baseada nas atividades agropecuárias. Dentre esses fatores, destacam-se a mecanização das atividades agrícolas, o êxodo dos jovens que saem do campo e vão para a cidade para estudar e trabalhar na indústria, e a migração de trabalhadores oriundos de Minas Gerais para a zona rural de Santa Teresa.

⁵⁴ "Hoje é bem diferente. Se você tiver dinheiro, bem, se não tiver..."

5.3 A família

No passado, as famílias italianas teresenses seguiam o modelo hierarquizado, conservador e patriarcal. As mulheres "não tinham voz" e, na maioria das vezes, não tinham direito à herança nem às terras da família, como acontecia com os filhos do sexo masculino.

Pesquisadora: Mas ele [o sogro da informante] era muito machista?

ST09: "Demais, demais, demais. Ele dizia que mulher só se ouve ela na cama. Não valorizava. Eu sofri quando eu casei. Com ele [o marido] nem tanto, mas com meu sogro. E eles costumavam obedecer ao pé da letra. Eles diziam que mulher não tem palavra. Ela tem que fazer tudo que eles mandam. E minha sogra dizia: olha, quando eles chegam do cafezal, da roça, mesmo que a gente não tenha nada pra fazer, finge que tá varrendo uma cozinha, que tá fazendo alguma coisa, pra eles não perceberem que a gente não tá fazendo nada, senão eles brigam. Isso eu achava um absurdo, porque na minha casa não era assim".

Conforme relatos dos informantes mais idosos, até a segunda metade do século XX, as famílias italianas terenses eram muitas numerosas - geralmente mais de dez filhos por casal -, para garantir a mão de obra necessária para a lavoura e o acúmulo de riquezas. Os bebês do sexo masculino, no geral, eram muito mais aceitos do que os do sexo feminino, pois representavam aumento da força de trabalho na lavoura. Outro fator que contribuía para o aumento das famílias era a alta taxa de mortalidade materna durante o parto, pois os maridos, ao contraírem um segundo matrimônio com uma segunda esposa, na maioria das vezes mais jovem do que a anterior, tinham mais filhos.

ST19: "Já pensou? Aqui dentro dessa casa tinha 22 pessoas".

Pesquisadora: E esse pessoal convivia bem?

ST19: “Convivia. Se respeitava como irmão. Convivia sim. Respeitava o pai, era um respeito com o pai, o que o pai falava, a gente fazia. O meu sogro casou com a outra mulher, ele tinha 13 filhos com a primeira. E ela morreu de parto ainda, com 13 filhos. E ele casou com uma e tinha 4. Depois eles tiveram mais 8 filhos. E morava tudo aqui. Tinha os quartos embaixo, os rapazes maiores dormiam lá. Ah, mas era muita comida, viu, que precisava fazer. Era muita coisa”.

Atualmente, observa-se que as famílias não têm a mesma quantidade de filhos como no passado, devido às mudanças na sociedade. Na zona urbana, as mulheres assumem tarefas produtoras de força de trabalho (são professoras, funcionárias públicas, profissionais liberais etc.) como resultado do maior espaço conquistado na sociedade. Na zona rural, apesar de não mais predominar o modelo conservador e patriarcal do passado, percebe-se que muitas mulheres se dedicam ao trabalho no lar e no campo.

5.4 A alimentação

Em Santa Teresa, a polenta era a base da alimentação dos italianos e seus descendentes⁵⁵. Para a maioria das famílias, era considerada “o pão nosso de cada dia”, tendo em vista que, além de ser consumida no café da manhã, era a base do almoço e também se fazia presente no jantar, como pode ser observado nos relatos de alguns informantes:

ST09: “Olha, eu lembro que meu avô falava, quando eles vieram da Itália, era tão difícil, tão difícil [...] eles comiam muita polenta”.

ST16: “Olha, a alimentação quase diária era polenta”.

ST25: “A comida principal do italiano aqui era a polenta. Comia polenta de manhã, na hora do almoço e à tarde era polenta, a polenta com leite. Era todo mundo grande e parrudo”.

⁵⁵ Como apontado por Sorcinelli (1998), a polenta era a base da alimentação das famílias camponesas da Itália setentrional, no séc. XIX.

As principais refeições dos primeiros colonos italianos eram o café da manhã - a *colaziòn* -, o almoço - *disnàr* - e o jantar - a *cena*. Mesmo entre as famílias mais pobres, era muito comum o hábito de preparar refeições especiais nos finais de semana e em datas comemorativas, como Natal, Ano Novo e Páscoa.

i) Colaziòn

A maioria dos entrevistados da faixa etária entre 62-94 anos afirmou que, durante a infância, o café da manhã era composto pela polenta, que era preparada no dia anterior, e, no outro dia, pela manhã, era consumida com leite - a chamada *polenta e late* - ou era torrada na chapa do fogão à lenha, a chamada *polenta brustolada*.

Pesquisadora: E no café da manhã, o que vocês comiam?

ST06: "*Polenta e late*".

ST08: "Na casa do papai, eles faziam polenta todo dia de tarde. Todo dia de tarde fazia polenta pra de manhã cedo torrar e comer com leite".

Pesquisadora: E como chamavam essa polenta torrada?

ST07: "*Polenta brustolada*".

No entanto, para algumas famílias, a primeira refeição do dia era mais pesada, e se assemelhava a um almoço. Segundo o informante ST04, 72 anos, seus pais trouxeram esses hábitos alimentares da Itália, especificamente da localidade italiana de Trento, de onde eram originários: "O café da manhã era bravo, *luganega*⁵⁶, *polenta*, *formaio*⁵⁷, *fazo*⁵⁸, era 7 horas da manhã. E depois, ao meio-dia, era um café com bolo, com pão, e de tarde era janta. Que no Norte⁵⁹ também eles ainda fazem isso". Provavelmente, essa refeição mais

⁵⁶ "Linguiça".

⁵⁷ "Queijo".

⁵⁸ "Feijão".

⁵⁹ O informante diz "no norte" em referência ao norte da Itália, local de proveniência de seus antepassados.

"reforçada" era necessária para aguentar as longas horas de trabalho nas lavouras de café.

Outro hábito alimentar muito comum no início do século XX era o consumo de pão de milho, o chamado *brot*, no café da manhã. Segundo o informante ST16, filho de imigrantes mantovanos que se transferiram para Santa Teresa na década de 1920, os hábitos alimentares da família tiveram que ser modificados e adaptados à nova realidade brasileira. O elevado preço da farinha de trigo não permitia produzir o pão; assim, a família passou, pelo menos nos anos iniciais, a também produzir o *brot* no café da manhã. O *brot*, alimento típico da culinária pomerana e alemã, era conhecido pelo nome *pan de milho* pelos italianos de Santa Teresa.

Pesquisadora: E no café da manhã, o que vocês comiam?

ST16: "Café com pão de milho, café com *brot*. O *brot* é o pão de milho, que do fubá se faz a polenta e o pão de milho".

ST16: "Isso daí eles aprenderam aqui, com alemães. Lá na Itália, eles falavam que lá era o trigo, eles faziam todas as massas com trigo, o pão".

Pesquisadora: Aqui não achavam trigo pra fazer o pão como na Itália?

ST16: "Tinha, mas não dava pra comprar. Pra comprar o trigo precisava passar seco, naquele tempo não era brincadeira não".

Alimentos desconhecidos na Itália, como a batata doce, o inhame e a mandioca, também passaram a fazer parte da dieta de muitos italianos e seus descendentes, sendo muito consumidos no café da manhã. Como afirma o informante ST19, "A gente cozinhava inhame, que era o que a gente plantava. Ou batata doce. E comia com café."

Atualmente, entre a maioria das famílias entrevistadas, o café da manhã é composto basicamente por pão, café, leite, manteiga e queijo, variando entre

suco de frutas, iogurte, biscoitos, *mentira*⁶⁰ e bolos, dependendo da condição econômica do grupo familiar. Na zona urbana, observa-se uma tendência um pouco maior de consumo de alimentos industrializados. As grandes distâncias que separam a zona rural da Sede do município contribuem para que as famílias residentes em localidades mais afastadas do centro urbano ainda mantenham certos hábitos alimentares e tradições, como as mencionadas acima.

ii) *Disnàr e la cena*

No almoço, além da tradicional polenta, outros alimentos foram citados pelos informantes, como indicado a seguir:

ST11: “No almoço, era feijão e arroz. Feijão com farinha. Feijão socado, relava o feijão, tinha um relador. Fazia farinha e botava arroz por cima do prato. E a carne e a salada”.

ST20: “*A mezodi fazoi, riso, mandioca e carne*⁶¹”.

ST19: “Na hora do almoço, a minha mãe cozinhava feijão. Feijão com farinha a gente comia, se tivesse uma carne, um pedacinho a gente comia. Mas comia mais era verdura: “inhame, alface, repolho”.

Para o jantar, o prato mais citado pelos informantes foi a *menestra*.

Pesquisadora: Como fazia a *menestra* naquela época?

ST12: “Era feijão e arroz. Sobrava o feijão do almoço, coava ele, ficava o caldo e jogava o arroz dentro.”

ST06: “Faz igual agora. Faz o caldo de feijão com arroz. Só não tinha esse monte de verdura que hoje coloca na sopa”.

ST20: “*la menestra era fasoi e riso*⁶²”.

⁶⁰ Biscoito frito, típico da região de procedência dos imigrantes italianos.

⁶¹ “Ao meio dia, feijão, arroz, mandioca e carne”.

O queijo, alimento indispensável na culinária italiana, era produzido pelos imigrantes e seus descendentes de maneira artesanal, em um processo de simples manufatura e baixo custo, contendo basicamente leite, sal e fermentos lácteos.

A criação de porco sempre foi muito explorada na região desde os anos iniciais de colonização e, como não havia formas de conservação dos alimentos por refrigeração, usavam-se técnicas de salga e impermeabilização utilizando a própria gordura do animal, a famosa "banha", para manter a integridade da carne. Assim, a carne era frita e armazenada em latas, no meio da gordura, para ser consumida depois. "Era só tirar um pedaço e esquentar", recorda a informante ST06. A partir da carne de porco, desenvolveu-se no local a prática de fabricação de embutidos suínos, como o *scodeghin*⁶³, a *luganega*, a *copa*⁶⁴, que são até hoje produzidos na região.

iii) As bebidas: o café e o vinho

O café, que nos dias atuais é altamente consumido pela população local, teve seu início na dieta alimentar dos italianos apenas no Brasil. Na Itália, segundo relato dos informantes, as famílias camponesas tomavam vinho no café da manhã. O elevado preço do café não permitia que as famílias camponesas pudessem consumi-lo⁶⁵.

A imigrante italiana residente em Santa Teresa ST24 afirma que, na Itália, no café da manhã, não se tomava café, e sim vinho. Segundo ST24, que nasceu e residiu até os 5 anos de idade em Favaro Vêneto (Província de Veneza), as crianças também tomavam vinho no café da manhã. A informante ST09, neta de imigrantes italianos e residente em Nova Valsugana, afirma que seus avós também relataram essa realidade:

⁶² "A sopa era feijão e arroz".

⁶³ Feito com pele de porco picada, fervida e ensacada em tripa.

⁶⁴ Embutido feito a partir de paleta suína curada.

⁶⁵ Segundo relatos dos informantes IT04 e IT16 residentes respectivamente nas localidades italianas de Trento e Padova.

Pesquisadora: E o café, de manhã, eles tomavam?

ST09: “Aqui sim, tomava café. Eles tomavam café. Porque falavam que lá na Itália eles não tomavam café, era vinho que eles tomavam de manhã, porque o café era muito caro lá. Pelo menos, me falavam era isso. Era o vinho lá que eles tomavam. Café pra eles era uma bebida rara. Aqui não. Café ficou normal, do dia a dia, como até hoje”.

Na Itália, a informante italiana IT03, residente em Roncegno, na Valsugana trentina, afirma que, na localidade, até o início da década de 1960, poucas famílias camponesas tinham condições econômicas para comprar o café. O alimento, considerado raro e caro na localidade, era consumido apenas pelo chefe da família.

iv) Pães e massas

De acordo com a maioria dos entrevistados, o pão branco, feito a partir da farinha do trigo branco, era um artigo raro entre algumas famílias, sendo, para alguns, consumido apenas em dias festivos: “Pão só tinha no Natal e no Ano Novo”, de acordo com a informante ST06. Ainda segundo a informante, que é natural de Nova Valsugana, a receita do pão levava farinha de trigo, água, fermento, gordura — geralmente banha de porco, sal e ovos. Faziam-se pães em grandes quantidades, que depois eram assados em fornos de barro ou tijolos, que ficavam do lado de fora da casa. As famílias com melhores condições econômicas costumavam também fazer pães nos fins de semana.

No domingo, a *taiadèla*⁶⁶ era o principal prato consumido entre as famílias: “No domingo era o macarrão, não podia faltar. Era *taiadèla*. A gente espichava com a *canaròla*⁶⁷, fazia a massa. Cortava ela e fazia” (ST03). O preparo da *taiadèla* demonstrava o capricho e a habilidade da cozinheira. A massa deveria ser cortada bem fina. A massa cortada larga não era apreciada: “Cortava a *taiadèla*

⁶⁶ Tipo de massa italiana cortada em forma de tiras.

⁶⁷ Rolo de abrir massa.

fininha, eu ainda faço. Temperava. Eu ainda tenho aqui. A sabida da minha irmã falava: *Ah, ST03, corta você, que você corta tão fininha!* Eu ainda corto à mão" (ST03).

Assim como a *taiadèla*, o *bigoli*⁶⁸ era, e ainda é, muito consumido pela população local. Várias famílias entrevistadas afirmaram ainda preparar as massas caseiras, em vez de comprá-las prontas. Muitos ainda possuem as máquinas próprias para a confecção do *bigoli* e da *taiadèla*. Uma entrevistada afirma ainda possuir uma máquina de fazer *bigoli* que foi trazida pela sua avó do Vêneto, no final do século XIX. No entanto, a máquina, que não apresenta boas condições de uso, não é mais utilizada pela família, sendo mantida como recordação.

Outra massa italiana muito popular e apreciada pela população teresense é o *agnolini*⁶⁹. Segundo os informantes, o *agnolini*, que até poucos anos atrás era consumido somente em festas, hoje já faz parte da alimentação diária dos teresenses: "Comia *agnolini* no Natal, Páscoa. Hoje em dia come *agnolini* no dia que quiser, mas naquele tempo era só quando tinha essas festas mais grande" (ST16). Em Santa Teresa, o hábito de preparar em casa massas como *agnolini*, *taiadèla*, *bigoli* é muito comum mesmo entre as famílias residentes na zona urbana do município.

Entre os entrevistados mais idosos, percebe-se uma grande valorização simbólica da "comida tradicional italiana". A maioria deles considera que a atual geração "perdeu muito" em relação ao modo de preparo da culinária dos antepassados: "Hoje eles não faz polenta, eles faz angú. Porque a polenta mesmo é feita no caldeirão de ferro, tem que ter a tábua de madeira, e tem que ser cortada com a linha. Essa é que era a polenta" (ST18). Segundo relatos de vários informantes, no passado, a polenta era desenformada numa base de madeira e cortada em fatias com um fio de linha (e não com a faca). No entanto, esse modo tradicional de preparo foi sendo perdido pelas famílias com o tempo. Em relação ao *agnolini*, muitos entrevistados lamentam o atual modo de preparo da massa:

⁶⁸ Massa em formato de *spaghetti*, mas de diâmetro maior.

⁶⁹ Tipo de massa recheada.

ST16: “[...] existe muito *agnolini* ainda. Mas agora esses daqui não sabe fazer *agnolini* mais. Aquele que eles faziam lá, aquele que era gostoso”.

Pesquisadora: Mas o que é diferente?

ST16: “A massa, o recheio que eles põe no *agnolini* e não tempera. Não gosto desses *agnolini* não. Meus pais sempre faziam, lá na Itália fazia também”.

Para os entrevistados, “*agnolini* bom tem que ser grande” (ST03), os pequenos, com pouco recheio, não são muito apreciados. “E eles falam: *agnolini* bom é o da ST03, que é grande! Olha só, o meu é grande, os outros faz pequenininho” (ST03). Segundo a informante ST03, essa tradição no preparo da massa foi herdada da mãe: “a mamãe fazia grande. Dois ou três já enchia o prato. *Agnolini* tem que ter recheio!”.

Ainda em relação ao tamanho da massa, a informante ST30 - que aprendeu a receita com a sogra, originária de Mantova - acrescenta: “A mãe dele fazia grande, não era pequenininho igual faz hoje” (ST30). A maioria dos entrevistados considera que, em Santa Teresa, poucas famílias ainda mantêm a “receita original”:

“O nosso *agnolini* levava sempre linguiça. Hoje o pessoal bota só peito de frango. [...] Na massa tradicional do *agnolini* vai frango, linguiça de porco, aí depois vai, mói aquela carne todinha, farinha de rosca pra dar liga. Não colocava carne de boi não, colocava linguiça de porco”. (ST03).

O *agnolini* é cozido em um *brodo* (em português, caldo) feito com galinha cozida e servido com este caldo, como uma sopa. Segundo o informante ITA01, em Mantova, cidade onde ele reside, existe a tradição do *bevr'in ven* (beber no vinho), que seria o hábito de adicionar o vinho no caldo do *agnolini*. Ele diz que o *bevr'in vin* é tradição típica da classe camponesa mantovana, mas que está sendo perdida na localidade. Ainda segundo o informante ITA01, existe uma crença popular mantovana que atribui ao ato do *bevr'in vin* um

prolongamento da vida. Esta ideia estaria relacionada a um antigo provérbio mantovano, que diz: "*al bevr'in vin l'è la salut ad l'omm*"⁷⁰ (o beber no vinho é a saúde do homem).

Em Santa Teresa, o *bevr'in vin* foi citado por alguns informantes: "eu me lembro que lá em casa eles colocavam vinho no caldo do *agnolini* e da *taiadèla*. E eles tomavam aquilo" (ST09). No entanto, os informantes teresenses foram unânimes em afirmar que esta tradição não é mais mantida em suas famílias. Atualmente, a tradição do *bevr'in vin* é apenas uma recordação do passado, presente apenas na memória de alguns dos membros mais idosos da comunidade.

v) Frutas e legumes

Hoje, no município, é muito fácil encontrar uma grande variedade de frutas, legumes e verduras em vendas, supermercados e na feira livre da cidade. Entretanto, segundo os informantes mais idosos, a facilidade de acesso a esses alimentos iniciou-se a partir do final da década de 1970. Antes disso, era raro o contato dos moradores com verduras e frutas não nativas da região.

Os informantes acima de 62 anos afirmam ter conhecido poucas variedades de verduras e legumes durante sua infância e adolescência: "Naquela época, ninguém plantava verdura, agora sim todo mundo aprendeu a comer verdura. Hoje aqui tem muita", recorda o informante ST06. Ainda de acordo com os entrevistados, as verduras mais consumidas naquela época eram a alface, o *radicio*⁷¹ e o repolho. Todos os entrevistados afirmaram ter tido contato com legumes como a berinjela, por exemplo, somente depois de adultos.

Na infância dos informantes teresenses mais idosos, as frutas consumidas eram as típicas da localidade, que cresciam nas propriedades das famílias, como manga, laranja, limão, jabuticaba, goiaba, banana e uva. A maioria dos entrevistados com mais de 62 anos afirmou só ter conhecido a maçã, o

⁷⁰ Segundo o informante ITA01.

⁷¹ Almeirão.

morango e a cereja, por exemplo, na fase adulta, à medida que essas frutas foram introduzidas no mercado local: "maçã não existia no nosso tempo", afirma a informante ST07.

Durante os anos iniciais da colônia de Santa Teresa, as famílias italianas, em sua maioria, alimentavam-se apenas com o que era produzido em sua propriedade rural. Aqueles que produziam mais, e conseqüentemente tinham melhores condições econômicas, adquiriam alimentos e outros produtos nas chamadas "vendas", que era a modalidade de estabelecimento comercial existente no local. Comprava-se na venda o mínimo possível, apenas o que não era produzido na propriedade, como o sal e o querosene. E na maioria das vezes, as famílias precisavam percorrer grandes distâncias a pé para fazer a "compra do mês", como afirma a informante ST19: "E pra fazer compras, ia a Cachoeiro de Santa Leopoldina. Ia a pé. Ia num dia, dormia lá, e no outro dia eles faziam compra e vinham. E carregava tudo nas costas".

Tendo sido expostas as principais tradições orais dos descendentes de italianos de Santa Teresa, a seguir serão apresentadas as canções italianas documentadas no município.

5.5 As canções

O objetivo desta seção é documentar canções dialetais italianas coletadas entre os moradores mais idosos de Santa Teresa. Com isso, pretende-se contribuir com a documentação dessas canções para a atual e futuras gerações, além de fornecer subsídios para a contextualização das tradições orais italianas nesse município. Isso se faz importante, principalmente, se levarmos em consideração que o dialeto italiano falado em Santa Teresa ainda não conta com descrição linguística.

Neste trabalho, foram registradas apenas as canções que os informantes afirmaram ter aprendido com seus antepassados, desconsiderando, dessa forma, canções que possam ter sido aprendidas em corais, associações italianas, na escola ou em outros contextos. A transcrição do material coletado foi fidedigna ao original cantado pelo informante, não sendo omitidas eventuais

interferências do português e do italiano *standard*, que porventura possam existir. Além disso, é importante salientar que uma mesma canção pode apresentar diferentes variantes, conforme a sua localidade italiana de origem, não existindo, nesse sentido, uma versão "original", "certa" ou "errada" de uma determinada canção, e sim variações regionais de uma tradição oral.

i) *Ò girato l'Italia e 'l Tiroi*

*Ò girato l'Italia e 'l Tiroi,
 ò girato l'Italia e 'l Tiroi,
 sol per trovare una verginela,
 e ciomba la ri la re la,
 e viva l'amor.*

*Sol per trovare una verginela,
 e ciomba la ri la re la,
 e viva l'amor.*

*Sol per trovare una verginela,
 e ciomba la ri la re la,
 e viva l'amor.*

*Na verginela non posso trovar,
 na verginela non posso trovar,
 ma mi me basta che la sia bela,
 e ciomba la ri la re la,
 e viva l'amor.*

(Informante ST22)

Essa é, sem dúvida, uma das canções mais populares entre os entrevistados teresenses. Vários informantes cantaram a mesma versão que foi apresentada pela informante ST22. A informante, que afirma ter aprendido a canção na infância, diz que, naquela época, a canção era cantada em casamentos. Ainda segundo a informante ST22, cujos antepassados eram originários da Caoria Trentina, a canção tem origem nessa localidade: "Tirol, você vê, essa música é notável, é da minha região, porque a Itália é uma coisa, o Tirol era outra. E eles moravam ali, no Tirol italiano".

A partir da versão original, foram criadas aqui no Brasil várias adaptações e versões para essa canção, como supõe a informante ST22: "Tem uma que é assim: *mio canarino, mio bel canarin* [...] Isso eu já acho que foi criado por aqui". O informante ST20 recorda que, toda vez que havia uma festa e alguém estava "*mezo ciùco*" (meio bêbado), a primeira canção que vinha à mente era "*ò girato l'Italia e 'l Tirol*".

Fato interessante é que a canção fala de uma busca, na Itália e no Tirol, por uma virgenzinha, que não é encontrada, como pode ser observado nos seguintes trechos:

[...] *Ò girato l'Italia e 'l Tirol, sol per trovare una verginela* [...]

(Girei⁷² a Itália e o Tirol, só para encontrar uma virgenzinha)

[...] *Na verginela non posso trovar, ma mi me basta che la sai bela, e ciomba la ri la re la, e viva l'amor* [...]

(uma virgenzinha eu não consigo encontrar, mas me basta que ela seja bela, e ciomba la ri la re la, e viva o amor).

Então, para o rapaz, basta que a moça seja bela e "viva l'amor". Percebe-se na letra da canção uma forma de pensamento bem diferente da doutrina ensinada pela religião: nos preceitos cristãos, a virgindade antes do casamento era considerada de extrema importância, principalmente naquela época. Apesar disso, a canção era muito popular entre os imigrantes italianos e seus descendentes.

⁷² Girar, no sentido de andar, percorrer.

Na Itália, a canção só foi reconhecida pelos entrevistados da localidade de Canal San Bovo, como afirma a informante ITA04: “*questa musica è nostra, che si cantava una volta. Quando partiva di qua la nostra gente, qua era Tirolo-Austria*”. (Esta música era nossa, que se cantava antigamente. Quando o nosso povo partia daqui, aqui era o Tirol - Austria).

O informante ITA05, que também participava da entrevista, interrompeu a fala da entrevistada ITA04 para recordar: “*ma il Tirolo era di lingua italiana e alla scuola insegnava italiano*”. (Mas era o Tirol de língua italiana e na escola era ensinado o italiano).⁷³

Silvio Pedrotti (1976) apresenta uma versão desse canto intitulada *Ò regirato l'Italgia e 'l Tirolo*. Segundo o autor, este canto, que ele classifica como um *canto de amor*, é típico do *Valle di Terragnolo*, uma localidade trentina onde tempos atrás a língua usada era o cimbro. Este dialeto era falado em colônias de lenhadores alemães, que chegaram depois do ano 1.000, e deriva do alemão antigo, sendo esse, talvez, o motivo das substituições de "v" por "b" no texto em *slambròt*, ou seja, na variedade germânica que os aldeões usavam para se comunicar com a população de língua italiana.

A troca do "v" pelo "b" na pronúncia das palavras pode ser observada abaixo, na primeira estrofe da versão apresentada por Pedrotti. Nesta versão, coletada na localidade trentina da *Vallagarina*, o informante troca o /v/ pelo /b/ na pronúncia de *trovare* e *verginèla*, pronunciando "trobare" e "berginèla":

*Ò regirato l'Italgia e 'l Tirolo
 ò regirato l'Italgia e 'l Tirolo
 sol per trobare na berginèla
 ciombolalilalèla ciombolalà.*

Fonte: Pedrotti (1976, p.229).

⁷³ Os trentinos que na época deixaram seu país eram culturalmente italianos, e não austríacos, apesar de, no período, esse território estar sob o domínio do Império Austro-Húngaro.

Em Santa Teresa, não foi observada essa troca de pronúncia de /v/ pelo /b/ em nenhum dos entrevistados que cantaram a canção.

ii) *Sul Castel del Mirandel*

*Sul castel del Mirandel,
E sul castel del Mirandel,
ma gh'era una che canteva,
e sul castel del Mirandel,
ma gh'era su na che canteva.*

*La canteva tanto bene,
e la canteva tanto bem,
che a mandan tre soldati armati,
la canteva tanto ben,
la manda tre soldati armati.*

*El più bel de questi tre,
El pù bel de questi tre,
ma se sta quel che la sposata,
el pù bel di queste tre,
ma se sta quel che la sposata.*

*La faremo remirar,
e la faremo remirar,
la mandan tre soldati armati,
la faremo remirar,
la mandan tre soldati armati.*

*El più bel de queste tre,
El pu bel de queste tre,
ma se sta quel che la sposata,*

*el pù bel di queste tre,
ma se sta quel che la sposata.*

(Informante ST20)

De acordo com o informante ITA07, em Trento essa canção é muito cantada em corais. O mesmo foi confirmado pelo informante ITA15, que é originário de Padova. Segundo ele, a canção faz parte do repertório de corais alpinos.

Nigra (1888) registrou algumas variantes dessa canção em Torino, no anos de 1888, com o nome de *Cattivo Custode*. Uma versão mais parecida com a encontrada em Santa Teresa foi registrada por Dino Coltro (1978), na sua obra *Paese Perduto: la cultura dei contadini veneti*, sob o título *Nel Castel del Mirandel*. A canção relata a história de uma moça que canta no alto de um castelo: “sul castel del Mirandel, e sul castel del Mirandel, ma gh’era una che canteva” (no castelo de Mirandel, no castelo de Mirandel, tinha uma que cantava). Coltro (1978) a define como uma canção narrativa, inspirada por episódios da vida real.

Quinto Antonelli (1988) também registra o canto com o nome de *La figlia del bacan*⁷⁴, em sua obra *Storia da quattro soldi*. Segundo o autor, esse canto é muito conhecido e presente em diversas pesquisas e publicações folclóricas.

iii) *La Valsugana*

*Quando saremo fora,
fora de la Valsugana,
Quando saremo fora,
fora de la Valsugana,
E a ritrovar la mama,
a veder veder come la sta.*

⁷⁴ A filha do camponês.

*La mama la sta bene,
 il papà l'è amalato,
 La mama la sta bene,
 il papà l'è amalato,
 Il mio bel partì soldato,
 chisà quando tornerà.*

*Tuti i me dis che lu l' s'è gà trovà,
 n'altra morosa,
 Tuti i me dis che lu l' s'è gà trovà,
 n'altra morosa,
 L'è na storia dolorosa,
 che mi credere non so.*

(Informante ST06)

O entrevistado ST27 também cantou uma outra versão, com apenas a primeira e a terceira estrofes da canção. Em Santa Teresa, a canção *La Valsugana* é mencionada em uma placa comemorativa concedida pela Prefeitura Municipal de Santa Teresa em memória às origens italianas e está afixada em um prédio na zona urbana do município⁷⁵.

⁷⁵ Na zona urbana de Santa Teresa é possível observar a existência de três placas comemorativas em memória às origens italianas. Cada placa remete a uma das principais localidades italianas de origem dos antepassados dos teresenses: Trento, Vêneto e Lombardia.



Fotografia 1. Placa comemorativa exposta na zona urbana de Santa Teresa

Fonte: Acervo da autora.

Na Itália, *La Valsugana* foi reconhecida por entrevistados de Pádova, Vicenza, Roncegno, Novaledo e Trento. Segundo os informantes, a canção era muito popular entre as famílias camponesas trentinas e vênetas, como afirma a entrevistada da localidade trentina de Rocegno ITA03: “*Tutti quanti noi qua cantavamo questa canzone*” (Todos nós aqui cantávamos essa canção). No entanto, não foi encontrado nenhum registro da canção em obras clássicas como Nigra (1888), Cornoldi (1968), Pedrotti (1976), Leydi (1973), Coltro (1978) e Antonelli (1988). Contudo, pode-se perceber nos versos da canção uma referência à vida militar e à guerra: “*Il mio bel partì soldato, chisà quando tornerà, Tuti i me dis che lu l' s'è gà trovà n'altra morosa*” (o meu amor foi para o exército, quem sabe quando retornará, todos me dizem que ele já encontrou outra namorada).

Outra informação importante a se destacar a respeito dessa canção é sobre o período em que ela foi composta. Apesar de a placa acima mencionar que a canção foi escrita em 1949, os dois informantes teresenses que conhecem a canção afirmaram tê-la aprendido com seus avós, que chegaram à Santa

Teresa, vindos da Itália, no final do século XIX. Como já dito anteriormente, não foi encontrado registro dessa canção nas obras pesquisadas. Desse modo, sugere-se que a identificação do período de origem da canção seja tema de pesquisas posteriores.

iv) *Merica Merica*⁷⁶

*Da l'Italia noi siamo partiti,
Noi siamo partiti col i nostri onori,
Trentasei giorni de machina a vapore,
e l'America noi siamo arivà.*

*Merica, Merica, Merica,
cosa sarala sta Merica?
Merica, Merica, Merica,
un bel masolino de fior.*

*E l' America noi siamo arivati,
no abiam trovato nè paglia e nè fieno,
Abiam dormito sul nudo tereno,
come le bestie abiamo a riposà.*

*Merica, Merica, Merica,
cosa sarala sta Merica?
Merica, Merica, Merica,
un bel masolino de fior.*

*E l'America l'è lunga e l'è larga,
l'è formata de monti e de piani,
e con la industria de i nostri italiani,*

⁷⁶ O título foi dado pelo informante.

abiam formato paesi e cità.

*Merica, Merica, Merica,
cosa sarala sta Merica?
Merica, Merica, Merica,
un bel masolino de fior.*

(Informante ST21)

Outra canção muito citada pelos informantes de Santa Teresa foi *Merica Merica*. O informante ST21 diz ter aprendido a canção com o seu pai, que era filho de um imigrante italiano originário de Ferrara. A mesma versão da canção também foi cantada pela informante ST06, que diz ter aprendido a canção com sua avó paterna, que era originária de Verona.

A canção *Merica, Merica* diz: “Da l’Italia noi siamo partiti, noi siamo partiti col i nostri onori” (Da Itália nós partimos, partimos com nossa honra). Percebe-se que a canção retrata a saída do país de origem, as dificuldades encontradas durante a viagem — que duravam várias semanas. Em outro trecho “Merica, Merica, Merica, cosa sarala sta Mèrica?” (América, América, América, o que será esta América?), observa-se o temor e as incertezas do que os aguardava no país de destino (dificuldades, costumes, tradições e língua diferentes etc). E, finalmente, a tão sonhada prosperidade econômica é alcançada no país de destino “e con la industria de i nostri italiani, abiam formato paesi e cità” (com a indústria dos nossos italianos, formamos países e cidades).

Silvio Pedrotti (1976) apresentou uma versão da canção, que foi coletada a partir de informantes da localidade trentina de *Val di Sole*, em 1961. O autor a classificou na categoria de *canto de encarcerados, refugiados e emigrantes*. Leydi (1973) apresentou uma versão dessa canção com o título *Trenta giorni di nave a vapore*. Dino Coltro (1978) registrou uma versão similar à registrada por Leydi (1973) sob o título *Trenta giorni di nave*. Segundo o autor, esta é uma das mais famosas canções da emigração camponesa da Itália setentrional para as Américas.

v) *La vita del soldato*

*La vita del soldato,
l'è na vita santa,
el magna, el beve, el canta,
pensieri no ghe n'ha.*

*La vita del soldato,
l'è na vita santa,
el magna, el beve, el canta,
pensieri no ghe n'ha.*

(Informante ST27)

Nenhum dos entrevistados italianos reconheceram essa canção. No entanto, Silvio Pedrotti (1976) registra uma versão com o nome de *Questa l'è la contrada*. O autor a classifica como sendo um *canto militar*, pois está relacionado à vida militar, ainda que o tom predominante na canção seja amoroso. A relação da canção com a vida militar pode ser percebida nos versos “la vita del soldato l'è na vita santa, el magna, el beve, el canta [...]” (a vida do soldado é uma vida santa, ele come, bebe e canta). Uma estrofe deste canto foi coletada na localidade Vêneto de Rovigo no ano de 1952 e foi publicada (letra e música) por Antonio Cornoldi (1968) em sua obra *Ande, bali e cante del Vêneto con particular riguardo al Polesine*.

Este canto também foi publicado por Claudio Noliani (1972), em sua obra *Canti del popolo triestino*, a partir de dados coletados em Trieste. Cornoldi afirma que o canto é recente e inspirado na cultura popular. Entretanto, Noliani considera que o canto tenha sua origem entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Já Pedrotti data a sua versão, coletada em Trento, como sendo anterior ao ano de 1914.

Em Santa Teresa, a canção foi registrada de um descendente de imigrantes vênnetos, provenientes de Padova. O informante não se recorda de todos os versos da canção, que é bem maior na versão apresentada por Pedrotti (1976). Segundo o informante, seus antepassados padovanos se transferiram para Santa Teresa no final do século XIX, o que também foi confirmado por meio de documentos encontrados no *Archivio di Stato di Padova*, na Itália. Esta informação confirma a hipótese de Pedrotti (1976) de que a canção seja de um período anterior ao ano de 1914, e contraria a afirmação de Noliani (1972), que assegura que a canção tenha sido originada entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

vi) *Teresina dei Corai*

*Teresina dei corai
leva su che canta i gai
canta i gai e la galina
leva su che l'è matina*

*Teresina dei corai
leva su che canta i gai
canta i gai e la galina
leva su che l'è matina.*

(Informante ST01)

Diferentemente das demais canções registradas, *Teresina dei corai* caracteriza-se como uma rima infantil, como pode ser percebido pelos trechos “leva su che canta i gai, canta i gai e la galina, leva su che l'è matina” (levanta que os galos cantam, cantam os galos e a galinha, levanta que é de manhã).

O etnógrafo trentino Umberto Raffaelli (1984) registrou diversas variações dessa rima em seu livro *'Na volta gh'era*, em que reuniu várias canções de ninar, cantigas e *rimas infantis* do Trentino. O autor apresentou quatro versões dessa *rima*, que foram coletadas nas localidades trentinas de Renda, Levico e Valsugana. No entanto, nas versões registradas por Raffaelli, a personagem se chama *Caterina* ou *Catarina*, e não *Teresina*, como na versão dada pelo informante de Santa Teresa. O informante teresense recordou-se de apenas uma estrofe da rima, que seria bem maior, segundo as versões apresentadas por Raffaelli.

Neste ponto, faz-se importante ressaltar que, além das canções registradas neste capítulo, várias outras foram coletadas durante as entrevistas em Santa Teresa e serão alvo de estudos futuros.

Tendo sido expostas, neste capítulo, as tradições orais italianas e também as transformações pelas quais passaram, em Santa Teresa, no próximo capítulo será analisado o bilinguismo presente nesse município.

6 A SITUAÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS-DIALETO ITALIANO EM SANTA TERESA

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os dados colhidos na pesquisa de campo. No presente estudo, a análise do bilinguismo está pautada na definição do grau de bilinguismo dos falantes (proficiência declarada em ambas as línguas) e ao contexto em que ocorre esse fenômeno, ou seja, os domínios de uso de ambas as línguas.

Para tanto, dividiu-se o capítulo em seis seções. A seção 6.1 aborda como os falantes denominam a variedade italiana falada em Santa Teresa. A seção 6.2 trata da situação bilíngue dos informantes de Santa Teresa. A seção 6.3 trata do contexto de aquisição do português e do dialeto italiano (em casa, na escola etc.). A seção 6.4 identifica o uso da língua de imigração em diferentes domínios. Nesta etapa, também é feito um levantamento sobre a língua usada na infância e na idade adulta dos informantes. Em 6.5, apresenta-se o uso da língua de imigração nas funções internas (ler, contar, rezar, etc.). Por fim, valendo-se das informações coletadas por meio do questionário, das observações e etnotextos, discute-se, na seção 6.6, as atitudes linguísticas dos falantes.

6.1 A variedade dialetal italiana de Santa Teresa

Para identificar como os falantes se referem à variedade dialetal italiana por eles falada, a primeira pergunta do questionário sociolinguístico foi: *Como se chama o italiano que é falado aqui em Santa Teresa?*

Como informado, a partir da informação dada pelo informante, a pesquisadora buscou referir-se sempre à língua de imigração pelo mesmo nome que havia dado o informante, de modo a evitar que os entrevistados pudessem adaptar suas atitudes e outras opiniões sobre a língua de imigração baseando-se no que pudessem perceber serem as preferidas da entrevistadora. O cômputo das respostas obtidas encontra-se na tabela a seguir.

Tabela 2. Denominação da variedade dialetal italiana de Santa Teresa, de acordo com os informantes e local de residência

INFORMANTES	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	<i>Taliàn</i>	Italiano	Dialetto		<i>Tal.</i>	Ita.	Dial.	
ZONA RURAL								
31-60 anos	2	8	6	16	12,5%	50%	37,5%	100%
+60 anos	28	6	2	36	77,8%	16,7%	5,5%	100%
ZONA URBANA								
31-60 anos	0	0	3	3	0	0	100%	100%
+60 anos	16	0	7	23	69,6%	0	30,4%	100%
TOTAL	46	14	18	78	59%	17,9%	23,1%	100

Os resultados que serão apresentados a seguir foram analisados a partir das respostas dos 78 informantes que relataram serem falantes do dialeto italiano. Desse total, observou-se que a maior parte dos que se encontram na faixa etária acima de 60 anos, tanto os residentes na zona urbana como os da zona rural do município, usam o termo *taliàn* para referir-se à variedade italiana que é falada na localidade.

Fica evidente, por meio da tabela acima, o decréscimo do uso do termo *taliàn* entre os entrevistados da faixa etária de 31-60 anos, com a mudança do uso do termo *taliàn* para *dialetto*, entre os moradores da zona urbana. Na zona rural, observa-se o maior uso do termo *italiano*, estando o termo *taliàn* restrito a somente 16,7% dos falantes dessa mesma faixa etária.

Durante a observação participativa e também nas entrevistas, pôde-se perceber o uso do termo *taliàn* pelos falantes, como se vê pelos exemplos abaixo:

Informante ST02: *"sól che ghe n' é paròle che noaltri no cognossón in taliàn"*
["mas existem palavras que nós não conhecemos em italiano"].

Informante ST20: *"quela volta no se studiava taliàn, sól proprio brasileiro"*
["naquela época não se estudava italiano, somente o brasileiro"]⁷⁷.

⁷⁷ A expressão "brasileiro" pode referir-se tanto à nacionalidade brasileira, como à língua portuguesa que é falada no Brasil. No caso acima, o termo foi usado em referência à língua.

Informante ST28: "*Taliàn*, que a gente diz. Eu falo: *Mi parlo taliàn*" [Eu falo italiano].

Foi observado que alguns falantes conseguem distinguir a variedade italiana por eles falada do italiano *standard*, chamada por alguns informantes de "gramática" ou "língua alta": "O daqui é um dialeto, né? O da Itália é gramática, o italiano, a língua alta, eu acho. Eu fiquei numa família italiana em Vitória, eles falavam o italiano mesmo" (Informante ST09). Essa informante afirma que, durante a sua infância, na casa de seus pais e de seus avós, era usado o termo *taliàn* para referir-se ao dialeto que era falado. Ela também afirma que já tinha ouvido seu avô mencionar que existia um "outro italiano", a chamada "língua alta". No entanto, ela diz que seus familiares nunca usaram o termo "dialeto", que ela passou a conhecer na fase adulta, por meio do contato com pessoas de outras comunidades.

Alguns entrevistados acima de 80 anos relataram ter conhecido o termo *dialeto*, por meio do contato com teresenses que já moraram ou estiveram na Itália, como pode ser observado no relato a seguir:

Informante ST03: "Dizem que agora, lá na Itália, tá mudado. A filha da minha vizinha alí, ela já morou na Itália e tudo, né. Ela falou que o que a gente fala aqui é dialeto, não é o italiano de verdade".

Outros entrevistados com mais de 80 anos relataram ter conhecido o termo dialeto por meio dos netos, que atualmente estudam o italiano *standard* na escola e passaram a diferenciá-lo do dialeto. Como diz a informante ST50: "a mamãe sempre falou *taliàn*: *Mi parlo taliàn*. Mas a minha neta me falou que a professora dela disse que o nosso aqui é dialeto".

Quando perguntado à neta da informante ST50 como se chama o italiano que é falado por sua avó, a resposta foi: "A minha professora falou que é dialeto. [...] A professora falou que o italiano que a nossa avó fala, não é igual o que a gente estuda aqui, é outro, é dialeto" (Informante ST80).

Alguns entrevistados se confundem ao diferenciar o dialeto, que é falado na localidade, com o italiano *standard*, que é ensinado nas escolas: "diz que aquele lá é o dialeto e o nosso é o italiano, né? Ou é o nosso que é dialeto e o que eles ensina lá é italiano? [...] Num sei bem isso não, minha filha." (Informante ST40).

Em relação ao uso do termo *taliàn*, Boerio (1856), em sua obra *Dizionario del Dialettto Veneziano*, apresenta a seguinte definição:

Taliàn, add. *Italiano* o *Italico* e *Italo*, D'Italia (BOERIO, 1856).⁷⁸

Ricci (1904), em sua obra *Vocabolario Trentino-Italiano*, que data do início do século XX, define *taliàn* da seguinte forma:

Taliàn - italiano (*lingua e cittadinanza*) (RICCI, 1904).⁷⁹

Para Bortoluzza (1997), em seu *Dizionario dell'antico dialetto trentino*, afirma que o termo *taliàn* é:

Taliàn - "*cittadino appartenente a un tempo al regno d'Italia*" (BORTOLUZZA, 1997)⁸⁰

Pode-se verificar, por meio das definições apresentadas a partir de dicionários e vocabulários de dialetos da Itália Setentrional, que o termo *taliàn* significa

⁷⁸ "Taliàn, adjetivo. Italiano ou itálico e italo, da Itália".

⁷⁹ "Taliàn - italiano (língua e cidadania)".

⁸⁰ "Cidadão já pertencente, em uma época, ao Reino da Itália".

italiano nesses dialetos podendo este termo ser usado tanto em referência à nacionalidade italiana, quanto à língua.

Em Santa Teresa, observa-se que os falantes usam o termo *taliàn* para referir-se à variedade por eles falada. Durante o período de contato com os informantes, foi possível observar que a maioria usa o termo *taliàn* quando estão falando a língua ancestral, como pode ser visto no exemplo do informante ST20: "*quela volta no se studiava taliàn, sól proprio brasileiro*". No entanto, o mesmo informante, ao falar em português, usa o termo "italiano" para referir-se à variedade dialetal italiana local, quando diz: "a mamãe só falava italiano. Quando precisava falar o brasileiro ela se enrolava toda". Quando perguntado ao informante como se chama o italiano que ele fala, o mesmo respondeu: "*taliàn*". Quando a pesquisadora o questionou: "mas é *taliàn* ou italiano?", a resposta foi: "quando fala *taliàn* a gente diz *taliàn* e quando fala o brasileiro a gente diz italiano mesmo". Assim, pode-se observar que, ao falar em português, o falante traduz o termo *taliàn* para a língua portuguesa e passa a referir-se a esse termo como sendo "italiano". Para o falante, os termos *taliàn* e *italiano* não se referem ao italiano *standard*, e sim ao seu dialeto.

A partir dos relatos anteriores, é possível também constatar que muitos informantes — principalmente os da faixa etária acima de 80 anos, de baixa escolaridade e residentes na zona rural — passaram a conhecer recentemente a existência do italiano *standard*. Se levado em consideração que, no final do século XIX, o italiano *standard* era pouco conhecido entre a classe camponesa italiana, o desconhecimento dos informantes mais idosos acerca do italiano padrão poderia ser compreendida. Basta lembrar, conforme De Mauro (1963), que, à época da Unificação da Itália (época da grande imigração italiana no Espírito Santo), o italiano *standard* era pouco conhecido⁸¹. Alguns informantes relataram que seus antepassados mencionavam a existência de um "outro italiano", que era denominado por eles como sendo "a língua alta" ou a "gramática". Mas, mesmo para esses informantes, o termo dialeto era desconhecido.

⁸¹ Segundo De Mauro (1963), em 1861 somente 2,5% da população italiana usava o italiano padrão, os restantes 97,5% usavam os seus dialetos locais.

Vale destacar o fato de o termo *taliàn* ser amplamente usado para referir-se à língua étnica em outras comunidades de descendentes de italianos, como é o caso observado no sul do Brasil e no México. Nesses dois lugares, a variedade italiana falada é denominada *taliàn*, da mesma forma como fazem os teresenses idosos que vivem em situação de isolamento geográfico. No entanto, Zilio (1987) aponta que, atualmente, no México, o uso do termo *taliàn* vem sendo substituído pelo termo *dialeto*, fato que também é observado em Santa Teresa.

Por fim, é importante destacar que, ao contrário da variedade italiana do Rio Grande do Sul (conhecida como *taliàn* sul-riograndense) e do *taliàn mexicano*, que já foram amplamente estudados, não existe, atualmente, nenhum trabalho que retrate a variedade italiana falada em Santa Teresa. No momento das entrevistas com os informantes desse município e da Itália, foram coletados dados que possibilitam uma descrição fonético-fonológica, lexical e morfossintática do dialeto que é falado no município; no entanto, este será um argumento para estudos futuros.

6.2 O grau de bilinguismo português-dialeto italiano

Tratando-se este de um estudo macroanalítico, de comparação entre indivíduos de diferentes localidades – das zonas urbana e rural de Santa Teresa –, adotou-se um conceito não absoluto, mas sim relativo de bilíngue, ou seja, o bilinguismo como uso alternado de duas línguas, como uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis (cf. MACKEY, 1972), desde uma competência mínima até um domínio completo de mais de uma língua, incluindo, também, o bilinguismo passivo.

Como já exposto, uma das maneiras frequentemente usadas para avaliar o grau de bilinguismo⁸² de um indivíduo é o exame das habilidades linguísticas autodeclaradas pelos falantes em relação à língua minoritária e à língua dominante (NORTIER, 2010). Para avaliar a existência e o grau de bilinguismo entre os indivíduos da amostra, optou-se pela verificação de quatro habilidades

⁸² O grau de bilinguismo refere-se à identificação de quão bilíngue alguém é (MACKEY, 1972).

linguísticas: falar, ler, escrever e entender as línguas em questão — o português e o dialeto italiano, mas sem detalhar o grau de *perfeição* — fonológico, gramatical, lexical, semântico e estilístico dessas habilidades (TITONE, 1993).

Para tanto, pediu-se aos informantes que avaliassem suas habilidades linguísticas em português e dialeto italiano, de acordo com uma escala de três pontos. Por exemplo, a habilidade de falar foi dividida em: (1) sabe falar, (2) sabe falar pouco, (3) não sabe falar.

Na próxima subseção, será discutido como se dá a distribuição do bilinguismo português-dialeto italiano, conforme os fatores extralinguísticos *idade* (08-30, 31-60 e acima de 60 anos) e *local de residência* (zonas urbana e rural) dos informantes.

6.2.1 A atuação dos Fatores Extralinguísticos

O Quadro 2, a seguir, apresenta os 146 descendentes de italianos que foram entrevistados em Santa Teresa. Destes, 64 são residentes na zona urbana e 82 são residentes na zona rural do município. Os informantes foram divididos em três faixas etárias: entre 08 e 30 anos, entre 31 e 60 anos e acima de 60 anos.

Quadro 2. Definição dos informantes conforme os fatores extralinguísticos analisados

Faixa etária	Zona rural	Zona urbana	Total
08-30 anos	24	20	44
31-60 anos	22	18	40
+60 anos	36	26	62
Total	82	64	146

As tabelas 3 e 4, a seguir, apresentam a situação bilíngue dos 146 informantes de Santa Teresa. Na tabela 2, encontra-se a distribuição do bilinguismo de acordo com o *local de residência* dos informantes. A tabela 3 apresenta a distribuição do bilinguismo segundo a *idade* dos informantes. As tabelas foram divididas nas duas variedades linguísticas em estudo, e estas, por sua vez, foram subdivididas em falar, ler, escrever e entender.

6.2.1.1 Local de residência dos informantes

A distribuição numérica das diferentes habilidades linguísticas dos informantes de acordo com o local de residência pode ser vista na Tabela seguinte:

Tabela 3. Habilidades linguísticas autodeclaradas em português e dialeto italiano, de acordo com o local de residência

DIALETO ITALIANO								
HABILIDADES LINGUISTICAS	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	Sim	Pouco	Nada		Sim	Pouco	Nada	
ZONA RURAL								
Fala	43	9	30	82	52,4%	11%	36,6%	100%
Entende	57	16	9	82	69,5%	19,5%	11%	100%
Lê	0	9	82	82	0	11%	89%	100%
Escreve	0	8	74	82	0	9,8%	90,2%	100%
ZONA URBANA								
Fala	10	16	38	64	15,6%	25%	59,4%	100%
Entende	30	14	20	64	46,9%	21,9%	31,2%	100%
Lê	2	1	61	64	3,2%	1,5%	95,3%	100%
Escreve	2	1	61	64	3,2%	1,5%	95,3%	100%
PORTUGUÊS								
HABILIDADES LINGUISTICAS	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	Sim	Pouco	Nada		Sim	Pouco	Nada	
ZONA RURAL								
Fala	82	0	0	82	100%	0	0	100%
Entende	82	0	0	82	100%	0	0	100%
Lê	46	24	12	82	56,1%	29,3%	14,6%	100%
Escreve	46	24	12	82	56,1%	29,3%	14,6%	100%
ZONA URBANA								
Fala	64	0	0	64	100%	0	0	100%
Entende	64	0	0	64	100%	0	0	100%
Lê	43	20	1	64	67,2%	31,2%	1,6%	100%
Escreve	43	20	1	64	67,2%	31,2%	1,6%	100%

De modo geral, os resultados indicam uma predominância do português sobre o dialeto italiano nas duas localidades pesquisadas. Verifica-se que, na zona rural, as habilidades de entender e falar são as de maior ocorrência entre os moradores do município. Além disso, se somar "Sim" e "Pouco" como chances de transmissão e manutenção da língua ancestral nas duas localidades, tem-se o número 63,4% na zona rural e 40,6% na zona urbana. Comparando-se ao "Nada" de 36,6% na zona rural e 59,4% na zona urbana — que, nesta situação, poderia ser considerado como perda da capacidade de transmissão futura da língua —, observa-se que as chances de manutenção da língua de imigração

são menores na zona urbana do município, como demonstram outros estudos sobre contato linguístico no mundo.

Em relação à língua portuguesa, 100% dos participantes das zonas rural e urbana dizem falá-la e entendê-la. O mesmo não acontece com as habilidades de leitura e escrita, uma vez que somente 56,1% dos informantes da zona rural e 67,2% dos informantes são alfabetizados.

Pelos resultados acima, verifica-se que os menores resultados de uso do dialeto estão nas habilidades de ler e escrever. Levando-se em consideração que nunca existiu o ensino formal do dialeto italiano na localidade, esses resultados se justificam. No entanto, alguns entrevistados da zona rural relataram ter aprendido a ler e escrever o dialeto italiano com seus pais ou com algum morador da localidade durante a infância. Neste particular, vale destacar que os três informantes da zona urbana que afirmaram conseguir ler, escrever, e "ler pouco" e "escrever pouco" o dialeto italiano, nasceram e viveram toda a infância na zona rural de Santa Teresa, tendo-se transferido para a zona urbana do município somente na adolescência. Portanto, foi nessa localidade que esses informantes adquiriram suas habilidades linguísticas no dialeto italiano.

A próxima subseção continuará analisando a distribuição do bilinguismo português-dialeto italiano, mas com enfoque no fator extralinguístico *idade* dos informantes.

6.2.1.2 Faixa etária

A tabela seguinte sintetiza os dados obtidos para este item.

Tabela 4. Habilidades linguísticas auto-declaradas no português e no dialeto italiano, de acordo com a faixa etária

DIALETO ITALIANO								
FAIXA ETÁRIA	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	Sim	Pouco	Nada		Sim	Pouco	Nada	
08-30 anos								
Fala	0	0	44	44	0	0	100%	100%
Entende	7	14	23	44	15,9%	31,8%	52,3%	100%
Lê	0	0	44	44	0	0	100%	100%
Escreve	0	0	0	44	0	0	100%	100%
31-60 anos								
Fala	8	11	21	40	20%	27,5%	52,5%	100%
Entende	24	12	4	40	60%	30%	10%	100%
Lê	0	2	38	40	0	5%	95%	100%
Escreve	0	2	38	40	0	5%	95%	100%
+ 60 anos								
Fala	45	14	3	62	72,6%	22,6%	4,8%	100%
Entende	56	4	2	62	90,3%	6,5%	3,2%	100%
Lê	2	8	52	62	3,2%	12,9%	83,9%	100%
Escreve	2	7	53	62	3,2%	11,3%	85,5%	100%
PORTUGUÊS								
FAIXA ETÁRIA	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	Sim	Pouco	Nada		Sim	Pouco	Nada	
08-30 anos								
Fala	44	0	0	44	100%	0	0	100%
Entende	44	0	0	44	100%	0	0	100%
Lê	42	2	0	44	95,4%	4,5%	0	100%
Escreve	42	2	0	44	95,4%	4,5%	0	100%
31-60 anos								
Fala	40	0	0	40	100%	0	0	100%
Entende	40	0	0	40	100%	0	0	100%
Lê	40	0	0	40	100%	0	0	100%
Escreve	40	0	0	40	100%	0	0	100%
+ 60 anos								
Fala	62	0	0	62	100%	0	0	100%
Entende	62	0	0	62	100%	0	0	100%
Lê	7	42	13	62	11,3%	67,7%	21%	100%
Escreve	7	42	13	62	11,3%	67,7%	21%	100%

A tabela 4 revela uma constância nas habilidades de falar e entender o português em todas as faixas etárias analisadas. Entre os informantes da faixa etária de 31-60 anos, verifica-se uma proficiência total em português. Entre os informantes da faixa etária de 08-30anos, 100% afirmaram falar e entender o português e 95,4% leem e escrevem essa língua. Os dois informantes da faixa etária de 08-30 anos que disseram ler e escrever "pouco" em português são duas crianças de 8 anos de idade. Elas frequentam as séries iniciais do ensino fundamental e se declararam ainda pouco seguras em relação às habilidades de leitura e escrita do português.

De modo geral, pode-se observar, na tabela 4, uma perda progressiva das habilidades relativas do uso do dialeto italiano e aquisição/substituição progressiva pelo português, nos indivíduos da faixa etária acima de 60 anos. Verifica-se também que os informantes da faixa etária de 08-30 anos não detêm a habilidade de falar o dialeto italiano. Entre os informantes dessa faixa etária, apenas 15,9% declaram entendê-lo e 31,8% declaram entendê-lo pouco, sendo por isso considerados bilíngues passivos (MACKEY, 1972).

A tabela 5, na página a seguir, apresenta o total de falantes do dialeto italiano no município de Santa Teresa. Para isso, foram selecionados os informantes que declaram "saber falar" e "saber falar um pouco" o dialeto, que, nas tabelas anteriores, era representado pelas ocorrências "sim" e "pouco".

Tabela 5. Total de falantes do dialeto italiano no município de Santa Teresa, de acordo com a faixa etária e local de residência

ZONA RURAL			
Faixa etária	Total de informantes	Fala dialeto italiano	% de falantes por faixa etária
31-60 anos	22	16	72,7%
+60 anos	36	36	100%
Total (zona rural)	58	52	89,6%
ZONA URBANA			
Faixa etária	Total de informantes	Fala dialeto italiano	% de falantes por faixa etária
31-60 anos	18	3	16,7%
+60 anos	26	23	89%
Total (zona urbana)	44	26	59,1%

Os resultados demonstrados na tabela 5 revelam a presença de 52 (89,6%) falantes do dialeto italiano na zona rural e 26 (59,1%) na zona urbana, perfazendo um total de 78 falantes de dialeto italiano entre os 146 entrevistados no município de Santa Teresa. Deste total, o dialeto italiano é falado por 72,7% dos informantes da faixa etária de 31-60 anos, por 100% dos informantes acima de 60 anos. Na zona urbana, a quantidade de falantes cai para 16,7% entre a faixa etária de 31-60 anos e para 89% entre os da faixa etária acima de 60 anos. Tem-se, assim, que o dialeto italiano é falado por 89,6% do total de entrevistados da zona rural e por 59,1% do total de entrevistados da zona urbana, o que demonstra a importância do isolamento das comunidades rurais para a manutenção da língua minoritária, como foi discutido no Capítulo 5.

6.3 Contexto de aquisição do dialeto italiano e do português

No estágio inicial do bilinguismo, a língua materna é certamente aquela na qual o indivíduo apresenta maior competência; posteriormente, ainda que o indivíduo bilíngue adquira maior competência na segunda língua, a primeira

deverá influenciar a estrutura da nova língua que foi aprendida (WEINREICH, 1974 [1953])⁸³.

A partir das respostas coletadas por meio de questionário sociolinguístico, foi possível descrever as condições em que o dialeto italiano e o português foram adquiridos pelos falantes bilíngues desta amostra. Esse fator mostra-se relevante para o entendimento das diferenças no uso de cada uma das línguas faladas na região, especificamente no que diz respeito à variação etária.

Os dados referentes ao contexto de aquisição de ambas as línguas, de acordo com o local de residência e a idade dos informantes, pode ser conferido na tabela a seguir.

Tabela 6. Contexto de aquisição do dialeto italiano e do português de acordo com a faixa etária e o local de residência

DIALETO ITALIANO									
INFORMANTES	Casa		Casa dos avós		Escola		Ambos*		% TOTAL
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	
ZONA RURAL									
31-60 anos	16	100%	0	0	0	0	0	0	100%
+60 anos	36	100%	0	0	0	0	0	0	100%
ZONA URBANA									
+60 ANOS	7	46,7%	8	53,3%	0	0	0	0	100%
TOTAL (67)	59	88%	8	12%					
PORTUGUÊS									
INFORMANTES	Casa		Casa dos avós		Escola		Ambos		% TOTAL
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	
ZONA RURAL									
31-60 anos	0	0	0	0	0	0	16	100%	100%
+60 anos	0	0	0	0	36	100%	0	0%	100%
ZONA URBANA									
+60 ANOS	0	0	0	0	0	0	15	100%	100%
TOTAL (67)					36	53,7%	31	46,3%	100%

* Ambos = casa dos pais e escola.

⁸³ Weinreich (1974[1953]) define o fenômeno da *interferência* como um desvio da fala de pessoas bilíngues, determinado pela influência de uma língua na outra.

Os resultados da tabela 6 mostram claramente que os informantes da zona rural adquiriram o dialeto italiano no domínio doméstico. Em relação ao português, este foi aprendido essencialmente via escola pela faixa etária acima de 60 anos. O contrário ocorreu com os informantes da faixa etária entre 31-60 anos, que aprenderam o português em casa e, posteriormente, o aperfeiçoaram na escola.

Como já mencionado no capítulo metodológico deste estudo, há uma grande diferença entre o grau de escolarização dos mais velhos e dos mais jovens, não importando a localidade de residência. Geralmente, a geração acima de 60 anos da zona rural, na infância, falava mais o dialeto italiano que o português, aprendendo este último essencialmente via escola, em condições muitas vezes adversas. Para tanto, contribuiu um maior grau de isolamento nos primeiros anos de colonização, quando o dialeto italiano convivia muito pouco com o português. Até a Segunda Guerra Mundial, época em que ocorreu uma forte proibição das línguas estrangeiras no Brasil pelo Governo Vargas⁸⁴, o uso do português entre os moradores da zona rural limitava-se à escola e às transações comerciais, entre outros, que serão discutidos adiante.

Na área urbana, observa-se que 53,3% dos informantes aprenderam o dialeto italiano na casa dos avós, pois, em casa, os pais já não o usavam como veículo de comunicação com os filhos. Alguns informantes da zona urbana relataram que a aprendizagem do dialeto italiano aconteceu de modo indireto, ou seja, ouvindo os pais que falavam o dialeto italiano entre si ou quando os pais falavam com os avós. Como foi informado, a proibição do uso das línguas de imigração durante a Era Vargas fez com que muitos pais da zona urbana do município deixassem de usar o dialeto italiano com os filhos, ensinando-lhes apenas o português. Assim, a aquisição da língua de imigração, para muitos descendentes da zona urbana, deu-se de modo indireto.

Bastante diferente é a realidade vivida pelos informantes da faixa etária de 31-60 anos da zona urbana. As crianças dessa localidade tiveram como língua materna o português e nenhum deles declarou competência linguística no dialeto italiano. Os três informantes que declararam saber falá-lo nasceram e

⁸⁴ Por meio do Decreto-Lei n° 406, de 4 de maio de 1938.

residiram durante a infância na zona rural, transferindo-se para a zona urbana na adolescência; por isso não entraram nesta análise. Os falantes dessa faixa etária já tiveram contato com o ensino formal; muitos contam com mais de oito anos de escolarização e raramente se encontra alguém que tenha frequentado a escola por menos de cinco anos.

Assim, a proficiência no português tem características próprias nas diferentes faixas etárias e localidades de origem, sendo maior entre informantes da faixa etária inferior a 60 anos, principalmente os da zona urbana, que tiveram a língua portuguesa como língua materna e como língua de estudo na escola. A proficiência no português é menor na geração acima de 60 anos da zona rural, que o aprendeu como segunda língua. Além disso, é importante recordar, conforme apresentado no capítulo 5, que as famílias de imigrantes que residiam nas localidades rurais de Nova Valsugana, Tabocas, Lombardia e 25 de Julho viveram durante muitos anos sem contato maior com falantes luso-brasileiros, que se encontravam na Sede do município.

6.4 Os domínios de uso do dialeto italiano em Santa Teresa: uma análise diacrônica

A análise da relação entre o uso da língua e os domínios sociais permite identificar os padrões de comportamento linguístico de uma dada comunidade, além de possibilitar compreender o processo de manutenção e/ou substituição de uma língua.

As pessoas podem ter comportamentos completamente diferentes em cada um dos domínios em que atuam. Indivíduos bilíngues normalmente não usam as duas línguas que sabem em todos os domínios. Consequentemente, sua escolha linguística irá diferir de um domínio para outro.

A escolha de uma língua em um dado domínio não é arbitrária, mas sim condicionada por certas normas e fatores sociais. Assim, para avaliar os domínios de uso do dialeto italiano, retoma-se a pergunta sociolinguística

fundamental colocada por Fishman (1965, p.89): “quem fala qual língua, com quem e quando?”⁸⁵

Para efeito deste trabalho, selecionaram-se oito domínios, considerados significativos na vida da comunidade estudada: família (ou doméstico), religião, amizade, escola, vizinhança, comércio, meios de comunicação e instituições públicas. A seguir, serão apresentadas as análises.

6.4.1 O domínio família

Nas tabelas 7 e 8, será analisado diacronicamente o processo de uso do dialeto italiano no domínio família entre as faixas etárias de 31-60 anos e acima de 60 anos. A tabela 7 evidencia o uso do dialeto italiano por parte dos informantes durante a infância, com diferentes interlocutores; a tabela 8 verifica o uso do dialeto italiano no mesmo domínio, mas na atualidade. Para isso, perguntou-se aos informantes com que frequência eles usam e usavam o dialeto italiano ao falar com seus avós, pai, mãe, irmãos, cônjuge, filhos e outros parentes.

Antes de se passar às tabelas, porém, faz-se necessário esclarecer que:

1) A tabela 7 não leva em conta o total de 26 falantes de dialeto italiano da zona urbana (cf. tabela 5), mas apenas 15 informantes, visto que os outros 11 — 3 falantes da faixa etária de 31-60 anos e 8 falantes da faixa etária acima de 60 anos —, apesar de residirem atualmente na zona urbana, nasceram e viveram parte da infância na zona rural do município.

2) Na tabela 8, os números indicados na coluna "Total" variam de acordo com a situação familiar do informante. Por exemplo: nem todos os informantes são casados, têm filhos ou têm avós vivos. Para conferir o total de falantes de dialeto italiano, de acordo com a faixa etária e local de residência, consulte-se a tabela 5.

⁸⁵ "Who speaks what language to whom and when?" (FISHMAN, 1965, p.89, tradução nossa).

Tabela 7. Uso do dialeto italiano na infância, no domínio doméstico, de acordo com os interlocutores

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			Total
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Pai	6	10	0	16	37,5%	62,5%	0	100%
Mãe	8	8	0	16	50%	50%	0	100%
Irmãos	2	8	6	16	12,5%	50%	37,5%	100%
Avós	16	0	0	16	100%	0	0	100%
Outros Parentes	0	6	10	16	0	37,5%	62,5%	100%
+60 anos								
Pai	36	0	0	36	100%	0	0	100%
Mãe	36	0	0	36	100%	0	0	100%
Irmãos	36	0	0	36	100%	0	0	100%
Avós	36	0	0	36	100%	0	0	100%
Outros Parentes	36	0	0	36	100%	0	0	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			Total
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
+60 anos								
Pai	0	5	10	15	0	33,3%	66,7%	100%
Mãe	0	5	10	15	0	33,3%	66,7%	100%
Irmãos	0	0	15	15	0	0	100%	100%
Avós	15	0	0	15	100%	0	0	100%
Outros Parentes	0	5	10	15	0	33,3%	66,7%	100%

Tabela 8. Uso do dialeto italiano atualmente, no domínio doméstico, de acordo com os interlocutores

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			Total
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Cônjuge	0	2	12	14	0	14,3%	85,7%	100%
Filhos	0	0	14	14	0	0	100%	100%
Netos	0	0	6	6	0	0	100%	100%
Irmãos	0	4	12	16	0	25%	75%	100%
Pai	0	4	10	14	0	25,6%	71,4%	100%
Mãe	0	4	10	14	0	25,6%	71,4%	100%
Avós	5	8	0	13	38,5%	61,5%	0	100%
Outros parentes	0	0	16	16	0	0	100%	100%
+60 anos								
Cônjuge	4	6	14	24	16,7%	25%	58,3%	100%
Filhos	0	18	13	31	0	58%	42%	100%
Netos	7	18	6	31	22,6%	58,1%	19,3%	100%
Irmãos	4	11	19	34	11,7%	32,5%	55,8%	100%
Pai	1	0	0	1	100%	0	0	100%
Mãe	2	0	0	2	100%	0	0	100%
Outros parentes	3	10	23	36	8,3%	27,8%	63,9%	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			Total
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Cônjuge	0	0	3	3	0	0	100%	100%
Filhos	0	0	3	3	0	0	100%	100%
Netos	0	0	1	1	0	0	100%	100%
Irmãos	0	0	3	3	0	0	100%	100%
Pai	0	0	2	2	0	0	100%	100%
Mãe	0	1	1	2	0	50%	50%	100%
Avós	0	1	0	1	0	100%	0	100%
Outros parentes	0	0	3	3	0	0	100%	100%
+60 anos								
Cônjuge	0	0	10	10	0	0	100%	100%
Filhos	0	1	19	20	0	5%	95%	100%
Netos	0	0	20	20	0	0	100%	100%
Irmãos	0	4	18	22	0	18,2%	81,8%	100%
Pai	0	0	1	1	0	0	100%	100%
Mãe	0	0	1	1	0	0	100%	100%
Outros parentes	0	3	20	23	0	13%	87%	100%

Pelas duas tabelas anteriores, pode-se verificar a substituição do dialeto italiano pelo português ao longo da vida dos informantes. Observe-se primeiramente a tabela 7, que se refere ao período de infância dos informantes, é possível perceber que:

a) *Faixa etária acima de 60 anos: zona rural x zona urbana:*

Enquanto na zona rural o dialeto italiano continuava a ser "sempre" usado pelos informantes para se comunicar com os diferentes *interlocutores* do grupo familiar, na zona urbana já se verificava um estágio avançado de substituição pelo português. Por meio da tabela 7 é possível observar que a interação entre os informantes da zona urbana e seus irmãos "nunca" se dava em dialeto italiano. Enquanto 33,3% "às vezes" usavam o dialeto italiano com a mãe, 66,7% dos informantes "nunca" o usavam. Com o pai, a mesma proporção se repetia.

Os estudos sociolinguísticos apontam para a importância do fator social *idade do interlocutor* como um dos determinantes para a escolha da língua entre os diversos membros de uma mesma família (CLYNE, 1981; 1991; RUBINO, 2007). Pela Tabela 7, pode-se destacar que, na zona urbana, o uso do dialeto italiano no domínio família era fortemente influenciado pela idade do interlocutor: os entrevistados usavam mais o dialeto italiano com seus avós do que com seus pais e não o usavam com seus irmãos.

Se isso ocorre, pode-se, então, inferir que a transmissão do dialeto italiano às faixas etárias mais jovens já estava seriamente prejudicada. Deve-se também recordar os efeitos da proibição do uso das línguas de imigração na Era Vargas, que era mais evidente na área urbana do município. Assim, os falantes da zona rural, que viviam mais isolados, conseguiram manter mais o uso do dialeto italiano dentro do domínio *família*.

b) *Faixa etária de 31-60 anos da zona rural x faixa etária de 31-60 anos da zona urbana:*

Como já se disse, o uso da língua de imigração no ambiente familiar é um fator decisivo para a sua conservação. Na tabela 7, pode-se verificar a ausência do uso do dialeto italiano entre os entrevistados da faixa etária de 31-60 anos da zona urbana. Conforme apresentado na tabela 5, verifica-se que apenas 3 dos 18 informantes dessa faixa etária que residem na zona urbana afirmaram falar o dialeto; no entanto, esses 3 informantes nasceram e viveram grande parte de sua infância na zona rural do município, onde aprenderam a falar o dialeto. Assim, pode-se concluir que, durante o período de infância dos informantes da faixa etária de 31-60 anos da zona urbana, o dialeto já não era mais usado no *domínio família*, ao passo que, na zona rural, ele continuava a ser usado pela maior parte dos entrevistados.

c) *Zona rural: faixa etária acima de 60 anos x de 31-60 anos:*

A tabela 7 revela que, em se tratando da zona rural, os informantes da faixa etária acima de 60 anos mantinham em 100% o uso do dialeto italiano no domínio doméstico, ou seja, todos usavam o dialeto italiano para se comunicar com os diferentes *interlocutores* de seu grupo familiar. No entanto, esse uso para os indivíduos da faixa etária de 31-60 anos era grandemente influenciado pela idade do *interlocutor*: os informantes usavam mais o dialeto para se comunicar com os mais velhos do que com os irmãos. Ao falar com seus avós, 100% dos informantes "sempre" faziam uso do dialeto; para se comunicarem com os irmãos, 37,5% nunca usavam o dialeto, enquanto que 12,5% usavam "sempre" e 50% o usavam "às vezes".

Ao falar com o pai, 37,5% dos informantes de 31-60 anos "sempre" usavam o dialeto italiano e 62,5% o usavam "às vezes". Com a mãe, 50% dos entrevistados "sempre" usavam o dialeto e os outros 50%, "às vezes". Com os irmãos, o uso do dialeto italiano diminui: somente 12,5% dos informantes dessa faixa etária o usavam, 50% o usavam "às vezes" e 37,5% dos informantes nunca o usavam. E, como se viu, o fato de um indivíduo usar a língua

minoritária com menor frequência ao se comunicar com interlocutores da mesma faixa etária favorece a substituição linguística em prol do português.

d) Zona urbana: faixa etária acima de 60 anos x faixa etária de 31-60 anos:

Como mencionado anteriormente, a escolha da língua durante a infância dos informantes da zona urbana, que hoje estão na faixa etária acima de 60 anos, era fortemente influenciada pela idade do *interlocutor*. Àquela época, a única relação em que o dialeto italiano era usado "sempre" era na relação com os avós. Nesse sentido, é importante destacar que a escolha linguística é determinada, às vezes, pela língua que o interlocutor domina; no caso dos avós dos entrevistados, era o dialeto italiano. Os informantes da faixa etária de 31-60 anos da mesma localidade, por sua vez, já não usavam o dialeto como veículo de comunicação no âmbito doméstico, isto é, já podia ser verificada uma completa substituição para monolinguismo português entre os indivíduos desta faixa etária.

Comparando-se os dados relativos à infância dos informantes (tabela 7) e os da época atual (tabela 8), observam-se modificações bastante significativas:

1) Zona rural:

Na zona rural, ainda se pode verificar o uso do dialeto italiano nas relações familiares. Entre os informantes da faixa etária acima de 60 anos, observa-se uma maior abertura para o uso do português com os irmãos na atualidade, o que implica o uso atual das duas línguas, enquanto que, na infância, usava-se somente o dialeto italiano. Em relação aos informantes da faixa etária de 31-60 anos, o uso do dialeto italiano é fortemente influenciado pela idade do interlocutor: usam-no mais com seus avós do que com seus pais, e com estes mais do que com seus irmãos.

Nenhum informante desta faixa etária relatou usar o dialeto italiano com os filhos, o que implica o processo de sua substituição pelo português e seu iminente desaparecimento.

2) *zona urbana:*

Com relação à zona urbana de Santa Teresa, entre os indivíduos da faixa etária acima de 60 anos, já podia ser observado um estágio avançado de substituição do dialeto italiano para o português durante a infância. Na atualidade, há indícios de um progressivo abandono do dialeto italiano enquanto sistema de comunicação no domínio doméstico. Apenas 18,2% dos informantes da faixa etária acima de 60 anos optam "às vezes" pelo uso do dialeto italiano com os irmãos e 13% "às vezes" usam o dialeto italiano para comunicar-se com outros parentes — primos, tios e cunhados. Entre a faixa etária de 31-60 anos, somente um informante afirmou usar o dialeto italiano "às vezes" para se comunicar com a mãe. Outro informante da mesma faixa etária "às vezes" usa o dialeto com os avós, que residem na zona rural do município.

Nesse sentido, cabe apontar que os interlocutores "irmãos" e "outros parentes" podem ser considerados como a "extensão familiar" desses informantes, uma vez que não vivem na mesma residência. Tal fato pode ser interpretado como uma ausência do uso do dialeto italiano na residência atual dos informantes da zona urbana. Nessa situação, o dialeto italiano seria usado apenas para se comunicar com os avós, os irmãos e outros parentes residentes, na maioria das vezes, na zona rural do município. De um modo geral, verifica-se um avançado direcionamento para o monolinguismo em português entre os informantes da zona urbana.

Na próxima seção, serão analisados os outros domínios de uso do dialeto italiano no município de Santa Teresa.

6.4.2 O domínio vizinhança

Antes da análise desse domínio, é fundamental esclarecer que foram considerados como vizinhos as pessoas que residem próximo à casa do informante, não sendo levados em conta, na análise deste domínio, os parentes e amigos que porventura fossem vizinhos dos informantes.

As tabelas 9 e 10, a seguir, sintetizam o uso do dialeto italiano no domínio vizinhança durante a infância dos informantes e na atualidade, respectivamente.

Tabela 9. Uso do dialeto italiano na infância, no domínio vizinhança

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Vizinhos	2	8	6	16	12,5%	50,0%	37,5%	100%
+60 anos								
Vizinhos	36	0	0	36	100%	0	0	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
+60 anos								
Vizinhos	0	0	15	15	0	0	100%	100%

Tabela 10. Uso do dialeto italiano atualmente, no domínio vizinhança

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Vizinhos	0	6	10	16	0	37,5%	62,5%	100%
+60 anos								
Vizinhos	6	18	12	36	16,7%	50%	33,3%	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Vizinhos	0	0	3	3	0	0	100%	100%
+60 anos								
Vizinhos	2	1	20	23	8,7%	4,3%	87%	100%

Neste ponto, cabem explicações acerca das diferenças encontradas entre as tabelas 9 e 10. A tabela 9 não leva em consideração os três falantes da faixa etária de 31-60 anos da zona urbana, visto que estes informantes, apesar de residirem atualmente na Sede do município, nasceram e viveram parte da infância na zona rural. E, do total de 23 falantes acima de 60 da zona urbana, a tabela considera apenas 15 informantes, pelas mesmas razões anteriores.

Durante a infância dos informantes da zona rural, de ambas as faixas etárias, observa-se que o uso do dialeto era claramente dominante (100%). Hoje, é visível a sua perda, já que, dos 100% que sempre usavam durante a infância, apenas 16,7% o fazem hoje, e 50% o fazem às vezes. Juntando essas porcentagens, tem-se que 67,7% ainda usam o dialeto para se comunicarem. Entre os fatores apontados pelos mais idosos para a diminuição do uso do dialeto no domínio *vizinhança* está a falta de interlocutores — muitos afirmam que os vizinhos da sua mesma faixa etária, ou mais idosos, que usavam somente o dialeto para se comunicar, já morreram.

Com relação aos informantes da faixa etária de 31-60 anos da zona rural, estes relataram que, durante a infância, usavam o dialeto "sempre" ou "às vezes" com alguns interlocutores mais idosos que hoje não estão mais vivos. Nota-se, nessa situação, que a *idade* dos interlocutores condiciona a escolha linguística.

Portanto, pode-se pensar no que afirmam Clyne (1991) e Rubino (2007) sobre a importância do fator *idade* do interlocutor para a escolha linguística: os informantes usavam o dialeto com os interlocutores mais idosos, pois essa era a única língua que eles dominavam, ou a predominante. No entanto, essa escolha acarretou a substituição da língua, uma vez que o uso da língua de imigração com interlocutores mais jovens favorece a sua transmissão e, conseqüentemente, a sua manutenção. O contrário, o uso da língua somente com interlocutores mais idosos, favorece a substituição linguística (CLYNE, 1991).

Com relação à zona urbana, conforme pode ser observado na tabela 10, verifica-se o pouco uso do dialeto italiano entre os vizinhos: nenhum informante da faixa etária de 31-60 anos da zona urbana usa o dialeto italiano com eles. Entre os da faixa etária acima de 60 anos, 87% dos informantes afirmaram "nunca" usá-lo com os vizinhos, como pode ser conferido na Tabela 10. Dado que a maioria dos descendentes de italianos desta localidade não fala o dialeto italiano, este resultado já era de se esperar. Os 2 (8,7%) informantes que disseram "sempre" usar o dialeto com os vizinhos e 1 (4,3%) que disse usar "às vezes" são pessoas que nasceram e viveram durante a infância na zona rural.

6.4.3 O domínio amizade

Para avaliar o uso da língua de imigração no domínio *amizade*, perguntou-se aos informantes com que frequência eles utilizavam, na infância e atualmente, o dialeto italiano ao falar com seus amigos. Por meio das tabelas 11 e 12, será analisado esse processo.

Tabela 11. Uso do dialeto italiano na infância, no domínio amizade

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Amigos	2	6	8	16	12,5%	37,5%	50,0%	100%
+60 anos								
Amigos	36	0	0	36	100%	0	0	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
+60 anos								
Amigos	0	0	15	15	0	0	100%	100%

Tabela 12. Uso do dialeto italiano atualmente, no domínio amizade

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Amigos	0	7	9	16	0	43,7%	56,3%	100%
+60 anos								
Amigos	8	19	9	36	22,2%	52,8%	25%	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Amigos	0	1	2	3	0	33,3%	66,7%	100%
+60 anos								
Amigos	1	7	15	23	4,3%	30,5%	65,2%	100%

Com referência à interação entre os informantes e seus amigos na atualidade (tabela 12), o dialeto italiano ainda é a principal língua usada pelos informantes da faixa etária acima de 60 anos da zona rural, pois, dos 36 indivíduos, 27 (75%) ainda o utilizam com os amigos. Dos 16 entrevistados da faixa etária de 31-60 anos, 43,7% deles afirmaram usá-lo "às vezes". Tais resultados indicam que, na zona rural, o dialeto se manteve, até certo ponto, no domínio *amizade*.

Com respeito à zona urbana, entre os informantes da faixa etária acima de 60 anos, o dialeto não era usado pelos 15 informantes durante a sua infância. Atualmente, porém, o dialeto é utilizado "sempre" por 1 informante e "às vezes" por 7 informantes, perfazendo o total de 8 informantes (22,2%) que usam o dialeto italiano no domínio *amizade*. Estes 8 informantes são justamente aqueles que nasceram e residiram durante a infância na zona rural do município, o que justifica este resultado.

Observando-se os indivíduos com mais de 60 anos da zona rural, é nítida a perda do uso do dialeto durante a vida desses informantes, já que, dos 100% que sempre o usavam durante a infância, apenas 22,2% o fazem atualmente e 52,8% o fazem às vezes. Juntando-se as duas porcentagens, tem-se que 75% ainda usam. É uma soma significativa, mas menor que os 100% da infância.

Comparando-se os dois últimos domínios — amigos e vizinhos —, verifica-se, de modo geral, o maior uso do dialeto italiano entre os amigos do que entre os vizinhos. Assim, pode-se pensar no que afirma Smolicz (1999) sobre a influência exercida pela rede de amigos dos falantes no uso da língua. Após o núcleo familiar, os amigos são os que mais exercem influência para o uso do dialeto entre os informantes teresenses.

6.4.4 O domínio escola

Na tabela 13 será apresentado o uso do dialeto italiano no domínio *escola*, de acordo com os interlocutores: professor e colegas de escola. Visto que todos os falantes do dialeto estão na faixa etária acima de 30 anos, ou seja, não estão em idade escolar, o quadro a seguir apresentará resultados referentes apenas ao período de infância dos informantes.

Tabela 13. Uso do dialeto italiano na infância, no domínio escola, de acordo com os interlocutores

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
31-60 anos								
Professor	0	0	16	16	0	0	100%	100%
Colegas de escola	0	0	16	16	0	0	100%	100%
+60 anos								
Professor	1	0	35	36	2,8%	0	97,2%	100%
Colegas de escola	10	26	0	36	27,8%	72,2%	0	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Interlocutores	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
+60 anos								
Professor	0	0	15	15	0	0	100%	100%
Colegas de escola	0	0	15	15	0	0	100%	100%

Todos os informantes, com exceção de um deles, da zona rural, afirmaram "nunca" terem usado o dialeto italiano com o professor. Com os colegas de escola, os únicos informantes que afirmaram tê-lo utilizado são os da faixa etária acima de 60 anos da zona rural. Todos os demais sujeitos desta pesquisa não o utilizavam.

Para os informantes da faixa etária acima de 60 anos da zona rural, a escolha da língua era influenciada pelo *interlocutor* e pelo *lugar de interação*, isto é, o local de encontro dos interlocutores. De acordo com esses informantes, o que condicionava a escolha da língua com os colegas era o local onde estavam no momento da conversa: o dialeto italiano somente era usado entre os colegas, na hora do recreio. Com o professor – em quase todas as circunstâncias – e com os colegas, em sala de aula, a língua usada era o português. A única exceção foi mencionada pela informante ST40 da zona rural de Santa Teresa. Segundo ela, a sua professora era de origem italiana e se dirigia aos filhos de imigrantes em dialeto italiano: "Só dois aluno que não era italiano. Então, a

professora falava com a gente em italiano e com eles em brasileiro"(ST40). Este foi o único relato de uso da língua de imigração com o professor.

Os estudos sociolinguísticos apontam para a importância da socialização da criança na língua minoritária em outros domínios, além do âmbito doméstico. Se a socialização da criança na língua minoritária for exclusiva do ambiente familiar, haverá um risco maior de que essa língua seja substituída pela língua majoritária (APPEL e MUYSKEN, 1987). Os resultados obtidos a partir da análise da tabela 13 indicam que as escolas foram uma fonte poderosa do uso da língua dominante, o português, contribuindo, desta forma, para a redução do uso da língua minoritária até a sua substituição, como apontam os estudos do Contato Linguístico.

Os resultados da tabela anterior indicam que a atitude do professor foi determinante para o uso ou não do dialeto na escola. Contudo, segundo os informantes, ao longo da vida escolar, as crianças iam adquirindo fluência na língua portuguesa e passavam a usá-la com todos os interlocutores e em todos os ambientes de interação nesse domínio.

Neste ponto, outro fato importante a ser analisado é que os professores não eram integrantes da comunidade. De acordo com vários informantes da faixa etária acima de 60 anos, os seus professores eram, em sua maioria, de Minas Gerais: "Quando eu fui na escola, o primeiro professor era mineiro" (ST16). Assim, o primeiro contato com a língua portuguesa, para a maioria dos entrevistados da faixa etária acima de 60 anos, deu-se através de falantes brasileiros oriundos de Minas Gerais.

Na zona urbana, o dialeto italiano não era usado no domínio escola por nenhum interlocutor, nem mesmo entre os alunos. O informante ST25, que é originário da zona rural, transferiu-se com a família para a Sede ainda na infância. Segundo esse informante, já no final da década de 1920, na zona urbana, o dialeto italiano não era usado pelos seus colegas de escola:

Informante ST25: "O italiano era mais falado no interior. Aqui foi tudo mais forçado, porque aqui tinham as autoridades, tinham os professores. Eu, por exemplo, quando fui pra escola ninguém mais falava italiano. Não tem esse colégio aqui, o Peçanha Pólvora? Eu fui na inauguração dele, em 1929. Aqui só tinha essa escola. No interior depois, o governo começou a nomear as escolas em cada comunidade. Nomeava uma professora e pegava aquelas famílias mais abastadas que davam moradia para a professora. Tinha criança que andava 1 hora a pé para ir à escola" (94 anos, residente na zona urbana).

Por meio dos resultados obtidos por este domínio, fica claro que a *língua materna* dos falantes, isto é, o dialeto italiano, era desvalorizada em detrimento da língua portuguesa. Assim, pode-se constatar que, para os informantes da faixa etária acima de 60 anos, o ensino do português se deu de modo *subtrativo*, ou seja, com o intuito de substituir a *língua materna* do repertório dos falantes.

Em relação ao ensino do dialeto italiano na modalidade escrita, alguns informantes da zona rural relataram tê-lo estudado de maneira informal. O professor era um imigrante mais instruído da comunidade que ministrava aula para os filhos de italianos, geralmente em sua casa, em troca de uma modesta soma em dinheiro. A língua em que se ensinava, de acordo com os entrevistados, era o dialeto italiano, visto que esta era a língua conhecida pela maioria dos primeiros imigrantes, pois, conforme De Mauro (1963), na época da Unificação da Itália (época da grande imigração italiana no Espírito Santo), o italiano *standard* era pouco conhecido.

No entanto, como se disse anteriormente, na Era Vargas, essa modalidade de ensino foi proibida. Nos anos de 1930, as comunidades de imigrantes do Brasil foram afetadas pela deflagração da campanha de nacionalização do ensino. O uso da língua portuguesa passou a ser obrigatório em todos os setores da sociedade, por imposição do poder político-administrativo. Ficou, assim, oficializado que, nas escolas, não se poderia mais falar qualquer língua estrangeira, como também não haveria mais publicações de periódicos nessas

línguas e, em público, as pessoas só poderiam se expressar em língua portuguesa. Pode-se observar, aqui, uma situação semelhante à ocorrida durante o período assimilacionista na Austrália, quando as escolas atuaram como agentes de substituição linguística (CLYNE, 1991). Nesse período, as crianças foram desencorajadas a usar a língua de seus respectivos grupos étnicos. Além disso, raramente havia oportunidade de aprendê-las formalmente.

Atualmente, esta política repressiva encontra resistência, principalmente após a criação do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL) pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), oficializado por meio do Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Em 09 de setembro de 2014, o IPHAN aprovou a inclusão do *taliàn* no INDL. A partir de então, o *taliàn* passou a ser reconhecido como referência cultural brasileira pelo IPHAN e, como tal, deve ser preservado.

Em Santa Teresa, no entanto, apesar de a maioria dos antepassados dos falantes serem dialetófonos, isto é, falantes de dialetos, a Lei Municipal nº 1.815/2007 oficializou a obrigatoriedade do ensino do italiano *standard* no município. Hoje, esta língua é ensinada em todas as turmas de ensino fundamental da localidade. Além disso, outras iniciativas reforçam o ensino do italiano padrão, como é o caso de cursos de italiano para adultos oferecidos pelo Pólo Universidade Aberta do Brasil (UAB), em parceria com o Círculo Trentino.

6.4.5 O domínio comércio e instituições públicas

Nesta seção, serão analisados os resultados obtidos sobre o uso do dialeto italiano em órgãos públicos, como bancos, cartórios, prefeituras, fóruns etc.; no comércio de Santa Teresa, pelos funcionários ou atendentes de bares, vendas, supermercados, lojas, padarias, restaurantes etc.; e o uso do dialeto pelos meios de comunicação. Seguem, abaixo, os resultados de cada domínio:

i) Instituições públicas

Nas instituições públicas de Santa Teresa, o uso do português é claramente dominante. De acordo com os 146 (100%) entrevistados, somente a língua portuguesa é utilizada nos órgãos públicos e oficiais do município. Segundo os informantes mais idosos, essa situação também era observada no passado.

Vários deles relataram que seus antepassados tiveram seus nomes e sobrenomes mudados ou "aportuguesados" devido à dificuldade de comunicação entre os imigrantes e os funcionários de cartórios, já que eles não falavam a mesma língua. Era assim que o "gn" era mudado para "nh"; o duplo "t" passava a ser escrito com um só "t", e assim por diante.

Esses dados demonstram que, no município de Santa Teresa, o domínio instituições públicas sempre favoreceu o uso da língua portuguesa em detrimento da língua minoritária.

ii) Comércio

Quando se perguntou aos informantes das zonas rural e urbana se o dialeto italiano é atualmente utilizado em lojas, vendas, bares, restaurantes, supermercados, enfim, no comércio do município, 100% dos entrevistados afirmaram que o dialeto nunca é usado nesses locais.

Com relação ao seu uso no comércio, na época da infância, muitos informantes não souberam responder, pois, segundo eles, as compras eram sempre realizadas pelos pais, como pode ser conferido no relato do Informante ST11: "Isso aí eu já num saberia te responder direito [...]. Menino, naquela época, não era dono de comprar as coisas, só o pai comprava". Além disso, a presença de estabelecimentos comerciais era mais forte na zona urbana. Basta recordar o capítulo 5, em que alguns informantes relataram que seus pais, percorriam longas distâncias para fazer compras, na zona urbana do município.

No entanto, dois informantes da zona urbana afirmaram que existia o uso do dialeto no comércio local:

Informante ST26: "Era na venda do COD5, ele sempre tinha um balconista italiano [...]. Tinha o COD6, que falava italiano, o COD7, que falava pomerano e o COD8, que falava português [...]. Isso foi nos anos 50, 60 [...]. No comércio era assim, era lei, tinha que ter balconista que falasse as três línguas" (72 anos, residente na zona urbana).

Informante ST25: "Na rua, com as autoridades, eles só falavam em português [...] mas eu lembro que na venda do meu pai, aqueles clientes mais antigo, só falavam italiano" (94 anos, residente na zona urbana).

Constata-se, então, que, em Santa Teresa, o uso do dialeto italiano no comércio foi restrito às primeiras gerações. Esses resultados vão ao encontro dos obtidos por Bettoni e Rubino (1966) e Clyne e Kipp (1999), que demonstraram que a língua étnica no *comércio* foi utilizada, principalmente, entre os indivíduos da primeira geração de imigrantes.

6.4.6 O domínio meios de comunicação

De acordo com 100% dos entrevistados, no município não existe a transmissão de programas de rádio ou de televisão, nem livros, revistas, jornais e outros materiais impressos na língua minoritária. Por sua vez, todos os informantes que participaram deste estudo têm aparelho de televisão e afirmaram sempre assistir aos programas em língua portuguesa.

Para acessar os programas de TV, os moradores usam antenas comuns, sendo que muitos deles possuem antenas parabólicas. De acordo com os entrevistados, estas antenas começaram a se expandir no meio rural teresense na década de 1990. Antes disso, conforme afirma o Informante ST10:

"[,,] se num tiver a parabólica num pega os canal... quando dá uma chuva mais forte, a televisão fica fora do ar muitos dias. Sem

a parabólica num vê nada... Ainda com a parabólica tem poucos canal, né? Mas pelo menos a Globo, o canal da igreja, pega bem" (ST10, 77 anos, residente na zona rural).

A influência da televisão é marcante entre os informantes. Os programas usualmente assistidos por eles são as novelas e os telejornais da noite. Alguns mencionaram um programa de reprises de novelas exibido na televisão no período da tarde⁸⁶. Observa-se que as telenovelas são muito populares entre os entrevistados de todas as faixas etárias, mas, principalmente, entre os mais jovens. Os informantes mais idosos têm a percepção de que os jovens de hoje assistem aos programas por mais tempo do que no passado, como pode ser observado no seguinte relato:

Informante ST52: "naquela época, minha filha, num tinha essas coisa de menino ficar vendo televisão até tarde, igual que tem hoje. Depois do jornal todo mundo ia pra cama. Hoje, eles fica na televisão até 10,11 hora da noite" (ST52,71 anos, residente na zona rural).

Os informantes mais idosos acreditam que as novelas têm influenciado muito o comportamento dos jovens da localidade. Elas ajudam a justificar as mudanças de costumes, como o de "ficar", que atingiram os jovens da região, conforme observado pela Informante ST15:

"Na minha época, num tinham essas coisa de "ficar", que nem eles fala agora. A gente namorava em casa, sentado no sofá, o pai de um lado, a mãe do outro... Hoje, tudo que eles vê nas novela, na Malhação, eles quer fazer. Quer vestir igual eles, fazer igual eles... Naquela época, as novela era diferente. Era mais pras famílias mesmo. Hoje, eles mostra muita coisa errada, né? Muita safadeza, agarração, marido traindo a

⁸⁶ Os programas exibidos pela Rede Globo são os mais assistidos pelos informantes da localidade. A emissora, segundo os entrevistados, é a que possui melhor qualidade de transmissão; talvez por isso esteja entre as mais vistas.

mulher, filho usando droga, xingando o pai...Os mais novo vê e quer fazer igual” (ST15, 81 anos, residente na zona rural).

Entre os idosos, é muito comum o hábito de assistir a canais religiosos, como a Canção Nova e a Rede Vida, para assistir a missas, pregações e fazer as novenas da televisão. Durante as entrevistas, foi muito comum, ao chegar na casa de alguns idosos, encontrá-los assistindo a algum programa religioso.

Segundo o informante ST20, residente na zona rural do município, o primeiro contato de sua família com os meios de comunicação em língua portuguesa teve início na época da Segunda Guerra Mundial, quando seu irmão mais velho foi convocado para a guerra e seus pais, através da rádio do vizinho, acompanhavam as notícias. Percebe-se, a partir dos relatos dos entrevistados, que a chegada da energia elétrica e dos meios de comunicação de massa, principalmente do rádio e da TV em língua portuguesa, facilitaram a penetração da língua majoritária em domínios antes exclusivos da língua minoritária, como o âmbito doméstico:

Informante ST45: "Era sagrado: chegava da roça, jantava e ia vê a novela... Tinha a novela das 6, que começava às 6 horas, né? Num tinha a Malhação, essas outras coisa que tem hoje. Depois, era a novela das 7 e o jornal [...] Depois do jornal, a maioria ia dormir. Alguns mais novo ficava pra assistir a novela das 8 " (ST45, 85 anos, residente na zona rural).

Os pais dos informantes mais jovens, da zona urbana de Santa Teresa, acreditam que seus filhos passam muito mais tempo assistindo à televisão e usando a internet do que as crianças e jovens da zona rural:

Informante ST92: "eu tiro pelo meu filho: quando nós vamos lá pra roça, na casa dos meus pais, ele passa o dia inteiro subindo

em árvore, correndo, brincando com os bichos, com os primos que moram lá, e nem pensa em televisão e computador. Mas aqui, em Santa Teresa, não tem como ele fazer essas coisas. Ele não pode ir para a rua brincar, porque passa carro toda hora, é perigoso. Então, ele acaba ficando muito preso em casa, vendo televisão, jogando video game, na internet, essas coisas [...] É uma vida diferente da dos meus sobrinhos que moram lá na roça" (ST42, 38 anos, residente na zona urbana).

Em relação à internet, verifica-se que o seu uso é mais restrito aos moradores da zona urbana. Poucos informantes da zona rural afirmaram possuir internet em casa⁸⁷. Além disso, observa-se que quem mais utiliza a internet em casa são os filhos. Nenhum informante mencionou usar a internet para acessar sites no dialeto italiano. Em relação ao uso da internet no italiano *standard*, 3 informantes da faixa etária de 31-60 anos da zona urbana afirmaram que "às vezes" usam. Desses informantes, dois já residiram na Itália e o outro nunca residiu no exterior, mas já estudou a língua na escola.

Dos informantes da faixa etária de 08-30 anos, todos afirmaram nunca acessar sites em italiano padrão pela internet. No entanto, todos os jovens da faixa etária de 08-30 anos da zona urbana afirmaram passar mais tempo na internet do que vendo TV: "eu quase não vejo televisão, eu fico mais na internet. Quando eu estou em casa, eu fico o dia inteiro na internet. Meus colegas também ficam, aí a gente acaba se encontrando no *WhatsApp*, no *Facebook*" (ST102). Ademais, muitos jovens da zona urbana afirmaram possuir um *smartphone*, o que facilitaria o acesso desses informantes à internet.

Por outro lado, no município, é possível visualizar o italiano *standard* em diversas placas, em nomes de restaurantes, de padarias etc., expostos pela cidade, como *Osteria alla botte*, *Panetteria di Trento* etc. No entanto, não existem indícios da grafia do dialeto italiano nesses locais. Mesmo as propagandas e panfletos de festas tradicionais italianas, como a Festa do Imigrante Italiano e a Festa do Vinho, são escritas, quando não em português,

⁸⁷ Durante a pesquisa, pôde ser observado que a zona rural do município não conta com uma boa cobertura de internet 3G nem de telefonia móvel.

em italiano *standard* — como parte dos dizeres: "*139 anni dell'immigrazione italiana em Santa Teresa*", escrito nos cartazes comemorativos da Festa do Imigrante Italiano.

Em resumo, fica evidente, diante do exposto, que os meios de comunicação facilitaram a penetração da língua portuguesa no domínio doméstico, contribuindo, deste modo, para a sua expansão e, em seguida, para a substituição do dialeto italiano, da mesma forma que havia sido observado por Hill e Hill (1977), em seu estudo sobre a substituição do nahuatl pelo espanhol, no México. Por outro lado, diversos estudos recentes constataram a difusão do uso de línguas minoritárias na internet, principalmente entre as gerações mais jovens (LAMBERT, 2008; RUBINO, 2009, CLYNE e KIPP, 2006; etc.). Em Santa Teresa, observa-se justamente o contrário: o elevado uso das novas tecnologias de comunicação vem contribuindo para o aumento da difusão da língua portuguesa e do italiano *standard* entre os informantes das faixas etárias mais jovens, especialmente os da zona urbana do município.

6.4.7 O domínio religião

Todos os informantes se declaram católicos. Quando questionados sobre o uso do dialeto italiano em celebrações religiosas na localidade, 100% deles disseram que o dialeto nunca é usado, e sim o português. A única exceção, mencionada por todos os informantes, é uma missa celebrada em italiano *standard*, que acontece ocasionalmente, geralmente uma vez no ano.

Em relação ao uso do dialeto italiano no passado, os entrevistados disseram que a língua usada pelos sacerdotes durante as celebrações era o latim. Nas catequeses, era sempre usado o português. Essa informação também foi confirmado por um sacerdote católico da comunidade, que é originário da zona rural de Santa Teresa e já viveu alguns anos na Itália. Segundo esse informante, somente os primeiros padres que chegaram a Santa Teresa, no período de 1876 a 1899 — os padres Diocesanos —, é que eram do norte da Itália, assim como os imigrantes que foram para esse município, e, por isso, conheciam o mesmo dialeto. No entanto, os que chegaram a partir de 1899

eram originários do sul da Itália, da região da Sicília, e desconheciam o dialeto que era falado em Santa Teresa, como pode ser verificado nos trechos da entrevista a seguir:

Entrevistadora: "Os padres daquela época eram italianos ou brasileiros?"

Sacerdote⁸⁸: "Todos italianos. De 1876 a 1899 vieram os padres Diocesanos, esses eram do norte da Itália, como o padre COD4. A partir de 1899 vieram os Frades Capuchinhos — que eram sicilianos e não falavam o dialeto do norte da Itália. Eles nem entendiam o dialeto que os imigrantes daqui falavam, era como alemão para eles".

Entrevistadora: "Que língua esses padres usavam para se comunicar com a população? "

Sacerdote: "Português".

Entrevistadora: Mas os padres italianos conheciam o português?

Sacerdote: "Eles vinham da Itália e ficavam no Rio de Janeiro, onde tinham as primeiras noções do português. Eles também escreviam antes o que iriam falar no culto. Eu já vi várias coisas escritas deles em português. Talvez, eles pudessem até se comunicar com alguns em italiano, visto que muitos dos imigrantes sabiam o italiano ou entendiam. Mas não o dialeto, porque eles não conheciam o dialeto que era falado aqui".

Ainda segundo o sacerdote:

"Dizer que os frades faziam missa em dialeto seria uma inverdade histórica, porque eles eram sicilianos⁸⁹. A língua oficial da Igreja era o latim... Inclusive, teve uma determinação do bispo, no início de 1900, dizendo que a catequese deveria ser em português.

⁸⁸ Este informante, apesar de ser de origem italiana, nascido e residente em Santa Teresa, não foi contabilizado entre os 146 informantes pelo fato de ter residido muitos anos de sua vida fora de Santa Teresa, inclusive na Itália. Por isso, não recebe o código "Informante ST", como os demais.

⁸⁹ Resposta dada em referência à pergunta: "As missas eram celebradas em dialeto?".

Proibia o uso do italiano. Isto está registrado no Livro do Tombo".⁹⁰

Nesse excerto de entrevista, apesar de sua ressalva de que os padres eram italianos, o sacerdote afirma que eles tinham um certo conhecimento do português, pois era a língua que eles aprendiam antes de serem inseridos na comunidade. Além disso, como mencionado no Capítulo II, a Itália era constituída linguisticamente por diferentes dialetos, o que dificultava a comunicação entre indivíduos de diferentes regiões do país. Esses fatores podem também ter contribuído para a não utilização do dialeto do norte da Itália no domínio *religião* em Santa Teresa.

Diversos estudos mostram que o uso da língua de imigração durante as celebrações e outros serviços prestados pela Igreja, como a catequese, por exemplo, favorece a manutenção da língua materna (KLOSS, 1966; HYLSTENSTAM; STROUD, 1991; GARNER, 1988; etc.). Os resultados obtidos em Santa Teresa apontam que o domínio *religião* atuou como um fator favorecedor do processo de substituição do uso do dialeto italiano para o português. E, dada a religiosidade dos imigrantes, isso foi essencial para a substituição linguística.

Associado a isso, tem-se o fato de a religião do grupo minoritário ser a mesma do grupo majoritário. Estudos desenvolvidos por Garner (1988) e Rubino (2007) já apontaram que, quando a religião do grupo minoritário é diferente da do grupo majoritário, as instituições religiosas passam a exercer efeito fundamental no processo de manutenção da língua. Assim, pode-se afirmar que, em Santa Teresa, o fato de a religião do grupo italiano ser a mesma da do grupo majoritário foi outro fator favorecedor da substituição linguística dentro do domínio *religião*.

⁹⁰A entrevistadora também teve acesso a este documento, onde constam registros da Igreja Católica referentes àquela época.

6.5 Uso do dialeto italiano nas funções internas

As funções internas relacionam-se aos usos não comunicativos da língua, como quando o bilíngue concentra a fala em si próprio para rezar, xingar, blasfemar, sonhar, calcular etc. (MACKEY, 1972). Em Santa Teresa, somente alguns falantes da faixa etária acima de 60 anos declararam usar o dialeto italiano para realizar essas funções. Os informantes das outras faixas etárias afirmam utilizar o português para realizar essas funções e, por isso, não aparecem na tabela 14.

Tabela 14. Uso do dialeto italiano nas funções internas na atualidade

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Funções	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	Sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
+60 anos								
sonhar	3	8	25	36	8,3%	22,2%	69,5%	100%
rezar	3	3	30	36	8,3%	8,3%	83,4%	100%
pensar	6	11	19	36	16,7%	30,5%	52,8%	100%
fazer contas	4	4	28	36	11,1%	11,1%	77,8%	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Funções	Número de ocorrências			Total	% de ocorrências			TOTAL
	sempre	Às vezes	Nunca		Sempre	Às vezes	Nunca	
+60 anos								
sonhar	1	2	20	23	4,3%	8,7%	87%	100%
rezar	0	1	22	23	0	4,3%	95,7%	100%
pensar	2	1	20	23	8,7%	4,3%	87%	100%
fazer contas	1	1	20	23	4,3%	4,3%	91,4%	100%

As atividades de sonhar, rezar, fazer contas e pensar tendem a revelar qual seja a língua dominante de um falante bilíngue (MACKEY, 1972). Pelos dados apresentados na tabela 14, pode ser inferido que a língua dominante de nossos informantes bilíngues é, sem dúvidas, o português. Os resultados revelam que as atividades em que os informantes menos empregam o dialeto são, na seguinte ordem: rezar (16,6% da zona rural e 4,3% da zona urbana) e fazer

contas (22,2% da zona rural e 8,6% da zona urbana)⁹¹. Isto poderia ser explicado pelo fato de que essas atividades receberam influência direta do contato com a língua portuguesa, seja através da educação escolar, no caso de contar, ou da catequese em língua portuguesa, no caso de rezar.

Os entrevistados da faixa etária de 08-30 anos e de 31-60 anos declararam usar o português para todas essas atividades. No entanto, alguns informantes dessa faixa etária, apesar de admitirem não falar o dialeto italiano, disseram usar a língua de imigração para *bestemmiare*^{92,93}, como pode ser conferido na tabela 15.

Tabela 15. Uso do dialeto italiano para *bestemmiare*

ZONA RURAL								
Faixa Etária/ Funções	número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	sempre	às vezes	nunca		sempre	às vezes	nunca	
08-30 anos								
<i>bestemmiare</i>	3	2	3	8	37,5%	25%	37,5%	100%
31-60 anos								
<i>bestemmiare</i>	5	4	0	9	55,6%	44,4%	0	100%
+60 anos								
<i>bestemmiare</i>	14	4	0	18	77,8%	22,2%	0	100%
ZONA URBANA								
Faixa Etária/ Funções	número de ocorrências			TOTAL	% de ocorrências			TOTAL
	sempre	às vezes	nunca		sempre	às vezes	nunca	
+60 anos								
<i>bestemmiare</i>	2	3	1	6	33,3%	50%	16,7%	100%

Verifica-se, pela tabela 15, um percentual significativo de uso do dialeto italiano para *bestemmiare*. Sobre isso, poder-se-ia pensar na observação de Mackey (1972), que afirma que o indivíduo recorre à língua materna ou dominante em situações em que se encontra em um estado emocional alterado, como em

⁹¹ Esses resultados se referem à soma das colunas “sempre” e “às vezes”.

⁹² Tradução: blasfemar.

⁹³ A palavra *bestemmiare* pode ser definida como o ato de proferir uma expressão agressiva para com alguma divindade, em resposta a um acontecimento desagradável. Como exemplos de *bestemmia* usados pelos informantes de Santa Teresa, podem-se citar: “Porco Dio”, “Porca Madona”, “Dio can” etc.

uma situação de raiva, por exemplo. No entanto, o uso do dialeto italiano para xingar e blasfemar pelos entrevistados da faixa etária de 08-30 anos não entraria nessa justificativa, visto que todos eles declararam não falar o dialeto.

Por outro lado, no momento da coleta de dados no norte da Itália — localidade de origem dos antepassados dos entrevistados teresenses — pôde-se observar que alguns informantes italianos, principalmente os do sexo masculino, idosos e habitantes da zona rural, fizeram muito uso da *bestemmia* durante a entrevista, principalmente quando ficavam nervosos por não conseguir recordar o nome de alguma palavra no seu dialeto.

O mesmo aconteceu com vários entrevistados teresenses. Recordando o que foi apresentado no Capítulo 5, os aspectos culturais do norte da Itália, como canções, a culinária e os costumes, são características ainda preservadas pelos moradores de Santa Teresa. Assim, pode-se pensar que o uso da *bestemmia*, nesta situação, poderia caracterizar muito mais um fenômeno de identificação com a cultura de origem do que de manutenção linguística.

No geral, percebe-se entre os falantes mais jovens a presença de um sentimento de identificação com o dialeto italiano, atitude esta que favorece, possivelmente, o uso do dialeto nas situações observadas anteriormente ou pelo menos garante a manutenção de certas expressões dialetais. Isto pode ser comprovado por meio do relato do informante ST113, residente na zona rural de Santa Teresa. Segundo o informante, o fato de ele conhecer algumas palavrinhas em dialeto o aproxima dos membros mais idosos da comunidade:

Informante ST113: “Inclusive, eles gosta muito de mim porque eu falo algumas palavrinha em italiano... Algumas palavra assim, tipo *buonasera*, *porco Dio*, essas coisa assim eu sei. Agora, se for pra bater um papo aqui com você em italiano eu não consigo”(ST113, 22 anos, residente na zona rural).

Nota-se, através do excerto, que o uso do dialeto italiano constitui um aspecto importante para a aproximação desse informante com o grupo italiano mais

velho. Neste caso, percebe-se que, para algumas pessoas, o uso da língua minoritária se torna um traço importante de identificação com o grupo.

6.6 As atitudes linguísticas dos falantes em relação ao dialeto italiano

Nesta seção, será apresentada a análise das atitudes linguísticas dos falantes em relação ao uso do dialeto italiano, durante a infância e na atualidade. Também serão apresentadas as atitudes linguísticas dos mais jovens em relação ao dialeto italiano e ao italiano *standard*, que atualmente é ensinado nas escolas do Ensino Fundamental do município.

A análise das atitudes linguísticas em relação ao italiano *standard* abstém-se nas faixas etárias de 31-60 e acima de 60 anos, devido ao fato de as diferenças entre a forma *standard* e o dialeto serem desconhecidas por vários informantes, sobretudo os residentes da zona rural do município, como já mencionado anteriormente.

6.6.1. Atitudes em relação uso do dialeto no passado

Em relação ao uso do dialeto no passado, percebe-se, por meio de alguns relatos, que muitas famílias incentivavam seus filhos a substituírem o dialeto pelo português ou, em alguns casos, até mesmo proibiam os filhos de usarem a língua ancestral.

Segundo a informante ST03, as famílias mais ricas da localidade não transmitiam o dialeto para os filhos. Ao relatar o caso de uma família de origem italiana de Santa Teresa, identificada pelo código COD12, a informante diz:

Informante ST03: “Da família COD12 só falava italiano os velhos que vieram da Itália, mas eles não ensinaram pros filhos. Eu conheci as meninas, mas elas num falavam italiano”.

Entrevistadora: E por que eles não ensinaram para os filhos?

Informante ST03: “Ah, eles queriam coisa chique, queriam ir pra frente, não queria ficar ali naquela roça...Pra crescer tinha que falar o português. Só falava italiano os velho e os da roça mesmo, os que queria ir pra frente tinha que falar a língua daqui (...) Eles era uma família rica, grandes comerciantes, depois muitos foram pra Vitória” (ST03, 83 anos, residente na zona rural).

Por meio do relato da informante, é possível perceber que o uso de frases e expressões que demonstram desprestígio e preconceito em relação ao uso do dialeto, como *só falava italiano os velho e os da roça; pra crescer tinha que falar o português; eles queriam coisa chique; queriam ir pra frente*, remetem a uma atitude do passado. É possível perceber que a ascensão econômica de alguns membros do grupo italiano levou à estigmatização do dialeto, que passou a ser visto como “língua da roça” e a ser associado a pessoas de baixa escolaridade e pouca condição econômica, o que contribuiu negativamente para a sua transmissão às futuras gerações. Situação semelhante foi verificada por Gal (1979), em seu estudo sobre a situação sociolinguística da comunidade húngara de Oberwart, na Áustria. Gal observou que o crescimento econômico do grupo húngaro os colocou em contato com oportunidades de trabalho que necessitavam do uso do alemão, que passou a ser visto como uma necessidade. Assim, o uso da língua húngara passou a ser visto como um impedimento para o progresso econômico e social dos indivíduos. Além disso, com a diminuição do *status*, o húngaro passou a ser visto como língua de camponeses.

Em relação à proibição do uso do dialeto pelos pais, o informante ST07 afirma: “Eles num gostava nem que a gente falasse com os outros meninos que não falava português [...] eles mandavam nós pro lugar onde ninguém falava italiano, pra gente aprender direitinho a palavra certa”. Como pode ser observado no relato de ST07, a proibição do uso do dialeto pelos pais era um reflexo do desejo destes de verem seus filhos assimilando a cultura brasileira, para que pudessem, assim, prosperar economicamente. Esta constatação é confirmada pelo mesmo informante em outro trecho da entrevista: “eles queria que a gente tivesse uma vida melhor que a deles, pra isso tinha que estudar e

aprender o português, senão ia ter que trabalhar na roça” (ST07, 80 anos, residente na zona rural). Situação semelhante foi observada por Grosjean (1982) entre famílias imigrantes que se transferem para os Estados Unidos por razões econômicas. Segundo este autor, muitas famílias de imigrantes querem que seus filhos se adaptem e assimilem o mais rápido possível a cultura americana, não reforçando, por isso, a língua de origem ou até mesmo proibindo-a.

6.6.2 Atitudes em relação ao uso do dialeto na atualidade

Por meio dos relatos obtidos, é possível verificar atitudes positivas dos informantes em relação ao dialeto italiano:

Informante ST01: “Eu saio na rua e cumprimento o pessoal em italiano, e isso é bom. Nós temos que homenagear os nossos antepassados que vieram, desbravaram isso aqui, prepararam esse ambiente e lutaram para sobreviver e tal. Nós temos que render essa homenagem a eles, não podemos esquecer disso, é a nossa história” (ST01, 80 anos, residente na zona urbana).

Informante ST20: “Aquela menina ali, ela é minha neta. Ela de vez em quando ela fala italiano [...] de noite, antes de dormir, ela vai lá dentro e me dá um beijo e depois ela diz: *buonanotte nono*”.

Entrevistadora: Em italiano?

Informante ST20: “Em italiano [...] eu fico contente em ver que eles conservam a língua, a tradição” (ST20, 79 anos, residente na zona rural).

Informante ST88: “Eu e a mamãe nós conversa mais em italiano, mesmo [...] Eu gosto de falar italiano. A mamãe também gosta. Aquela minha vizinha ali, que você estava ali na casa dela, nós conversa só em italiano com ela também (ST88, 44 anos, residente na zona rural).

Alguns informantes, inclusive, demonstram insatisfação com o fato de outros membros da localidade se recusarem a usar o dialeto italiano, o que pode ser comprovado no depoimento de ST41, ao referir-se a um conhecido que reside em Santa Teresa: “...Velho besta! Ele sabe falar e finge que num sabe. Ele sempre faz isso. Às vezes ele encontra a gente no meio da rua e num dá um *buonasera*” (ST41, 79 anos, residente na zona urbana).

Quando a entrevistadora relatou à informante ST06 que outra informante havia dito saber falar *pouco* o dialeto, a informante ST06 demonstrou indignação: “Como num fala? É italiana ela também. Filha de italiano lá da roça ela ... ma, é metida mesmo!” A informante, que afirma ter orgulho de suas origens italianas, completa: “*Mi son taliana, mi parlo taliàn, la nona disea*⁹⁴. Eu sou italiana e falo italiano, se alguém quiser ficar com raiva, pode ficar ... Vê se eu vou ter vergonha de falar italiano” (ST06, 81 anos, residente na zona urbana).

Quando questionado aos informantes: *Hoje, aqui em Santa Teresa, você sente que existe algum preconceito com quem fala italiano?* Todos os informantes disseram que não. Percebe-se que o preconceito em relação ao uso do dialeto italiano, que existiu na infância dos informantes, hoje parece ter se modificado, fato que pode ser conferido nos seguintes depoimentos:

Informante ST34: “Você vê os alemão, eles falam tudo na língua deles. Até os pequeno lá fala. Agora nós, de origem italiana, só os mais velho que fala. Os filho nem fala mais”.

Entrevistadora: Mas por que os jovens de origem italiana não falam italiano? O senhor acha que eles têm preconceito com quem fala?

Informante ST34: “Não acho que eles têm preconceito, não. É porque eles não aprenderam a falar de pequeno. Não foi ensinado”.

Entrevistadora: Mas por que não foi ensinado?

Informante ST34: “Naquela época era diferente, os italianos danaram a falar o brasileiro, ia pra escola e aprendia. Não podia

⁹⁴ “Eu sou italiana, eu falo italiano, a vovó dizia”.

falar o italiano igual hoje [...] Agora é diferente, né? Tem mais aceitação” (ST34, 84 anos, residente na zona rural).

Informante ST47: “Eu gosto de falar italiano, mas eu não tenho nem oportunidade né? Aqui todo mundo fala português [...] Naquela época nós sabia falar, mas não podia. Hoje em dia todo mundo quer falar, mas tem pouca gente que fala” (ST47, 81 anos, residente na zona urbana).

Informante ST88: “[...] eu acho que se tivesse mais gente para falar italiano, nós nem falava o português” (ST88, 44 anos, residente na zona rural).

Por meio dos relatos acima, é possível perceber o uso de frases que demonstram o prestígio e aceitação do uso do dialeto na atualidade, como: *i) hoje em dia todo mundo quer falar; ii) se tivesse mais gente pra falar, nós nem falava português; iii) agora é diferente, né? Tem mais aceitação.*

Esse sentimento positivo em relação à língua de imigração pode ser percebido também entre a geração mais jovem, que não fala o dialeto. Quando questionados se gostariam de saber falar a língua dos antepassados, verificou-se que todos os 44 informantes da faixa etária entre 08-30 anos responderam que gostariam de falar o dialeto italiano, como pode ser conferido na tabela 16.

Tabela 16. Atitudes dos jovens em relação ao dialeto italiano

Você gostaria de saber falar dialeto italiano?						
INFORMANTES	Número de ocorrências		TOTAL	% de ocorrências		TOTAL
	Sim	Não		Sim	Não	
ZONA RURAL						
08-30 anos	24	0	24	100%	0	100%
ZONA URBANA						
08-30 anos	20	0	20	100%	0	100%
TOTAL	44	0	44	100%	0	100%

O interesse da geração mais jovem pela manutenção do dialeto italiano em Santa Teresa fica ainda evidente por meio da tabela 17, a seguir:

Tabela 17. Atitudes dos jovens em relação ao ensino do italiano *standard* e do dialeto nas escolas

Qual italiano deveria ser ensinado nas escolas?						
INFORMANTES	Número de ocorrências		TOTAL	% de ocorrências		TOTAL
	Dialeto	<i>Standard</i>		Dialeto	<i>Standard</i>	
ZONA RURAL						
08-30 anos	24	0	24	100%	0	100%
ZONA URBANA						
08-30 anos	20	0	20	100%	0	100%
TOTAL	44	0	44	100%	0	100%

Quando questionado aos informantes da faixa etária entre 08-30 anos⁹⁵: “Na sua opinião, qual italiano deveria ser ensinado nas escolas?”, e apresentadas as opções de resposta: “dialeto italiano/taliàn⁹⁶ ou italiano padrão”, 100% dos informantes disseram achar que o dialeto italiano deveria ser ensinado nas escolas de Santa Teresa, no lugar do do italiano padrão, como acontece atualmente.

Entre as justificativas apresentadas pelos informantes para a preferência pelo ensino do dialeto, está o fato de o primeiro ser ainda falado por familiares, pais ou avós da maioria dos informantes, como demonstra ST120 (14 anos, residente na zona urbana): “Eu acho que deveria ser ensinado o dialeto, porque os nossos avós, eles falam dialeto, não italiano [...]”. A mesma opinião é compartilhada por ST126: “Eu acho que tinha que ensinar o dialeto [...], o italiano que a gente estuda aqui é diferente do italiano que a minha avó fala” (ST126, 12 anos, residente na zona rural).

⁹⁵ A análise não foi realizada com os informantes das outras faixas etárias, devido ao fato de muitos desconherem a existência do italiano *standard*, conforme apresentado na seção 4.2.

⁹⁶ Conforme foi explicitado no capítulo metodológico, a primeira pergunta feita aos informantes foi “como se chama o italiano que é falado aqui em Santa Teresa?” A partir da resposta dada pelo informante, a pesquisadora buscou referir-se sempre à língua de imigração pelo mesmo nome que havia dado o informante.

Apesar de a variedade padrão — *standard* — de uma língua ser geralmente considerada superior e gozar de maior prestígio social do que as não padrão (LABOV,1966; FISHMAN,1972; MILROY, 1985), observa-se, no grupo de Santa Teresa, atitudes positivas em relação à língua minoritária. Dessa forma, seria importante, então, questionar se o ensino do italiano *standard* em Santa Teresa não estaria contribuindo para o desprestígio do dialeto a médio ou a longo prazo.

6.6.3. Atitudes em relação à Itália e à cultura italiana

Em relação à situação dos antepassados na Itália, os informantes sempre fazem uso de palavras negativas, como *sufrimento, fome, miséria, necessidade* etc., como pode ser conferido no relato de ST06: “Da Itália eles só contavam coisa triste, que eles vieram fugindo de lá. Que tava morrendo de fome e vieram pra cá e nem sabia pra onde ia, pra onde ia chegar, e cada qual foi pra um lugar” (ST06, 81 anos, residente na zona urbana). O informante ST09 confirma: “Olha, eu lembro que meu avô contava que quando eles vieram da Itália era tão difícil, tão difícil [...] lá eles passavam muita necessidade, era muita miséria [...] tinha vez que eles tinha só um prato de polenta pra dividir com a família inteira” (ST09, 74 anos, residente na zona rural).

Por meio dos relatos das faixas etárias acima de 60 e de 31-60 anos, é possível perceber que, atualmente, os informantes fazem uso de palavras e expressões positivas para se referir à Itália, como na entrevista de ST16 (87 anos, residente na zona urbana): “Naquele tempo era diferente, hoje a Itália é desenvolvida, tem indústria [...]”, o que ST25 confirma: “Hoje lá é outra situação, é tudo bonito, muito organizado”(ST25, 94 anos, residente na zona urbana). Para ST48 (43 anos, residente na zona rural): “Quando eu penso na Itália, só vem coisa bonita na cabeça: vinho, *magnar la polenta* [...] meu sonho é um dia ir na Itália, conhecer de onde vieram meus antepassados”.

Com relação aos informantes da faixa etária entre 08-30 anos, a situação não é diferente. Por meio do gráfico 1, pode-se depreender a existência de uma visão positiva da Itália no imaginário dos jovens teresenses.

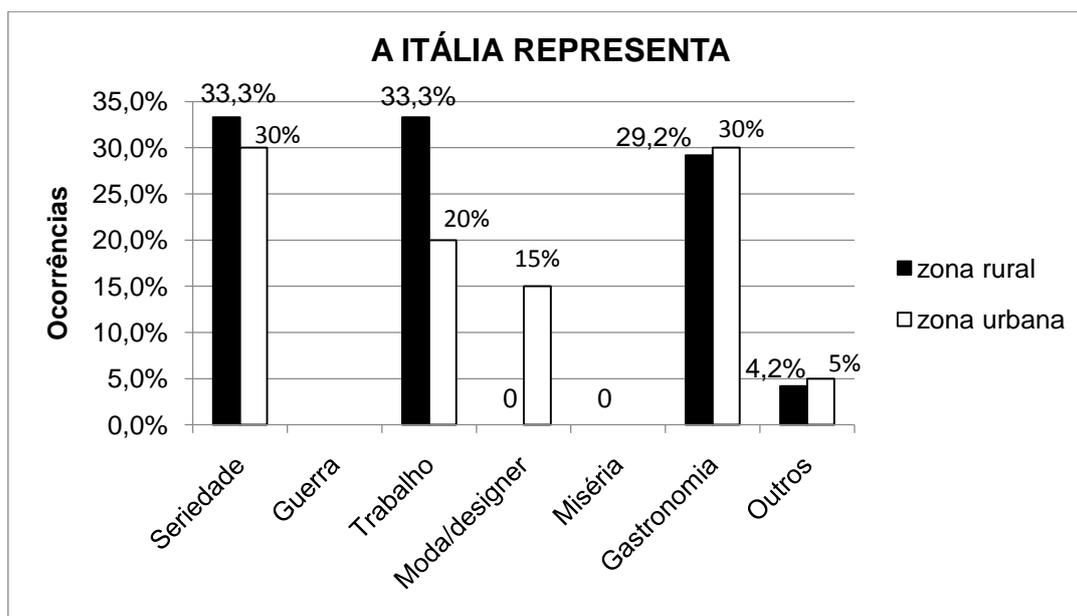


Gráfico 1 - O que os jovens de Santa Teresa pensam sobre a Itália

Foi perguntado aos jovens de Santa Teresa: “O que vem à sua mente quando você pensa na Itália?” Como opções de resposta, havia: “miséria, alimentação, seriedade, guerra, moda e carros, trabalho e outros” (cf. Apêndice C).

Como pode ser observado no gráfico 1, entre os jovens da zona urbana, a Itália remete a: *seriedade* (30%), *gastronomia* (30%), *trabalho* (20%), *moda/designer* (15%) e *outros* (5%). Para os da zona rural, a Itália representa primeiramente *seriedade* (33,3%) e *trabalho* (33,3%) e, em seguida, *gastronomia* (29,2%). Os restantes 4,2% classificados como *outros* referem-se a *ópera* e *artes* — sugestões dadas pelos próprios entrevistados. Vocábulos negativos como *guerra*, *miséria* etc. não foram mencionados pelos informantes.

A partir da análise das respostas dadas, é possível perceber que os informantes de todas as faixas etárias possuem uma imagem positiva da Itália, terra de origem de seus antepassados. Esses resultados encontram eco em observações feitas por Bettoni (2013) sobre o uso do italiano como língua de imigração em países como Estados Unidos e Austrália. Segundo a autora, a atual imagem positiva da Itália no exterior vem contribuindo com as tentativas de retorno às origens por parte de descendentes de italianos em diversas

partes do mundo — manifestações estas que se refletem em uma valorização da língua e da cultura italiana.

Pelos resultados apresentados, viu-se que, em Santa Teresa, a ligação afetiva com a Itália parece ser reforçada por uma visão positiva deste país. Coerentemente, essa dupla ligação afetiva e cultural, associada à imagem positiva da Itália no exterior, faz com que os descendentes queiram preservar e transmitir a língua de seus antepassados. Resta, assim, trabalhar-se em prol da valorização dessa língua minoritária, para a sua preservação entre os indivíduos mais jovens de Santa Teresa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu contribuir com os estudos que vem sendo realizados no Espírito Santo, no Brasil, e em diversas partes do mundo⁹⁷, sobre a língua falada pelos descendentes de imigrantes italianos. Ao fim desta análise, de abordagem sociolinguística, foi possível formular algumas conclusões.

Primeiramente, com respeito à manutenção da língua minoritária e os diferentes domínios, verifica-se que:

- a) esse uso, de modo geral, ocorre mais entre os amigos do que entre os vizinhos. Assim, pode-se pensar no que afirma Smolicz (1999) sobre a influência exercida pela rede de amigos dos falantes no uso da língua. Em Santa Teresa, constatou-se que, após o núcleo familiar, os amigos são os que mais exercem influência para o uso do dialeto;
- b) a escola é um fator altamente favorecedor da substituição linguística do dialeto italiano pelo português, no município de Santa Teresa. Situação semelhante ocorreu durante o período assimilacionista na Austrália, quando as escolas, ao desencorajarem as crianças a usarem a língua de seus respectivos grupos étnicos, atuaram como agentes de substituição linguística (CLYNE, 1991);
- c) também as *instituições públicas* de Santa Teresa favoreceram o uso da língua portuguesa, em detrimento da língua minoritária. Com relação ao uso do dialeto no *comércio*, constata-se que seu uso ficou restrito às primeiras gerações. Esses resultados vão ao encontro dos obtidos por Bettoni e Rubino (1966) e Clyne e Kipp (1999) sobre o uso de línguas de imigração na Austrália. Seus trabalhos demonstram que a língua étnica no *comércio* foi utilizada, principalmente, entre os indivíduos da primeira geração de imigrantes;

⁹⁷ Zilio (1986), Bettoni e Rubino (1996), Bettoni (2013) etc.

- d) outro domínio favorecedor da substituição linguística do dialeto pelo português foram os *meios de comunicação*, que facilitaram a penetração da língua portuguesa no domínio doméstico, contribuindo, deste modo, para a sua expansão e, em seguida, para a substituição do dialeto italiano, da mesma forma que havia sido observado por Hill e Hill (1977), em seu estudo sobre a substituição do nahuatl pelo espanhol, no México. Por outro lado, estudos recentes constataam a difusão do uso de línguas minoritárias na internet, principalmente entre as gerações mais jovens (LAMBERT, 2008; RUBINO, 2009, CLYNE e KIPP, 2006; etc.). Entretanto, em Santa Teresa, observa-se justamente o contrário: o elevado uso das novas tecnologias de comunicação vem contribuindo para o aumento da difusão da língua portuguesa e do italiano *standard* entre os informantes das faixas etárias mais jovens, especialmente os da zona urbana do município;
- e) o domínio *religião* também atuou como um fator favorecedor do processo de substituição do uso do dialeto italiano para o português em Santa Teresa. Associado a isso, tem-se o fato de a religião do grupo minoritário ser a mesma do grupo majoritário. Estudos desenvolvidos por Garner (1988) e Rubino (2007) já apontaram que, quando a religião do grupo minoritário é diferente da do grupo majoritário, as instituições religiosas passam a favorecer o processo de manutenção da língua.

Ainda sobre a substituição do dialeto italiano, percebe-se que ela foi motivada por uma série de fatores investigados ao longo deste estudo e que podem ser resumidos nos seguintes tópicos:

- i) a chegada da energia elétrica e a difusão dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, mídia impressa), que determinou o progressivo abandono do modo de vida centrado na família e nas tradições trazidas pelos antepassados;

- ii) o contato maior com outras etnias, originado, sobretudo, pela migração de trabalhadores oriundos de Minas Gerais para a zona rural de Santa Teresa;
- iii) as atitudes negativas dos professores em relação ao uso do dialeto italiano nas escolas;
- iv) o ensino subtrativo da língua portuguesa, que foi ensinada com o intuito de substituir o dialeto italiano, língua materna dos falantes;
- v) a estigmatização do dialeto, que passou a ser visto como “língua da roça” e a ser associado a pessoas de baixa escolaridade e pouca condição econômica a partir da ascensão econômica de alguns membros do grupo italiano;
- vi) a falta de incentivo ou até mesmo a proibição do uso do dialeto pelos pais, ocasionada por seu desejo de ver os filhos assimilando o mais rápido possível a cultura brasileira, para que pudessem, assim, prosperar economicamente.

Diante do exposto, cabe agora averiguar se as hipóteses estipuladas no início desta pesquisa foram confirmadas. Primeiramente, observou-se que os informantes usam o termo *taliàn* para denominar a língua de imigração que é falada em Santa Teresa. Atualmente, o termo *taliàn* - que significa *italiano* nos dialetos da Itália setentrional⁹⁸ - é usado pela maioria dos falantes da faixa etária acima de 60 anos das zonas rural e urbana. Outra denominação utilizada pelos informantes foi o termo *italiano*, empregado sobretudo pelos falantes de 31-60 anos da zona rural. Ambas as constatações confirmam a hipótese de que os informantes de Santa Teresa não utilizam o termo *dialeto* para referir-se à língua de imigração.

Na zona urbana do município, no entanto, observa-se uma mudança do uso do termo *taliàn* para *dialeto*, entre os falantes da faixa etária de 31-60 anos, fato devido, principalmente, ao contato com o italiano *standard*, seja por meio do ensino ou do contato com moradores de município que residiram na Itália.

⁹⁸ Nos dialetos trentinos, vênetsos e lombardos (Cf. BOERIO, 1856; RICCI, 1906 etc.)

Os resultados também confirmam a hipótese de que as habilidades de entender e falar o dialeto são maiores entre os informantes acima de 60 anos e os moradores da zona rural do município. Isso se deve ao fato de que, na zona rural, o dialeto era o veículo de comunicação usado por todos os membros do grupo familiar, enquanto que, na zona urbana, os informantes usavam o dialeto preferencialmente com os mais idosos - seus avós -, sendo que não o usavam com os mais jovens - seus irmãos.

Além disso, deve-se também recordar os efeitos da proibição do uso das línguas de imigração na Era Vargas, que era mais evidente na área urbana do município. Assim, os falantes da zona rural, que viviam mais isolados, conseguiram manter o dialeto dentro do domínio *família*.

Confirmou-se a quinta hipótese estipulada no início deste trabalho, ou seja, verifica-se a importância do fator *idade* do interlocutor para a escolha da língua nos domínios *família*, *vizinhança* e *amizade*: os informantes usavam o dialeto com os interlocutores mais idosos, pois essa era a única língua que eles dominavam, ou a predominante. No entanto, como afirma Clyne (1991), essa escolha acarreta a substituição da língua de imigração, uma vez que seu uso com interlocutores mais jovens favorece a sua transmissão e, conseqüente, a sua manutenção.

Outra hipótese inicialmente levantada era a de que os falantes mais jovens desprestigiavam o dialeto e prestigiavam o italiano *standard*. Entretanto, constatou-se que os relatos negativos em relação ao dialeto remetem ao período de infância dos informantes mais idosos. Os relatos referentes ao uso do dialeto na atualidade o associam a elementos positivos, à vontade explícita de sua manutenção e à recuperação da língua de imigração pelos informantes da faixa etária entre 08-30 anos de idade. Por exemplo, entre os mais jovens, percebe-se uma tentativa de retorno às origens, de valorização da cultura e da língua dos antepassados.

No entanto, somente esta atitude positiva não é suficiente para evitar a substituição da língua minoritária pelo português, principalmente se levado em consideração que falta um aspecto para a sobrevivência do dialeto: a sua funcionalidade. Entre a faixa etária de 08 a 30 anos, observa-se que o

português já foi adotado como língua única; o dialeto é usado pelos jovens da zona rural para cumprimentar e *bestemmiare*.

Conclui-se, assim, que o dialeto italiano está em avançado estágio de substituição linguística e, por isso, faz-se necessário implantar em Santa Teresa políticas linguísticas que visem à sua preservação. Essa necessidade se faz ainda maior após a criação do Inventário Nacional de Diversidade Linguística pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que reconhece o *taliàn* (dialeto italiano) como referência cultural brasileira e, como tal, deve ser preservado.

Em Santa Teresa, no entanto, nenhuma medida efetiva vem sendo tomada em prol da preservação desse dialeto, que, como demonstrado neste estudo, constitui-se em um traço de identidade dos ítalo-teresenses. Ao contrário do esperado, o que se constata é o apoio de associações italianas e do poder político-administrativo para o ensino do italiano *standard* nas escolas de Ensino Fundamental do município.

Repetindo-se o que se disse no início deste trabalho, é importante ressaltar que autores como Frosi e Mioranza (1983, p.80) afirmam que “em breve espaço de tempo, os dialetos no Brasil deixarão de existir como sistema linguístico de comunicação”. Todavia, os autores apresentam algumas possibilidades de uso dos dialetos italianos no Brasil e ainda sugerem “formas de favorecer a preservação, a continuidade e o incentivo do uso do dialeto italiano”, como: incentivar as canções dialetais e pesquisar e registrar as tradições orais.

Dessa forma, pode-se dizer que, ao registrar as tradições orais italianas ainda presentes em Santa Teresa, esta pesquisa também contribuiu, de certo modo, para favorecer a preservação, a continuidade e o incentivo do uso do dialeto italiano nesse município. O que se deseja agora é a tomada de medidas, por parte das autoridades e da sociedade civil, que promovam a preservação do dialeto italiano em Santa Teresa, enquanto ele ainda existe.

8 REFERÊNCIAS

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Language contact and bilingualism*. London et al: Arnold, 1992 [1987].

ANTONELLI, Q. *Storie da quattro soldi: canzonieri popolari trentini*. Trento, Publiprint, Museo del Risorgimento e della lotta per la libertà, 1988.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Imigrantes: estatísticas*. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html>. Acesso em 11 fev. 2013.

ATZINGEN, M.C.V. *História do brinquedo – Para crianças conhecerem e os adultos se lembrarem*. 2 ed. São Paulo: Alegro, 2001. 223p.

BAKER, C. *Foundations of bilingual education and bilingualism*. 5.ed. New York: Multilingual Matters, 2001.

BALBONI, P. E.. *Le sfide di Babele. Insegnare le lingue nelle società complesse*. Collana Le lingue di Babele. 3.ed. Torino: UTET Unibversità, 2012.

BETTONI, C. *Italian in North Queensland. Changes in the Speech of First and Secind Generation Bilinguals*. Townsville: James Cook University, 1981.

_____. *Italiano fuori d'Italia*. In: Sobrero, A. *Introduzione all'italiano contemporaneo: la variazione e gli usi*. Bari: Editori Laterza, 2013, p.411-460.

BETTONI, C.; RUBINO, A. *Emigrazione e comportamento linguistico. Un'indagine sul trilinguismo dei siciliani e dei veneti in Australia*. Galatina: Congedo, 1996.

BIASUTTI, L.C. *Almanaque: Cronologia histórica do município de Santa Teresa-Espírito Santo*. Santa Teresa, 2005.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BODI, M. *Biligualism of Russian Children in Melbourne*. ITL, 1980, p.37-47.

BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire: L'Économie des échanges linguistiques*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1982.

BOERIO, G. *Dizionario del dialetto veneziano*. Venezia: Giunti, 1856.

BORTOLUZZA, A. *Dizionario dell'antico dialetto trentino: 4.000 voci dialettali; proverbi, scioglilingua, indovinelli, filastrocche, cantilene*. Trento: L'Adige, 1997.

BOYD, S. *Language survival: a study of language contact, language shift and language choice in Sweden*. Göteborg: Department of Linguistics: University of Gothenburg, 1985.

BRASIL. Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Brasília, 4 maio 1938. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em: 20 jan.2015

BRASIL. Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Dispõe sobre a instituição do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em: 20 jan.2015.

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. Englewood Cliffs. Nova Jersey: Prentice Hall, 1993.

CANOBBIO, S. *Etnotesto*. In: Beccaria G.L. *Dizionario di Linguistica e di Filologia, metrica, retorica*, Torino, Einaudi, 1996.

COMUNI ITALIANI. Disponível em: <<http://www.comuni-italia.it>>. Acesso em: 10 out. 2014.

CLYNE, M. *Transference and Triggering*. Nijhoff: The Hague, 1967.

_____. *Deutscher idiolekt und deutscher Dialekt in einer zweisprachigen Siedlung in Australien*. *Wirkendes Wort*. 18, 1968a, p.84-95.

_____. *Decay, Preservation and Renewal: Notes on some Southern Australian German Settlements*. *AUMLA*. 29, 1968b, p.33-43.

_____. *Deutsch als Muttersprache in Australien*. Wiesbaden: Franz Steiner, 1981a.

- _____. *Multilingual Australia*. Melbourne: River Seine, 1982.
- _____. *Community languages — the Australian experience*. Melbourne: Cambridge University Press, 1991.
- CLYNE, M.; KIPP, S. *Pluricentric languages in an immigrant context: Spanish, Arabic and Chinese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistics theory: Linguistic Variation and Its Social Significance*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2003.
- CODÒ, E. *Interviews and questionnaires*. In: WEI, L.; MOYER, M. *The blackwell guide to research methods in bilingualism and multilingualism*. Oxford: Blackwell. 2010, p.158-176.
- COLTRO, D. *Paese perduto: la cultura dei contadini veneti*. vol.2.il giro del torototela Ande e cante contadine. Verona: Bertani editore, 1978.
- COLETTI, F. *Dell'emigrazione italiana*. Milano: Hoepli, 1912.
- CORNOLDI, A. *Ande, bal i e cante del Vêneto con particular riguardo al Polesine*. Pádova: Rebellato, 1968, 453p.
- CORTELAZZO, M. *Il veneziano, lingua ufficiale della Repubblica?* In: CORTELAZZO, M. *Guida ai dialetti veneti*. vol. 4. Pádova: CLEUP, 1982.
- COSTA PACHECO, R.J. *Os primeiros anos: conflitos nas colônias agrícolas espírito-santenses. 1847-1882*. In: *Estudos em homenagem a Ceciliano Abel de Almeida*, Vitória, 1978.
- DAEMON, B.C. *Província do Espírito Santo, sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. 2.ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1879.
- DE MAURO, T. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza, 1963.

DEMONER, S. M. *Os imigrantes no Espírito Santo: italianos do Núcleo São João*. Santa Teresa: Projeto Nossas Raízes, 2001.

DERENZI, L. S. *Os italianos no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

DORNYEI, A. *Questionnaires in Second Language Research: Construction, Administration and Processing*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003.

EDWARDS, J. *The context of bilingual education*. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*. vol.2. 1981, p.25-44.

_____. *Language, society, and Identity*. In: FASE, W. JASPAERT, K & KROON (ed.). *Maintenance and Loss of Minority Languages*. Amsterdam: Benjamins Publishing, 1985.

FERRARO, G.; ANDREATTA, S. *Cultural Anthropology: An Applied Perspective*. 8.ed. Belmont, Califórnia: Cengage Publishers, 2010.

FERGUSON, C.A. *Diglossia*. In: *Word*. 15.1959, p.325-430.

_____. *Diglossia*. In: WEI, L. *The Bilingualism Reader*. 2.ed. Londres/Nova York: Routledge, 2000, p.58-73.

FISHMAN, J.A. *Language maintenance and language shift as fields of inquiry*. *Linguistics IX*. 1964, p.32-70.

_____. *Who speaks what language to whom and when*. *Linguistique*. vol.2.1965, p.67-88.

_____. *Sociolinguistic Perspective on the Study of Bilingualism*. New York: Holt, 1967.

_____. *Diglossia, Language in Education*. A source book. Language and Learning Course Team at the Open University. London: Routledge and Kegan Paul, 1972.

_____. *Language and Ethnicity in Minority Sociolinguistics Perspective*. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.

_____. *Bilingualism and biculturalism as individual and societal phenomena*. Journal of Multilingual and Multicultural Development. vol.1, 1980, p.3-15.

_____. *Reversing language shift*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.

_____. *The truth about language and culture*. International Journal of Sociology of Language, vol.109, 1994, p.83-96.

_____. *Sociologia del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p.47-50.

_____. *Handbook of language and ethnic identity*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.

FISHMAN, J. A.; COOPER, R.; MA, R. *Bilingualism in the Barrio*. Language Science Monographs. Bloomington: Indiana University, 1971.

FITZGERALD, M.; DEBSKI, R. *Internet use of Polish by Polish Melburnians: implications for maintenance and teaching*. Language Learning and Technology, 10(1). 2006, p.87–109.

FRANZINA, E. *A grande emigração; o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

FROSI, V.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983.

FROSI, V. M. *Provérbios dialetais italianos*. Chronos (Caxias do Sul), Caxias do Sul, v. 29, n.1, p. 23-43, 1996.

FROSI, V. M.; CARBONI, F.; MAESTRI, M. *Estudos da linguagem: dialetos italianos, variedade do português regional, prestígio e estigmatização*. História, Debates e Tendências (Passo Fundo), v. 5, p. 131-145, 2004.

GAL, S. *Language shift. Social determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria*. New York: Academic Press, 1979.

GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. *Investigating Language Attitudes*. Cardiff: University of Wales Press, 2003.

GARNER, M. *Ethnic languages in two small communities: Swedish and Russian in Melbourne*. In A. Pauwels (Ed.), *The future of ethnic languages in Australia*. (International Journal of the Sociology of Language 72. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1988, p.37-50.

GASS, S.; SELINKER, L. *Second Language Acquisition: An introductory course*. New York, Routledge, 2008.

GILES, H; TAYLOR, D.M.; BOURHIS, R. *Towards a theory of interpersonal accomodation through language: some Canadian data*. *Language in Society*. vol.2. 1973, p.177-192.

GILES, H; BOURHIS, R.; TAYLOR, D.M. *Towards a theory of language in ethnic group relations*. In: GILES, H. (org.). *Language ethnicity and intergroup relations*. London: Academic Press. 1997, p.307-348.

GROSJEAN, F. *Life with two languages*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

GRASSI, C. Italiano e dialetti. In: SOBRERO, A.. *Introduzione all'italiano contemporaneo: la variazione e gli usi*. vol.2. Roma: Laterza, 1993, p.279-310.

GUMPERZ, J.J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press.1982b.

HAUGEN, E. *The Norwegian Language in America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.

_____. *Dialect, language, nation*. *American Anthropologist*. vol.69, n.4. 1966.

_____. *Bilingualism, language contact and Immigrant languages in the United States: A research report*. *Current Trends in Linguistics*. 10. 1973, p.505-92.

HILL, M.; HILL, K. *Language death and relaxification in Tlaxcalan Nahuatl*. *Lingusitics.*, vol.191, 1977.

- HYLTENSTAM, K.; STROUD, C. *Språkbyte och språkbevarande*. Lund: Studentlitteratur, 1991.
- HORNBERGER, N.H; CORONEL-MOLINA, S.M. *Quechua language shift, maintenance, and revitalization in the Andes: the case for language planning*. *International Journal of Sociology of Language*. 167. 2004, p.9-67.
- IBGE. Cidades. Disponível em:
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=320460&search=espírito-santo|santa-teresa>>. Acesso em: 04 jun.2014.
- ISTAT (ISTITUTO NAZIONALE DI ISTATISTICA). 2007. *La lingua italiana, i dialetti e le lingue straniere. Indagine svolte nel maggio 2006*.
<http://www3.istat.it/salastampa/comunicati/non_calendario/20070420_00/testointegrale.pdf> Acesso em: 4 jun. 2014.
- INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. ES em mapas. Disponível em:
<<http://www.ijsn.es.gov.br/Mapas/Consulta/>> Acesso em 10 out. 2014.
- JOHNSTONE, B. *Indexing the local*. In: COUPLAND, N (org.). *Handbook of Language and Globalization*. Wiley-Blackwell, 2010.
- JUNG, N.M. *Identidades sociais na escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngue*. Tese de doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- KEGL, J. Some observations on bilingualism: a book at some data from Slovene-English bilinguals. Master's Thesis. Brown University, 1975.
- KIPP, S. *German languages maintenance and language shift in some rural settlements*.ITL49/50. 1980, p.49-66.
- KLOSS, H. *German-American Language Maintenance Efforts*. In: FISHMAN, *Language Loyalty in the United States*. The Hague: Mouton, 1966, p.206-52.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. 2.ed.New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LAMBERT, W.E. *Culture and language as factors in learning and education*. In: F.E.Aboud & R.D. Meade (org.). *Cultural factors in learning and education*.1974, p.91-122.

LAMBERT, B. E. *Family language transmission: actors, issues, outcomes*. Frankfurt: Peter Lang, 2008.

LEYDI, R. *I canti popolari italiani*. Milano: Mondadori, 1973.

LIEBERSON, S. *How can we describe and measure the incidence and distribution of bilingualism?* In: KELLY, L.G. (org.). Toronto: University of Toronto Press .1969, p.286-289.

LOPORCARO, M. *Profilo linguistico dei dialetti italiani*. 2.ed. Lecce: Editori Laterza, 2013.

MARCATO, C. *Dialetto, dialetti e italiano*. Bologna: Il Mulino, 2007.

_____. *Il plurilinguismo*. Bari:Editori Laterza, 2012.

MARCATO,G; URSINI, F. *Dialetti veneti: grammatica e storia*. Pádova: Unipress, 1998.

MACKEY, W.F. *How can bilingualism be described and measured?* In: KELLY, L.G. (org.). Toronto: University of Toronto Press (1969), 1966, p.2-9.

_____. *The Description of bilingualism*.In: FISHMANN, Joshua A.(ed.). *Reading in the Sociology of language*. 3.ed.The Hauge: Mouton, 1972, p.554-584.

MACNAMARA, J. The linguistic independence of bilinguals. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*. 6, 1967, p.729-736.

McLAUGHLIN, B. *Second language acquisition in childhood*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.

MILARDO, R. *Families and social networks: an overview of theory and methodology*. In: MILARDO, R(ed.). *Families and social networks*. Newbury Park, CA: Sage, 1988, p.13-47.

- MILROY, J.; MILROY, L. Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, 21, 1985. p.339-384.
- MILROY, L. *Language and social networks*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1987.
- MILROY, L; GORDON, M.J. *Sociolinguistics: methods and interpretation*. Malden, MA: Blackwell, 2003.
- MILROY, L. *Social Networks*. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (org.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden, MA: Blackwell, 2004. p. 549-572.
- MYERS-SCOTTON, C. *Multiple voices: an introduction to bilingualism*. Malden, MA: Blackwell, 2006.
- MULLER, F. Fundação e fatos históricos de Santa Teresa. Coleção Cadernos de História. Vitória: Instituto histórico e geográfico do Espírito Santo. 2000[1925].
- NAGAR, C. *O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana*. Relato do Cavaleiro Carlo Nagar Consul Real em Vitória. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1995 [1895].
- NIGRA, C. *Canti popolari del Piemonte*, Torino: Einaudi, 1957[1888].
- NOLIANI, C. *Canti del popolo triestino*. Trieste: Libreria Internazionale Italo Svevo, 1972.
- NORTIER, J. *Types and Sources of Bilingual*. In: WEI, L.; MOYER, M. *The blackwell guide to research methods in bilingualism and multilingualism*. Oxford: Blackwell. 2010, p.36-52.
- NOVAES, M.S. *História do Espírito Santo*. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1968.
- OLIVEIRA, J. T. *História do Estado do Espírito Santo*. 2.ed. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

PAUWELS, A. *Immigrant dialects and Language Maintenance in Australia: The cases of the Limburg and Swabian Dialects*. Topics in Sociolinguistics 2. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PAULSTON, C.B. *Linguistic minorities in multilingual settings: implications for language policies*. Amsterdam: J. Benjamins, 1994.

PEDROTTI, S. *Canti popolari trentini*, 2.ed. Trento: Saturnia, 1976.

PELEN, J.N. Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. Trad. Maria T. Sampaio. In: Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História (PUC-SP), v.22, p. 49-77, 2001.

PELLEGRINI, G. B. *Carta dei dialetti d'Italia*. Pisa: Pacini, 1977.

PETRONE, Pasquale. 2004. *Aspectos geográficos da área de colonização antiga do estado do Espírito Santo*. Vitória: IHGES.

POPLACK, S. SANKOFF, D. MILLER, C. *The social correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation*. Linguistics, v.26, p.47-104, 1988.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA TERESA. Turismo. Disponível em: <<http://santateresa.es.gov.br/noticia/35/XVI-Festa-do-Vinho-e-da-Uva.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

RASINGER, S.M. *Language shift and vitality perceptions amongst London's second-generation Bangladeshis*. Journal of Multilingual and Multicultural Development, vol.34, p.46-60, 2013.

RICCI, V. *Vocabolario trentino-italiano*. Trento: Arnaldo Forni Editore, 1904.

RINDSTEDT, C.; ARONSSON, K. *Growing up monolingual in a bilingual community: The Quichua revitalization paradox*. Language in Society, 2002.

ROCHA, L. *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: Editora de Brasília, 1971.

ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo 1847-1896*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1984.

ROHLFS, G. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*. Torino: Einaudi, 1966.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1995.

RUBINO, A. *Immigrant minorities: Australia*. In: M. Hellinger and A. Pauwels (org.), *Handbook of language and communication: diversity and change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.

SIGUAN, M.; MACKAY, W. *Educazione e bilinguismo*. : Insula Edizioni, 1992.

SMOLICZ, J.J.; HARRIS, R.McD. *Ethnic languages and Immigrant Youth*. In: CLYNE, Michael. *Australia Talks*. Pacific Linguistics D23. Canberra: Department of Linguistics, Research School of Pacific Linguistics, Australian National University. 1976a, p.131-175.

SORCINELLI, P. *Per una storia sociale dell'alimentazione. Dalla polenta ai crackers*. In: Capatti, A. De Bernadi, A. Varni, A. Storia D'Italia. L'Annali 13 - L'alimentazione, 1998. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1998. p.453-90.

TAJFEL, H. *Social Identity and Intergroup Behavior*. In: *Social Science Information*. 1974.

TITONE, R. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. 2.ed Roma: Armando, 1993.

TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

_____. *On Dialect: Social and Geographical Perspectives*. Oxford: Blackwell, 1983.

_____. *Introducing language and society*. London: Penguin, 1992.

VANSINA, J. *Oral tradition as history*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1985.

WEI, L. *Three generations, two languages, one family language choice and language shift in a Chinese community in Britain*. Clevedon: Multilingual Matters, 1994.

_____. *The Bilingualism Reader*. 2.ed. Londres/Nova York: Routledge, 2000.

WEINREICH, U. *Languages in contact: Findings and problems*. The Hague; Paris: Mouton, 1974[1953].

WILLIAMS, F.G. *Portuguese bilingualism among Azoreans in California*. Hispania. 1980.

WOODS, A. *Medium or message? Language and faith in ethnic churches*. Clevedon: Multilingual Matters, 2004.

WU, S.M. Maintenance of the Chinese language in Australia. *Australian Review of Applied Linguistics*.18(2). 1995, p.105–136.

ZAMBONI, A. *Veneto*. Pisa: Pacini, 1974.

ZENTELLA, A.C. *Language and female identity in the Puerto Rican community*. In: PENFIELD, J (org.). *Women and Language in Transition*. Albany: SUNY Press, 1987, p.167-179.

_____. *Growing up bilingual: Puerto Rican children in New York*. Maden, MA: Blackwell, 1997.

— APÊNDICES —

APÊNDICE A - Roteiro de perguntas para a entrevista semiestruturada

- 1) Qual e seu nome, sua idade e até que ano estudou?
- 2) É casado, tem namorado?
- 3) Tem filhos? Quantos? Mais gente mora na casa?
- 4) O que faz durante o dia? (trabalha ou estuda?) E à noite?
- 5) Você gosta de esporte? Pratica algum? O que costuma fazer nas horas livres?
- 6) Este lugar sempre teve esse nome? Você sabe quem sugeriu?
- 7) Você gosta do lugar onde mora? Por quê? Pretende sair daqui alguma época? Para onde?
- 8) A vida aqui é boa? Quais as dificuldades que vocês costumam enfrentar aqui? O que está faltando?
- 9) Quem era italiano na sua família? De que região da Itália sua família veio?
- 10) Você sabe histórias de sua família na Itália? E da chegada ao Brasil? Quais?
- 11) Quando sua família italiana chegou ao Brasil? Por que eles vieram para o nosso país e para o Espírito Santo? Como foi a viagem deles para cá?
- 12) Quando eles chegaram ao Brasil, onde eles foram morar? Quais foram as maiores dificuldades que eles enfrentaram quando chegaram a esta região? Eles trabalhavam em quê?
- 13) Como era esta região quando eles chegaram aqui? Já era um povoado, tinha muitas famílias, ou não?
- 14) Eles gostavam de viver aqui?

15) Como era a sua família? Tinha muitas pessoas em casa? Eles conversavam em italiano? Você se lembra de alguma história que eles contavam? E músicas?

16) Como os homens das famílias italianas costumavam se comportar em casa na convivência com suas mulheres? Eram bravos, severos, mandões, ou eram afetuosos?

17) Qual era o papel da mulher nessa comunidade?

18) E como eram os pais (e mães) na relação com os filhos? E a relação entre irmãos e entre os parentes e amigos? Como era a educação dos filhos? Como era a infância naquela época? E a sua infância, como foi? Que lembranças, boas ou ruins, você tem a esse respeito? A educação dos filhos mudou muito daquele tempo até hoje?

19) Como era a relação da sua família com pessoas nascidas no Brasil, em especial com os negros? Havia algum tipo de preconceito?

20) Como você vê os seus antepassados italianos que vieram para o Brasil (falavam alto, eram brigões, afetuosos, extrovertidos, etc.)? E os atuais descendentes?

21) A cultura italiana está presente na região onde você? Nas brincadeiras e jogos, na linguagem?

22) E a religião como eram as celebrações, missas, festas, semana santa, festa do santo padroeiro...?

23) E a alimentação dos antepassados, como era? Você sabe fazer alguma comida italiana? Diga como se faz uma.

24) Você já ouviu alguém falar italiano aqui na região? Onde a língua é falada (igreja, encontros, etc.)?

25) Por que você acha que o italiano deixou de ser falado pelos descendentes?

26) Tinha alguém da sua família que falava com sotaque mais carregado? Como as outras pessoas encaravam isso: havia preconceito? E você, como se sentia?

27) Você ou sua família ainda tem contato com parentes fora do Brasil?

28) Se pudesse, você iria viver na Itália? Por quê?

29) Que sentimentos você tem em relações a ser de origem italiana? Você tem orgulho de ser descendente de italiano? Já pensou em ter dupla cidadania? Por quê?

30) Num jogo entre a Itália e o Brasil, para quem você torceria? E se o jogo fosse entre o Itália e outro país?

31) Há alguma coisa (fato, caso ou história) que você gostaria de acrescentar?

APÊNDICE B - Ficha para elaboração do histórico dos entrevistados

Nome completo	
Sexo	
Idade	
Estado Civil	
Profissão	
Nível de instrução escolar	
Religião	
Localidade de Nascimento	
Local de residência (fração do município)	
Local de residência (passados)	
Nome completo e local de nascimento do pai	
Nome completo e local de nascimento da mãe	
Nome completo e local de nascimento do avô paterno	
Nome completo e local de nascimento da avó paterna	
Nome completo e local de nascimento do avô materno	
Nome completo e local de nascimento da avó materna	

APÊNDICE C - Questionário Sociolinguístico

- 1) Como se chama o italiano que é falado aqui em Santa Teresa?
- 2) O senhor(a) fala italiano?
- Caso sim. Podia falar "um pouquinho"?
- 3) O senhor(a) entende italiano?
- 4) O senhor(a) escreve em italiano?
- 5) O senhor(a) lê em italiano?
- 6) O senhor(a) estudou italiano na escola? Gostaria de ter estudado?
- 7) Qual língua o senhor(a) gosta de falar mais?
- 8) Na sua opinião, o italiano deveria ser ensinado nas escolas?
[] sim [] não
- 9) E qual italiano o senhor(a) acha deveria ser ensinado nas escolas?
[] Dialeto italiano/talian [] Italiano padrão (gramatical) . Por quê?
- 10) Na sua opinião, qual língua é mais bonita?
[] Dialeto italiano [] Português [] Italiano padrão (gramática)
- 11) Onde o senhor(a) aprendeu a falar português?
- 12) Onde o senhor(a) aprendeu a falar italiano?
- 13) Na infância, com qual frequência o senhor(a) falava em italiano com:

	Sempre	às vezes	nunca
Pai			
Mãe			
Irmãos			
Avós			
Outros parentes			
Amigos			
Professor(a)			
Colegas de escola			
Vendedor (venda, loja, bar...)			

Vizinhos			
Padre			
Desconhecidos			
Instituições Públicas ⁹⁹			

14) Atualmente, com qual frequência o senhor(a) fala em italiano com:

	Sempre	às vezes	nunca
Marido/esposa			
Pai			
Mãe			
Irmãos			
Filhos			
Netos			
Avós			
Outros parentes			
Amigos			
Vendedor (venda, loja, bar...)			
Vizinhos			
Padre			
Desconhecidos			
Colegas de trabalho			
Instituições Públicas			

15) O senhor(a) costuma cumprimentar as pessoas em italiano?

16) Quem o senhor costuma cumprimentar em italiano?

Parentes [] Amigos [] Conhecidos []

Vizinhos [] Colegas de trabalho [] Todos []

Alguma pessoa em particular. Citar o nome:.....

17) Onde o senhor(a) costuma cumprimentar as pessoas em italiano?

Na rua []

Em casa []

Outro lugar. Citar:

⁹⁹ Funcionários de instituições públicas e oficiais (Prefeitura, bancos, cartórios, etc.).

18) O senhor(a) sonha em italiano? Sempre [] As vezes [] Nunca []

19) O senhor(a) reza em italiano? Sempre [] As vezes [] Nunca []

20) O senhor(a) pensa em italiano? Sempre [] As vezes [] Nunca []

21) O senhor(a) xinga/*bestemia* em italiano?

Sempre [] As vezes [] Nunca []

22) O senhor(a) faz cálculos matemáticos mentais em italiano?

Sempre [] As vezes [] Nunca []

23) Com que frequência você lê algum material (revista, jornal, livro, etc.) nas seguintes línguas:

Português Sempre [] As vezes [] Nunca []

Dialeto italiano Sempre [] As vezes [] Nunca []

Italiano padrão Sempre [] As vezes [] Nunca []

24) Com que frequência você assiste programas de televisão nas seguintes línguas:

Português Sempre [] As vezes [] Nunca []

Dialeto italiano Sempre [] As vezes [] Nunca []

Italiano padrão Sempre [] As vezes [] Nunca []

25) Com que frequência você acessa sites da internet nas seguintes línguas:

Português Sempre [] As vezes [] Nunca []

Dialeto italiano Sempre [] As vezes [] Nunca []

Italiano padrão Sempre [] As vezes [] Nunca []

26) Com que frequência você ouve programas de rádio nas seguintes línguas:

Português Sempre [] As vezes [] Nunca []

Dialeto italiano Sempre [] As vezes [] Nunca []

Italiano padrão Sempre [] As vezes [] Nunca []

27) Com que frequência o dialeto italiano é usado na Igreja ou em atividades religiosas em Santa Teresa?

28) O que vem à sua mente quando você pensa na Itália?

Miséria

Alimentação (Exemplo: vinho, massas)

Seriedade

Guerra

Trabalho

Moda/designer (Exemplo: carros de luxo, Ferrari, Dolce & Gabbana)

Outros _____

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido

Aluna-pesquisadora: Sarah Loriato Rodrigues

Instituição/ocupação: Aluna regularmente matriculada no curso de Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo.

RG n^o:

Endereço:..... Telefone:.....E-mail:.....

O senhor (a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa que procura analisar aspectos da cultura e da imigração italiana em Santa Teresa. Este estudo está sendo realizado ao interno do projeto “Línguas em contato: O português e o italiano no Espírito Santo”, coordenado pela profa. Dra. Edenize Ponso Peres, da Universidade Federal do Espírito Santo. Para poder participar é necessário que o senhor (a) leia este documento com atenção.

O propósito deste documento é informá-lo sobre a pesquisa e, se assinado, contém seu consentimento em participar deste estudo. Sua decisão em participar é voluntária, podendo interromper a sua participação no estudo, por meio desta entrevista, a qualquer momento, sem dar explicações.

A entrevista receberá um código que substituirá o seu nome. Todos os dados coletados serão mantidos de forma confidencial e serão utilizados tão somente para publicações e eventos de caráter científico sobre o assunto pesquisado. Porém, sua identidade não será revelada em qualquer circunstância.

Declaração de Consentimento

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Local e data: Assinatura: